

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Carmen Backes

O QUE CONSOME O ADOLESCENTE?

Porto Alegre

2011

Carmen Backes

O QUE CONSOME O ADOLESCENTE?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora:
Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer

Linha de Pesquisa: Ética, Alteridade e Linguagem na Educação

Porto Alegre

2011

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B255q Backes, Carmen

O que consome o adolescente? / Carmen Backes; orientadora: Rosa Maria Bueno Fischer. Porto Alegre, 2011.

145 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011, Porto Alegre, BR-RS.

1. Adolescente. 2. Consumo. 3. Objeto. 4. Fetiche. 5. Falo. I. Fischer, Rosa Maria Bueno. II. Título.

CDU – 159.922.8

Carmen Backes

O QUE CONSOME O ADOLESCENTE?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 20 jan. 2011.

Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer – Orientadora

Profa. Dra. Clarice Salete Traversini – UFRGS

Profa. Dra. Maria Cristina Candal Poli – UFRGS

Profa. Dra. Maria da Glória Sadala – UVA 5

*Luísa, para que
os sonhos não envelheçam e guardem
sempre ares adolescentes.*

AGRADECIMENTOS

À Profa Dra. Rosa Maria Bueno Fischer, minha orientadora, pelo acolhimento, pela leitura paciente das “estrangeirices”, pelas orientações precisas.

À Profa. Dra. Maria Cristina Candal Poli pela atenta leitura que colocou em destaque os elementos norteadores de minha escrita.

Aos integrantes da Banca de Qualificação: Prof. Dr. Eduardo Ely Mendes Ribeiro, Profa. Dra. Maria Cristina Candal Poli e Profa. Dra. Simone Moschen Rickes.

Aos integrantes da Banca de Defesa: Profa. Dra. Clarice Saete Traversini, Profa. Dra. Maria da Glória Sadala e Profa. Dra. Maria Cristina Candal Poli.

À Roséli, cujos apontamentos, em alguns momentos, permitiram avançar no trabalho.

Aos colegas Marta Pedó e Luiz Fernando Lofrano de Oliveira pelo auxílio nas traduções.

Também à Valéria Rilho, Cleuza Bueno e todos os outros amigos e colegas da APPOA a quem frequentemente recorri pessoalmente ou as suas produções escritas, para desdobrar interrogações.

Aos integrantes dos grupos de estudo que coordeno na Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), ouvintes atentos das construções teóricas desta tese.

Por último, mas não com menor importância, agradeço aos adolescentes que acompanhei em análise, pois este trabalho contém muito do que com eles aprendi.

RESUMO

A tese trata da relação dos jovens com o consumo e parte da constatação de que a adolescência surge a partir da metade do século XX, como categoria diferenciada da infância e da idade adulta e simultaneamente como consumidora por excelência, tornando-se alvo principal da mídia e da indústria do *marketing*. Analisa o lugar que no social se recorta para o adolescente e sua relação particular com os objetos de consumo – entendendo que esse grupo parece estar predominantemente mais ligado ao *delivery*, ao *self-service* e à vida nos *shopping centers* do que a compromissos políticos, culturais e sociais. Parte da equivocidade da expressão “o que consome o adolescente” e centra a discussão naquilo que o consome. Tomando a Psicanálise como base conceitual, o tema foi abordado a partir da relação do sujeito ao objeto, passando pela sua constituição na relação com o Outro originário, em que o conceito do *das Ding* remete à mais precoce inscrição do objeto na relação ao outro materno. Analisa o papel da sublimação, como um dos destinos das moções pulsionais originariamente dirigidas ao objeto primordial, pois o processo sublimatório é um modo de haver-se com a falta e buscar outros destinos para as pulsões. A frouxidão na operação simbólica da castração dificultaria este processo, produzindo no adolescente a ancoragem numa inibição. Tal dificuldade pode colocar em jogo uma série de artifícios, dentre eles aquele que elege objetos-fetice para dar conta imaginariamente de algo que não poderia faltar: o falo imaginário. Conclui-se, na tese, que a aderência ao objeto-fetice pode se oferecer como possibilidade de trânsito em torno da operação de castração, na relação do adolescente ao falo materno, e que os objetos de consumo tomam forma privilegiada no lugar de auxiliares no encobrimento desta hiância. A pesquisa teórica mostra ainda que, na experiência adolescente, algumas modalidades de recusa da ausência do falo materno entram em vigor, denotando certo funcionamento fetichista, imiscuído na neurose, o que parece convocar o adolescente a fazer uma tentativa de positivação do falo, através de objetos de escolha e compartilhamento coletivo. Finalmente, aponta-se que tal forma de positivação estaria numa relação direta com a dificuldade de inscrição simbólica da diferença dos sexos, ou seja, da operação de castração e da aceitação da ausência do falo; aponta-se ainda que o objeto fetice ocuparia uma função ortopédica que falha na sua intenção, pois necessita ser reiterado sistematicamente, assim como o objeto precisa ser substituído indefinidamente.

Palavras-chave: **Adolescência. Consumo. Objeto. Fetice. Falo.**

ABSTRACT

The thesis deals with the relation of young people with consumption and comes from the observation that adolescence has its origins in the middle of the twentieth century, as a category different from childhood and from adulthood and simultaneously as consumer by excellence, becoming the media and marketing industry main target. It analyses the place that in the social is reserved for the adolescent and his/her particular relation with the consumption objects – understanding that this group seems to be predominantly more connected with the *delivery*, with the *self-service* and with the life in the *shopping malls* than with political, cultural and social commitments. It comes from the equivocity of the expression “what consumes the adolescent” and focuses the discussion in what consumes him/her. Taking psychoanalysis as conceptual basis, the theme was approached beginning with the relation of the subject with the object, passing through his constitution in relation to the originary Other, in which the concept of *das Ding* refers to the earliest inscription of the object in the relation with the maternal other. It analyses the role of sublimation, as one of the destinies of the drive motions originally directed towards the primordial object, as the sublimatory process is a means of dealing with the lack and of searching for other destinies to the drives. The looseness in the castration symbolic operation would make this process more difficult, producing in the adolescent the anchorage in an inhibition. Such a difficulty may bring to play a series of artifacts, among them the one that elects fetish objects to imaginarily deal with something that could not lack: the imaginary phallus. It is concluded, in the thesis, that the adherence to the fetish object may be offered as a possibility of going around the castration operation, in the relation between the adolescent and the maternal phallus, and that the objects of consumption assume a privileged form as assistants in covering this lack. The theoretical research still shows that, in the adolescent experience, some modalities of refusal of the absence of the maternal phallus come into force, denoting a certain fetishist functioning, tamped in the neurosis, what seems to invoke the adolescent to make a trial of positivating the phallus, through objects of choice and collective sharing. Finally, it is pointed out that such a way of positivating would be in direct relation with the difficulty of a symbolic inscription of the sexual difference, that is, of the castration operation and the acceptance of the absence of the phallus; it is still pointed out that the fetish object would take an orthopedic function that fails in its intention, as it needs to be systematically reiterated, as well as the object needs to be indefinitely substituted.

Keywords: Adolescence. Consumption. Object. Fetish. Phallus.

SUMÁRIO

1 O ADOLESCENTE E SEUS REFERENTES	10
1.1 ADOLESCENTE CONSUMIDOR-ADOLESCENTE CONSUMIDO	15
1.2 OS OBJETOS DA ADOLESCÊNCIA E A EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO	18
1.3 A ADOLESCÊNCIA E OS RITUAIS DE PASSAGEM.....	28
1.4 O ESTÁDIO DO ESPELHO E SUA RECONSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA	35
2 O ESTATUTO DO OBJETO	41
2.1 A SUBLIMAÇÃO E A COISA	45
2.2 O OBJETO E A COISA	51
2.3 HEIDEGGER E A COISA	57
2.4 A OBRA DE ARTE CINGE A COISA	60
2.5 AMOR CORTÊS, SUBLIMAÇÃO, A COISA	61
2.6 A INSCRIÇÃO DO OBJETO E OS COMPLEXOS FAMILIARES	65
2.6.1 O Complexo do Desmame	67
2.6.2 O Complexo de Intrusão	69
2.6.3 O Complexo de Édipo	71
3 ADOLESCÊNCIA E CONSUMO	74
3.1 A ADOLESCÊNCIA COMO UM MODO DE VIDA.....	77
3.2 INIBIÇÃO E COMPULSÃO (NA NEUROSE OBSESSIVA)	79
3.2.1 Inibição	81
3.2.2 Sintoma	84
3.3 LUGAR DO DINHEIRO NA SUBJETIVIDADE.....	86
3.4 METAMORFOSES DO OBJETO.....	89
3.5 O OBJETO FETICHE.....	100
3.6 OBJETO POSITIVADO E INIBIÇÃO.....	104
3.7 LACAN E O OBJETO CAUSA DO DESEJO.....	108
3.8 OS OBJETOS DAS PULSÕES.....	110
4 A RECUSA ADOLESCENTE	123
4.1 O ENCONTRO COM O FEMININO	126
4.2 TRÂNSITO EM TORNO DO FALO MATERNO.....	128
4.3 MODALIDADES DA RECUSA.....	131
REFERÊNCIAS	139

“*Longe de nós a pretensão de resolver tal enigma. A tarefa consiste em ver o enigma*”.

Heidegger, 1950.

1 O ADOLESCENTE E SEUS REFERENTES

O século XX poderia ser denominado como aquele em que vimos acontecer as maiores revoluções. A já desgastada frase “nunca aconteceu tanto em tão pouco tempo” faz com que Hobsbawm (2001) sugira a expressão “o breve Século XX” para se referir a este que teria sido o maior e mais longo em transformações. Vimos a eclosão de duas grandes guerras (e também o holocausto e a bomba atômica); ascensão e queda de regimes comunistas; promoção do capital; acesso das mulheres a atividades remuneradas; postos de trabalho desaparecendo; o desemprego assolando, e máquinas - como o computador - dominando; a revolução no lar que se operou não somente pela saída de casa da mulher, como também pela invenção de um novo cotidiano, com um sem número de utilidades domésticas, que vão desde a geladeira, passando pela televisão, até chegar ao micro-ondas. Assistimos também ao incremento do hábito das compras, através do *self-service*, do qual a invenção do supermercado é o maior exemplo. A indústria da propaganda acompanhou garrafas de vidro que atravessaram o século¹. Em suma, o mundo antigo, datado de até oito mil anos, encontra o novo em apenas cem anos: dispensamos o arado e chegamos à Lua.

Imersos numa sensação de ressaca histórica – resultado de cem anos de aceleradas transformações e da incapacidade institucional e coletiva dos seres humanos de se acomodarem a elas rapidamente – que testemunha um movimento ininterrupto, inúmeros fatos acontecendo ao mesmo tempo, sensação de excesso. Os anos 90 tornam visível uma melancolia fim de século e assistem aos jovens vivendo um “presente contínuo” e empenhados no consumo imediato.

É neste contexto que vemos surgir o adolescente, surgido após a infância, impulsionado pelos efeitos corporais da puberdade, mas que, todavia, ainda não é um adulto. Vemos também surgir a sociedade do espetáculo, sociedade do consumo, indústria do

¹ Referência à garrafa de *Coca Cola*, considerada por alguns como o produto de *marketing* do século. Ficou vinculada também à imagem de Marilyn Monroe, que se popularizou no período pós-segunda guerra, em que as tropas voltavam para casa e eram recebidas com entusiasmo pelo governo e pela população americana. Começavam a inventar o que seria chamado mais tarde de *american way of life* que iniciou com o estilo “Juventude Transviada” de James Dean, Marlon Brando e outros. Estes ícones da cultura jovem americana estavam incorporados a um contexto que contemplava um “kit jovem rebelde”: as motos *Harley Davidson* modificadas para o estilo *chopper*, demonstrando a individualidade de cada proprietário; os óculos escuros *Rayban*; a brilhantina no cabelo cortado como soldado em férias (um pouco mais comprido que o padrão militar); as jaquetas de couro tipo avião customizadas com brasões e símbolos de guerra; as calças jeans da *Levi Straus & Co* (hoje simplesmente *Levi's*); o hábito de fumar cigarros *Marlboro* e consumir *Coca Cola*.

espetáculo, indústria do consumo. Tantas expressões para fazer referência a um sistema que rege a organização da sociedade contemporânea já fazem supor certa discordância teórica em torno deste tema. Canclini (2006) argumenta que fazemos parte de redes sociais ocupando-nos do consumo. O consumo pode efetivamente ser um modo de pertença social? De fato, encontramos formas diversas de pertencimento que se delimitam por ele: consumimos um bairro – Moinhos de Vento; uma rua – Padre Chagas, e se consumimos, pertencemos um pouco a este universo.

De início, gostaria de destacar quatro produções típicas do século XX, a saber: a adolescência ao se destacar da infância e da idade adulta conquista estatuto próprio; o consumo que se estabelece pós-revolução industrial ganha agora seu apogeu; o adolescente se localiza no lugar do ideal de sujeito contemporâneo; e o adolescente se constitui como consumidor-consumido.

A juventude como sinônimo de rebeldia é uma produção pós-guerras, que aos poucos vai-se constituindo como o ideário do indivíduo moderno. Em outros momentos da história a adolescência não se coloca desta forma como o ideal a ser preservado, mantido ou alcançado, mas sim, mais fortemente, como uma etapa a ser vencida através de processos educativos. Contudo, é somente depois da Segunda Guerra que a juventude passa a se colocar como aquilo que os adultos querem imitar e manter como imagem; este período começa a ser enaltecido, e o jovem torna-se o paradigma do sujeito contemporâneo. A elevação deste período da vida a uma condição de ideal não traria consequências como, por exemplo, algo que se verifica na contemporaneidade, que é o seu prolongamento e a postergação da entrada numa posição adulta? A favor desta interrogação poderíamos sugerir que não é indiferente para o adolescente que ele se encontre com pais também adolescentes, ou com pais que já tenham operado a ‘passagem adolescente’.

Muito já foi escrito sobre a história da infância, da família, do casamento, contudo, não há uma obra de referência sobre a história da adolescência. Talvez, justamente, por ser considerada como uma invenção recente datada da segunda metade do século XX. É no pós-Segunda Guerra que a adolescência destaca-se das outras “etapas da vida”, vindo a se constituir como aquele período que empurrou “a infância para trás e a maturidade para frente” e ganha, talvez pela primeira vez na história, um lugar social. Quais as condições que favorecem este fenômeno? Quais suas consequências? O que poderíamos inferir acerca do lugar que no social se recorta para o adolescente?

Faz parte do senso comum a idealização da adolescência, pois este é a imagem do sujeito despreocupado, isento de qualquer compromisso e que tem ainda a possibilidade de

realizar todo e qualquer projeto, inclusive aqueles que os adultos deixaram para trás. Faz parte também deste imaginário a ideia de que a adesão ao consumo, principalmente do lado dos adolescentes, é efeito da mídia, da indústria do *marketing* e também responsabilidade dos pais que teriam falhado na transmissão de valores e na educação dos filhos. Por outro lado, não estar de acordo com o “século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, da saúde, do exibicionismo”, dos corpos sarados e do consumo generalizado (KEHL, 2009, p.22), é estar *out*, desalinhado, depressivo. Evidentemente ninguém quer estar por fora ou incluído na categoria dos entristecidos. De quais recursos o adolescente dispõe para “lidar” com esta ordem de coisas que dá sentido e sustenta a vida social deste início de século?

Da mesma forma que a adolescência, o consumo é também um produto do século XX. A Revolução Industrial, desde seu início em 1760 até 1850, restringiu-se à Inglaterra, tida como a “oficina do mundo”. Neste período, a ênfase foi a produção de bens de consumo, especialmente têxteis. É na segunda metade do século XIX – 1850 a 1900 – que a Revolução espalha-se pela Europa (Bélgica, França, Alemanha e Itália), América (Estados Unidos) e Ásia (Japão e Rússia). Porém, é no período de 1900 até os dias atuais que surgem os grandes conglomerados industriais e multinacionais, a produção se automatiza, cria-se a produção em série e explode a sociedade de consumo de massas, com a expansão dos meios de comunicação.

Assim, o consumo é um fenômeno mundial e teve seu *boom* no século recém-terminado. Sem escolher idade, estende-se por todas as faixas etárias e sociais. A cultura também está sendo mercantilizada segundo alguns pensadores, críticos da contemporaneidade. Canclini (2006) chama a atenção para um fenômeno que se operou depois da segunda metade do século XX, qual seja, o de que a cultura também passa – junto com outros produtos de consumo – a ficar subordinada aos critérios do lucro.

Segundo Sennett (2006), Honoré de Balzac teria sido o artista que mais escreveu sobre as paixões auto-consumptivas, aquelas que arrefecem tão logo o objeto de desejo tenha sido alcançado.

Em *O Pai Goriot*, Balzac imagina que essa psicologia corporifica uma transição social, uma mudança dos antiquados camponeses que se apegavam a tudo que acumularam para personagens mais cosmopolitas envolvidos com desejos materiais que se extinguem uma vez consumados. (SENNETT, 2006, p. 129).

Essa mudança social teria ocorrido, ainda segundo o autor, por conta do “aumento das rendas salariais disponíveis para serem gastas de maneira mais livre e regular ou ainda a cornucópia de coisas que se tornou possível comprar graças à produção mecânica.” (SENNETT, 2006, p.129).

A intemperança e o desperdício se combinam na paixão auto-consumptiva. Se pudéssemos espiar o armário da residência de um funcionário parisiense do antigo regime, por exemplo, encontraríamos apenas alguns poucos vestidos femininos, talvez dois conjuntos de roupas masculinas e sapatos passados de mão em mão através das gerações – tudo feito à mão. Na época de Balzac, a produção mecânica ao mesmo tempo reduzia o custo e aumentava o volume desses produtos comuns. Só pelo meado do século XIX tornou-se possível para uma família de recursos modestos contemplar a possibilidade de jogar fora os sapatos velhos em vez de consertá-los, ou possuir um guarda roupa adaptado às mudanças de estação. (SENNETT, 2006, p. 129).

A paixão auto-consumptiva ganha várias explicações: uma delas acusa a publicidade e os meios de comunicação de massa por “causarem este mal”. Outra julga que os produtos são feitos para durar pouco para que o consumidor possa comprar sempre coisas novas. Tratar-se-ia de uma obsolescência consumidora planejada. Neste último caso a indústria da produção é o agente do mal e ambas tomam o consumidor num papel passivo.

Na Psicanálise, que será o campo em que situarei as questões de pesquisa, não encontramos especificamente delineada a relação ao consumo, mas sim a relação ao objeto. Desta forma, utilizaremos as contribuições de outros campos para situar a delimitação entre consumo e consumismo. Elegemos o sociólogo polonês Bauman (2008), por considerá-lo relevante para contribuir com o diálogo sobre o tema. Este autor define o consumo como algo comum e corrente, atividade que toma a todos, de forma indiferenciada, cotidiana e que pode, até mesmo, dispensar organização e planejamento. Se tomado no seu aspecto relativo à sobrevivência dos humanos, torna-se uma “condição permanente e irremovível” e um fenômeno tão antigo quanto a história da humanidade.

Uma grande revolução teria ocorrido quando da passagem desta modalidade de consumo para o consumismo. A partir daí, o consumo passou a estar relacionado aos fatores que determinam o estilo e a qualidade de vida, funcionando como um fixador de padrões das relações sociais, elemento central para a maioria das pessoas e praticamente o único propósito de sua existência. É aí também que o desejo passa a sustentar a economia e o consumismo torna-se um tipo de configuração social resultante do rearranjo de vontades e anseios humanos comuns, “transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade.” (BAUMAN, 2008, p. 41). Ao mesmo tempo, esta nova modalidade de consumo coordena a

integração e a estratificação das classes sociais, “além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.” (BAUMAN, 2008, p. 41)

Assim, defende o autor, o consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação **dos seres humanos**, difere do consumismo que é uma característica **da sociedade**, passando a ser uma força externa, à qual o indivíduo situa-se em posição alienada. Esta força externa coloca “a sociedade de consumidores em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais.” (BAUMAN, 2008, p. 41).

Bauman (2008) defende a tese de uma profunda mudança naquilo que os indivíduos querem, desejam e almejam, a partir da “revolução consumista”, pois os bens e objetos passam a estar para além da necessidade, conforto ou segurança dos indivíduos. No consumismo, o volume e intensidade dos desejos são sempre crescentes e os produtos têm uso imediato como também rápida é a sua substituição. Para isto o autor utiliza a expressão “obsolescência embutida”.

A nova economia baseia-se no excesso, no desperdício e no ritmo incessante de produção de novidades. Um paradoxo norteia a sociedade de consumo assim constituída: existe um hiato entre a promessa de satisfação e o seu cumprimento e ela prospera enquanto consegue perpetuar a não satisfação dos clientes consumidores. “O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores.” (BAUMAN, 2008, p. 64). Este é um elemento importante e que iremos retomar no tópico 3.6, ao tratar da necessidade da destituição do objeto para viabilizar o acesso a ele.

A depreciação está presente na lógica do consumo e a propaganda deve ser enganosa ou exagerada para que, desta forma, o mercado mantenha-se em constante funcionamento. Desvalorizar os produtos assim que são colocados nas prateleiras dos *shopping centers* e incentivar o descarte é a estratégia utilizada para deixar lugar aos novos lançamentos².

A expressão “o que consome o adolescente” coloca propositalmente uma ambiguidade, na medida em que aborda sua posição de consumidor e também sua posição de consumido (como objeto ideal inclusive para os adultos). Contudo, uma terceira posição

² Embora adotemos, no decorrer desta tese, a palavra consumo, estaremos fazendo referência a estas características do consumismo, descritas acima, a partir das contribuições de Bauman.

coloca-se em relevo neste texto: a forma como ele se consome na relação ao falo faltante. A interrogação sobre o que o adolescente consome faz imediatamente pensar no catálogo dos objetos de desejo lustrados pela indústria do consumo. Porém, este catálogo jamais chegaria a um termo. O que importa é extrair consequências da interface entre aquilo que o adolescente pode catalogar como seus objetos e – numa circulação möebiana – se ver consumido também como produto. A terceira posição diz respeito às montagens sintomáticas que a adolescência pode produzir na relação com a castração simbólica e que incluirão tanto ele como o Outro. Esta é a questão que toma relevo nesta tese.

1.1 ADOLESCENTE CONSUMIDOR-ADOLESCENTE CONSUMIDO

Em meados do século XX, começa a surgir uma nova categoria consumidora e este fenômeno atinge seu auge nos anos 90, quando os jovens aparecem mais significativamente ligados ao consumo, ao *self-service* e aos *shopping centers* e distanciados dos movimentos estudantis, culturais, artísticos e sociais, que caracterizaram as décadas de 60 e 70. É na última década do século passado que o jovem mais fortemente passa a ser o alvo da indústria do *marketing*³, no duplo viés: como consumidor e como produto consumido. Há que se ressaltar também que este consumo é padronizado, no mundo todo, pelo processo de globalização.

O mercado do consumo cresce e a indústria da publicidade está bastante atenta aos adolescentes, na medida em que estes se transformaram em um alvo do mercado. É um processo que atinge toda a juventude, independentemente do nível social, pois as imagens geradas pela publicidade propõem a democratização do objeto, mesmo para quem não possa comprar. Não há necessidade então do ato do consumo, mas o fato de que “estamos todos de acordo” de que é este o objeto do gozo⁴, quer eu o tenha ou não; quer eu possa comprar ou não. O que importa é estar de acordo. Esta noção é de extrema importância, pois é um pacto que abrange a todos, independentemente de classe social. O acordo sobre aquilo que faz gozar perpassa todas as classes sociais, está entre ricos e pobres igualmente.

³ Rosa Fischer, no capítulo 1 de sua tese de doutoramento *Adolescência em Discurso* demonstra, de forma bastante clara, como as diversas produções discursivas (na literatura, nos jornais, nas revistas, na televisão, no cinema, na música e no teatro) tomam, na década de 90, o adolescente como a “mina de ouro a ser explorada pela mídia.” (FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, UFRGS, 1996, 297 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa em 1996 no Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS).

⁴ De acordo com o Dicionário de Psicanálise Larousse/Artes Médicas, gozo distingue-se do prazer e se refere às “diferentes relações com a satisfação que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso de um objeto desejado.” Também não se refere aos afetos, emoções e sentimentos, mas sim ao desejo inconsciente (CHEMEMA, 1995, p. 90).

Por que a juventude destaca-se, nos últimos dez ou quinze anos do século XX, de forma tão marcante como consumidora por excelência e como alvo favorito da mídia? Pareceria mesmo que o público consumidor jovem é bastante privilegiado pelo comércio. Eles são a nova mira do mercado para o qual as campanhas de publicidade estão bastante atentas e a indústria do consumo de uma forma geral também. Vejamos um exemplo dessa questão, veiculado na imprensa⁵. “O consumidor cria os produtos” diz a chamada para a matéria, que se traduz em dar voz ao consumidor, ou fazer valer o principal conceito de *marketing*: olhar para o cliente.

Segundo Casotti *apud* Victal (2007), coordenadora do Programa de Pós-Graduação em *Marketing* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir da escuta ao consumidor, é construído o produto ou serviço. Com o aumento da concorrência, as empresas começam a perceber que a criatividade não está dentro das quatro paredes dos escritórios de *design*: está, porém, com o consumidor. Neste sentido, o consumidor é promovido ao *status* de criador de produtos, e os técnicos encarregam-se de dar forma aos seus desejos explicitados nas pesquisas.

O Boticário, rede de lojas de perfumaria e cosméticos, convocou um grupo de 21 adolescentes em escolas paulistanas para acompanhar seu dia a dia e entender suas necessidades. O resultado da pesquisa auxiliou na composição de diversas linhas de cosméticos criadas de acordo com o desejo das jovens. A seleção foi rigorosa e escolheu meninas que ocupavam uma posição singular, “ditavam moda em suas escolas, eram populares, tinham muitos amigos no *Orkut* e lançavam tendências”. O objetivo era o “olhar delas” sobre os produtos, e suas sugestões foram utilizadas em nomes, cores, texturas. Tinham entre 16 e 19 anos e apenas uma delas contava com 13 anos na época, mas “está muito à frente do seu tempo”, conforme se refere a ela a coordenadora de *marketing* da empresa, na reportagem citada acima.

Para identificar o que os condutores da campanha chamaram de “essência das meninas”, o Boticário contou com a ajuda do Instituto de Arquitetura do Conhecimento e de psicólogos, pois o “objetivo era filtrar as informações” e captar o que agradaria a todas as faixas etárias. “Se entendermos o que o jovem consome, conseguimos transpor isso para os adultos. O jovem dita a moda. Eles podem tudo. Gostaríamos de ter a nossa mentalidade com a liberdade deles”. Em suma, estas experiências parecem dizer de um processo em que os desejos se transformam em demandas e logo em objetos para o consumo.

⁵ VICTAL, Renata. *O consumidor cria os produtos*. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 12/02/2007; Gerência. p. 5.

Gerentes de *marketing* da *Nokia* declaram que hoje as consultas são fundamentais e definem até mesmo as cores dos produtos. Todo o desenvolvimento dos aparelhos é baseado em consultas aos consumidores. O Brasil está entre os dez países escolhidos pela empresa para desenvolver pesquisas, cujo objetivo é realizar prospecções contínuas para “entender o consumidor”. Inovação já não é mais suficiente, o importante é transformar o desejo do consumidor em novos produtos ou em inovações nos já existentes.

Estes programas montados pela indústria do consumo e seus produtores conduzem ao pensamento de que as estratégias publicitárias associadas às bem conduzidas pesquisas de mercado causam o consumo supérfluo, desnecessário e suntuoso. Também fazem pensar que os indivíduos já não teriam mais o domínio sobre seus atos de consumidor. Será que os sujeitos seriam mesmo conduzidos desta forma, linearmente? Não estaríamos com isto atribuindo excessivo poder às campanhas publicitárias? Que outros fatores poderiam aí intervir?

A relação não é tão linear: esta é a minha hipótese. Falando de uma forma geral, básica e ampla, podemos dizer que o adolescente entra nessa relação ao consumo para não ficar excluído, para não ficar fora de lugar. Para sentir-se parte integrante do grupo ele busca os mesmos objetos. Desta forma, o objeto vai, aos poucos, tomando um caráter persecutório, no sentido de que ele não pode não prestar reverência a ele. Este que, antes, poderia ser uma escolha, agora passa a ser um imperativo: imperativo de gozo.

Como vimos acima, o adolescente passou a ser fortemente investido no universo do consumo, passou a compor uma nova fatia de mercado e a ser o “queridinho” das campanhas publicitárias. É o consumo então que, de alguma forma, dá um lugar social ao adolescente. Porém, um lugar falacioso, na medida em que ele também é guindado ao lugar de ideal e passa então a ser “consumido”: de consumidor, ele passa a ser consumido como modelo.

Surge disso um paradoxo: como consumidor ele não pode se furtar ao objeto para não ficar de fora; como consumido ele é copiado, imitado e tomado como modelo por estes mesmos adultos por quem é frequentemente criticado e repreendido. O adolescente consome, na igual medida em que é incentivado por uma montagem “validada” socialmente. Como poderia o adolescente furtar-se a tal funcionamento?

De que forma o jovem se coloca como o paradigma do sujeito contemporâneo? Ser adolescente é ser o ideal: ter o corpo perfeito, o jeito descompromissado, a irreverência, a beleza, a liberdade do tempo, paradigmas aos quais muitos adultos se referenciam e que passam a imitar.

Tudo o que o jovem inventa como estratégia de sobrevivência neste período que, para ele, não é sem dificuldade e crise, imediatamente é transformado, pela cultura, em atitudes desejáveis e invejáveis e logo ele descobre que não “para de alimentar os ideais sociais dos adultos” e isto acaba sendo desesperador (CALLIGARIS, 2000, p. 52). A composição de uma imagem, com a utilização de roupa própria, as preferências culturais (música, leitura), os comportamentos e os lugares de frequência adolescente, logo são copiados pelos adultos e se transformam num estilo para qualquer faixa etária.

No processo de uniformização da moda e de homogeneização do consumo favorecido pela globalização,

[...] não se tratava somente da descoberta dos jovens como consumidores privilegiados para uma produção em massa, que gradualmente se internacionalizava, em função de um aumento geral da população juvenil na maior parte do globo. Tratava-se, sobretudo do sentido e uso que a imagem do jovem conquistava, sendo oferecida como parâmetro para uma nova ordem social. (MATHEUS, 2007, p. 119).

Desta forma, a imagem do jovem como representativo da novidade e do frescor passa a ser um recurso amplamente usado e difundido pelas campanhas publicitárias em todo o mundo.

Como é que o adolescente lida com o fato de ser guindado ao lugar de ideal na cultura? Sabemos que cada época elege um período da vida do homem para simbolizar seus ideais de perfeição. O ideal adolescente preconiza a liberdade total, a beleza, a saúde, o vigor, a plena disposição, a sensualidade e a rebeldia funcionando como modelo para todas as outras faixas etárias. Belo, livre e sensual, o estilo adolescente pós-moderno é o objeto invejado e vendido como ideal. Queremos ressaltar que na relação aos objetos de consumo pareceria que ambos, o adolescente e os adultos, estão juntos. De que forma estão juntos nisso é o que pretendemos analisar.

1.2 OS OBJETOS DA ADOLESCÊNCIA E A EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO

Para o senso comum, objetos são aqueles *gadgets* portáteis, fabricados pela indústria de eletroeletrônicos, relativos principalmente a som e imagem. Esta gíria tecnológica, recentemente criada, refere-se, genericamente, a um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano dos usuários. Além da finalidade lógica do objeto, os *gadgets* têm função social de status, quando se trata de equipamentos ostensivos, na medida em que se referem, em sua maioria, a equipamentos de ponta e, frequentemente, com

preços elevados⁶.

O campo da psicanálise vai se ocupar com intensidade do conceito de objeto e opor diferenças significativas entre objeto da necessidade, objeto do fetiche, objeto do desejo, objeto da pulsão, objeto *a*. Uma questão importante pode residir na confusão ou na equivalência que, por ventura, venha a se estabelecer entre o objeto de consumo e estes outros objetos que a psicanálise conceitualiza e, por vezes, diferencia, por vezes, aproxima. O senso comum acusa a indústria do *marketing*, a mídia e o social como os grandes responsáveis pelo incentivo ao consumo desenfreado. Para além dessa discussão, interessa aqui analisar a ligação do sujeito ao objeto passando pela sua constituição na relação com o Outro originário, sendo esta relação tomada como a célula mínima do social. No texto *O mal-estar na cultura*, Freud (1981x)⁷ já chamava a atenção para o fato de que o indivíduo, para conviver socialmente e com o objetivo de conseguir proteção e segurança “aceita” abrir mão da satisfação plena de suas moções pulsionais, isto é, aceita desprender-se de seus “objetos de estimação”.

Levando em conta as considerações acima, pensamos lançar alguma luz sobre a relação do sujeito adolescente com os objetos, como também sobre a ideia de uma causa atribuída ao consumo exagerado. Embora exista no mercado abundante literatura sobre o tema da adolescência, em contrapartida, há muito pouco ou quase nada escrito sobre as relações que o adolescente estabelece com seus objetos. Com referência ao consumo, a alimentada esperança de que haveria no horizonte “O objeto” passível de efetivar a completude, é o que tentaremos interrogar ao tratar sobre o conceito de objeto a partir de diferentes pontos de vista⁸. Vamos recortá-lo primeiramente desde o campo da psicanálise, mas também lançar mão de outras disciplinas tais como a arte, a literatura e a filosofia, por se tratarem de campos não antagônicos mas que se complementam e, portanto, de discussão pertinente e com os quais a psicanálise sempre estabeleceu proximidade, desde seu fundador.

Tanto Freud como Lacan não se ocuparam propriamente das relações do sujeito com o consumo, porém, deram grande ênfase às relações de objeto como tal. Ambos tomam a

⁶ Além deste uso do termo objeto como gíria tecnológica ou relativo a todos os objetos de consumo produzidos e ofertados como se fossem “desejos” pela lógica capitalista, cabe assinalar um outro contorno específico a ele atribuído, que se refere ao “sujeito-mercadoria”: aquele homem-objeto, mulher-objeto que se coloca, de uma certa forma, numa atitude de objeto de consumo breve e que, por isso, investe sua energia em provar-se “consumível ou desejável” aos olhos de eventuais parceiros ou do mercado, o grande senhor contemporâneo.

⁷ No decorrer da tese, citarei os textos de Freud em português, com tradução livre da edição espanhola de 1981.

⁸ O que inclui a noção de sujeito barrado (\$), marcado por uma falta fundamental e constituinte.

vinculação com a mãe como matriz das relações de objeto subsequentes, na medida em que esta é o primeiro objeto de amor, tanto do menino como da menina. Esta concepção, para Lacan (2003), está amplamente desenvolvida no seu texto sobre *Os complexos familiares*, que dá destaque à matriz materna na constituição do objeto. Estas primeiras impressões não se perdem e permanecem armazenadas na memória inconsciente como traços de experiência, vindo a se constituir depois como elementos que comporão as formações mais ou menos sintomáticas do sujeito. Neste ponto podemos perguntar: de que forma os elementos da experiência precoce virão a integrar a constituição dos objetos para o adolescente, a relação ao Outro, suas montagens sintomáticas, suas inibições, seu modo de vida? A atração sem freios aos objetos de consumo pareceria fazer parte de uma montagem em que o elemento fetiche cumpriria papel obturador da falta, num processo constitutivo da estruturação neurótica. É o que trataremos de analisar nesta tese.

Para isso – e tendo como suporte teórico o conceito de adolescência, o conceito de objeto e o tema das relações de objeto – neste estudo pretendi mostrar como a psicanálise pode contribuir para pensar tal questão. Proponho analisá-la, pelo menos, a partir de três vieses que formarão três capítulos. No capítulo 2, os diferentes estatutos do objeto serão abordados, buscando articulação com o campo da Arte, da Filosofia e da Literatura, com o objetivo de cercar o objeto em suas diferentes formas de presentificação, dando ênfase às conceitualizações do campo psicanalítico, por serem as que, de alguma forma, convocam e sustentam o tema.

Em consonância com Lesourd (2004), tomaremos o objeto em dois aspectos: o objeto em seu caráter de realidade material; e o objeto em sua realidade psíquica, aquele que encontra sua raiz nos objetos “impressos” psiquicamente na infância precoce e que se atualiza nos objetos da realidade tomados metaforicamente, mas que não se confundem com aqueles.

O capítulo 3 tratará de pensar a relação do adolescente com os objetos de consumo através dos conceitos de inibição e sintoma. Freud (1981n e 1981t) foi quem primeiro articulou esses construtos teóricos em dois importantes textos, a saber: *Vias de formação de sintomas e Inibição, sintoma e angústia..* E porque elegemos estes conceitos particularmente? Por que eles são bastante próximos e frequentemente aparecem indissociavelmente ligados. Porém, pretendemos dar destaque à inibição como principal mecanismo envolvido na relação do adolescente com os objetos. Para isto, vamos tomar o objeto pulsional, sua constituição e seus deslocamentos, para demonstrar que este objeto se destaca, se recorta, na relação ao Outro. O objeto da pulsão vai sendo abandonado, substituído não por amadurecimento ou imposição do desenvolvimento, mas sim na relação à demanda do Outro, do Outro originário

primeiramente e depois do Outro social.

O objeto psíquico mostra-se, portanto, bastante variável em sua tentativa de materialização e tem como função a satisfação da pulsão e qualquer objeto da realidade pode servir de suporte para a consecução de tal objetivo. Assim, um dos principais objetivos deste trabalho é analisar a relação do adolescente com o objeto enquanto índice de sua relação com o falo imaginário, um dos objetos pulsionais. Este é o tema que formará o quarto e último capítulo desta tese, a título de conclusão.

Ainda uma observação: com relação aos termos adolescência e juventude, utilizo-os de forma indiferenciada. Porém, gostaria de fazer referência às pesquisas recentes sobre o tema da juventude no Brasil, principalmente as relatadas no livro *Retratos da juventude brasileira*, em que é entendida como aquela fase da vida em que se inicia a busca de autonomia, “marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação.” (SPOSITO, 2005, p. 89). A autora dá destaque ao aspecto da autonomia financeira, levanta porém, a interrogação sobre a independência econômica, perguntando se esta, por si só, garantiria o ingresso na vida adulta e o término da juventude, levando em conta que grandes contingentes populacionais estão excluídos destas condições de autonomia.

Para muitos autores, e dentre eles destaco Abramo (2005) e Sposito (2005), a condição juvenil está associada à dedicação às diferentes instituições escolares e à desobrigação do trabalho remunerado. Porém, ressaltam estas autoras, tal postulação já sofreu críticas da sociologia, por restringir assim a juventude a grupos socialmente destacados que têm a possibilidade de manter seus filhos escolarizados e distantes das fontes produtivas. Seria aconselhável, neste sentido, falar-se em juventudes para não esquecer as diferenças e desigualdades implicadas nesta condição.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos e, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13/07/90), é considerado adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade, parâmetros estes aos quais frequentemente se referencia o campo da Educação.

Enfim, o que é que garantiria o ingresso, de uma vez para sempre, na vida adulta, e o conseqüente abandono da posição juvenil ou adolescente? A inserção no mercado de trabalho e a autonomia financeira, a constituição de um novo núcleo familiar, a paternidade e a maternidade, a definição profissional e o ingresso no meio universitário? Estas constituiriam outras tantas questões de investigação.

Utilizei nesta pesquisa a noção de adolescência como processo, baseada nas

considerações sobre o tema, estabelecidas pelos psicanalistas Rassistal (1997) e Calligaris (2000). A ênfase está colocada naquilo que se produz neste processo e não tanto na sua delimitação. Neste sentido, por passagem adolescente, entendemos a operação de subjetivação que inclui o abandono do lugar infantil de assujeitamento na relação com o Outro, encarnado imaginariamente até então pelas figuras parentais.

Em toda operação adolescente, é em torno das relações entre sujeito e Outro que se processa o fundamental. O lugar do Outro com o qual o adolescente tem de lidar se apresenta, normalmente, inscrito na dupla dimensão do Outro familiar e do Outro social.. (POLI, 2005, p. 10).

De onde surge meu interesse pelo estudo da adolescência e sua relação com os objetos, especificamente os objetos de consumo? Basicamente, surge da experiência de: 1) acompanhar adolescentes em análise; 2) ouvir de pais de adolescentes a forma como são interpelados pelos filhos com relação ao consumo, de marcas principalmente, e o quanto lhes é difícil conseguir encontrar uma forma de se desvencilharem desta demanda, que é quase absoluta. A queixa é de que não conseguem fazer barreira a isto, e a constatação de que seus métodos pedagógicos fracassam; 3) escutar, nas mais diversas situações sociais, comentários acerca de como esta questão de portar marcas é fundamental e imprescindível para o adolescente; 4) perceber como este funcionamento encontra eco na cultura do consumo; 5) ouvir socialmente várias manifestações acerca da relação ao consumo encontrada em adolescentes; 6) constatar que o adolescente é um consumidor por excelência, a partir das evidências quanto ao privilégio que a ele é destinado nas campanhas publicitárias.

A Pedagogia tradicionalmente ocupou-se de transmitir informações e conhecimentos, aperfeiçoou os conteúdos e técnicas do bem ensinar, preocupou-se com o quê e como ensinar. No presente tema ela estaria alinhada com as normas do bom e do mau consumo. No entanto, no decorrer do tempo, pelo fato de tomar aos poucos um caráter científico, e por fazer parte das ciências sócio-humanas, passa a ocupar-se da Educação num sentido mais amplo que envolve também o processo de socialização, de aquisição de experiência incluindo formação e transformação, ou seja, a transmissão de uma posição no laço social. Esta última, olhada desde o viés da psicanálise, implicaria um deslocamento das referências originárias (do campo materno) para as referências compartilhadas socialmente, o que advém do processo de castração.

São os pais que trazem a queixa sobre o excesso de consumo a que seus filhos se entregam. Interrogam-se em que teriam falhado na educação e transmissão dos valores, constatando que suas escolhas não eram orientadas pelas marcas e *griffes*, mas sim critérios de

qualidade e durabilidade. Vemos então que a questão sobre o consumo existe prioritariamente para os pais, não para os adolescentes. Frequentemente o adolescente não faz uma elaboração crítica sobre seus gastos. A tentativa de correção disso que os pais julgam ser excessivo é amiúde fracassada tendo como resultado, no mais das vezes, o seu contrário. Calligaris (2000) sugere que o adolescente lança-se numa tarefa de interpretar quais seriam as condições impostas pelos adultos para que ele possa seguir obtendo o reconhecimento perdido da infância. A tarefa é interpretar o desejo escondido ou esquecido dos adultos, para além daquilo que eles “dizem que querem”. Esta seria uma das possibilidades de se pensar na constrição que se opera do lugar dos pais como educadores e a consequente ineficácia das recomendações pedagógicas e, neste sentido, o adulto insere-se da mesma forma numa cultura que lembra insistentemente que

[...] o que é próprio ao desejo moderno é que, atrás de cada objeto desejado, sempre há um desejo de algo mais, de uma qualidade diferente: uma vontade de reconhecimento social – a qual nunca se esgota no objeto. Em outras palavras, o que é desejado é sempre instrumental para afirmar e constituir nosso lugar social. Por mais que eu possa obter o objeto que eu quero, nem por isso ele me satisfará. A riqueza do nosso mundo depende disto: de uma procura que deve se manter inesgotável – nenhum objeto satisfazendo a sede de reconhecimento social que permanece atrás de nossa vontade de possuir ou de consumir. (CALLIGARIS, 2000, p. 47).

Temos, como consequência, que isto mesmo do que o adulto reclama, de que seu filho adolescente gasta excessivamente e só adquire marcas, se dá da mesma forma para o adulto – apenas talvez, incluindo nisto alguns zeros a mais. Se o filho só faz crescer a conta do celular, o pai contorce-se para fazer caber quatro pessoas, mais uma BMW num apartamento de dois dormitórios.

Daí depreendemos que as condições de possibilidade de se operar a transmissão de valores, comportamentos, projetos de vida e desejos está intimamente relacionada a processos de ordem psíquica e não somente sociais ou pedagógicas. Por outro lado, os pais podem excluir-se da responsabilidade, julgando que a transmissão de ideais é atribuição exclusiva da escola. Sobre isto, podemos argumentar que a educação convencional é um dos campos em que pode se operar a transmissão de valores e a socialização. Contudo, esse processo não se limita à escola, como também não é exclusivo dela reconhecer em outras tantas atividades juvenis a existência de caráter educativo, embora diferente dos convencionalmente conhecidos e institucionalizados.

A questão do consumo, principalmente com relação ao adolescente, é frequentemente tomada pelos pais, no seu aspecto pedagógico. É assim que muitas famílias, tentando fazer a profilaxia do consumismo, entregam-se a uma recusa franciscana de uma boa parte dos produtos oriundos da organização do capital. A diferença é que, no primeiro caso, tratar-se-ia de uma adesão e, no segundo caso, de uma recusa. Porém, o tudo e o nada, o excesso e a falta têm o mesmo efeito subjetivo. Assim, o sintoma, frequentemente compartilhado, precisa ser lido na sua singularidade, na forma como ele toma o sujeito adolescente na sua individualidade.

Neste sentido, pode-se pressupor que a orientação para o “bom consumo” seria um aspecto importante na transmissão dos valores e no processo pedagógico. Será que é de um aspecto puramente educacional que se trata? A este respeito, podemos antecipar que

[...] a educação é produtora de laços sociais, e é o percurso que faz um ser humano no processo de tornar-se sujeito de sua história, responsável por seus desejos e seus atos, junto a seus semelhantes. Ela (a educação) depende de uma função que situa o sujeito no campo do simbólico, no universo da linguagem e da cultura. (CABISTANI, 2007, p. 11).

Portanto, tomar a relação do adolescente com o consumo, desde o aspecto puramente pedagógico tradicional, seria restringir, tanto o campo da Educação, como também a questão do consumo.

É o campo da sexualidade o território privilegiado em que se situa a aproximação entre a educação e a psicanálise. Se afirmamos que a incumbência precípua, mas não exclusiva, do terreno da educação é propiciar a socialização, cuidar da relação ao outro, aí já estabelecemos a intersecção desta com a psicanálise, pois desde as origens e no decorrer de toda a sua obra, Freud atribui lugar especial ao processo de educação das pulsões para a vida em sociedade. Por outro lado, este autor alerta imediatamente ser este o fator preponderante na constituição e desenvolvimento dos processos neuróticos. Este é o preço a ser pago por uma vida comunitária e a razão do mal-estar constituinte de todo sujeito humano. Contudo, o pai da psicanálise atribui papel central ao mecanismo psíquico da sublimação, como um dos destinos das moções sexuais mais favorável para o desenvolvimento de atividades artísticas e de investigação intelectual, ou que visem objetos socialmente valorizados. Neste sentido, quanto ao “objetivo” social, educação e psicanálise são solidárias na doma das paixões sexuais. Deve-se à psicanálise, no entanto, o reconhecimento da sexualidade já presente na infância e o alerta de que a sua repressão ocasionaria o sofrimento e a doença neurótica. Neste sentido

seria necessário visar um “ponto ótimo”, para extrair o máximo da repressão, sem no entanto causar excessiva frustração e permitir a integração da criança na ordem social vigente.

Lacan, por sua vez, enfatiza algo que Freud já havia antecipado sobre o impossível da educação como também da psicanálise: há sempre algo que não se totaliza, não se fecha, já que ambas lidam com conteúdos que lhes escapam: o inconsciente não é educável, pois não permite controle. Além disso, ambas utilizam a linguagem em seu trabalho que é, através da comunicação, o tempo todo, atravessada por mal-entendidos, equívocos e pelo não sentido. Educação e psicanálise fazem usos diferenciados dos erros e enganos: poderíamos brevemente resumir que a primeira tenta corrigi-los, enquanto a segunda utiliza-os como elementos de trabalho pois são tomados como formações do inconsciente que “escapam” à vigilância do sujeito. Uma das diferenças entre ambas as disciplinas colocar-se-ia então na identificação e interpretação dos elementos inconscientes, que se manifestam na vida cotidiana do sujeito.

De qualquer modo, o ensinar teria efeito somente quando aquele que ensina tivesse uma implicação no processo, colocando algo de si e desencadeando algo no outro. O ensino, tomado como um processo sempre em movimento, não deveria tratar somente da transmissão de um saber ou de um conteúdo previamente pronto, mas, partindo de um ponto de ignorância, convocar à investigação. Estes são, portanto, elementos distintos daqueles da educação tradicional. Lacan também trata, ao longo de sua obra, de diferenciar saber⁹ e conhecimento, colocando o primeiro do lado da psicanálise e o último do lado da ciência, inclusive da educação, pois é na relação ao saber que o autor situa o sujeito do inconsciente, sobre o qual não cabe conhecimento absoluto.

Já sobre a noção de transmissão, podemos afirmar que ela se diferencia tanto do ensinar como do educar. Transmitir inclui repassar noções de civilidade, humanidade, respeito, valores, leis, normas e regras e, neste sentido, não difere muito de educar. Contudo, a transmissão está para além daquilo que se fala, ensina ou orienta e quem transmite está apenso àquilo que é transmitido. Significa dizer que as mesmas regras que valem no interior do núcleo familiar, valem também lá fora e vice-versa; a transmissão depende da confirmação pelo social. Trata-se de uma única lei simbólica que vige em ambas as instâncias e que

⁹ Foucault foi quem se debruçou sobre o conceito de saber no livro publicado em 1969 atribuindo-lhe um caráter mais amplo, mais aberto. Nele o autor define o saber como o objeto da arqueologia e que não se restringe àquilo que oferece uma disciplina institucionalizada. Não é, tampouco, o esboço de uma ciência futura, anterior ou alternativa a ela; também não é uma soma de conhecimentos, mas implica o domínio dos objetos dos quais se pode falar. Inclui a posição do sujeito que fala, os conceitos que utiliza, os tipos de enunciação que entram em jogo, as variações do conceito e dos enunciados acerca do objeto, para só eventualmente se transformar ou não num discurso científico. Ainda para esse autor, o saber é um conjunto de elementos tomados numa prática discursiva, indispensáveis para a constituição de uma ciência (embora não seja obrigado a constituí-la).

sustenta e dá estofa à circulação social dos sujeitos. É o operador simbólico com que o sujeito conta como referente, como garante de sua inclusão no laço social; é a bagagem que ele carrega e que orienta seu lugar de sujeito no mundo.

O que mais justifica a escolha do tema adolescência e sua relação com os objetos de consumo? Contribuir para a análise do social, na medida em que já é bastante conhecido o anseio que Freud (1981x) manifesta no seu clássico *O mal-estar na cultura*: o de que um dia alguém se aventure a se empenhar na elaboração de uma patologia das comunidades sociais. Não deixa ele de alertar, porém, que tal anseio tropeçará em dificuldades que vão desde a resistência das sociedades em submeter-se a reformas, até o fato de que “ninguém possui a autoridade necessária para impor às massas a terapia correspondente.” (FREUD, 1981x, p. 3067).

Outro motivo que me conduziu à realização deste estudo é o fato de o tema da adolescência acompanhar-me já há algum tempo. No ano 2000 constituímos um grupo de trabalho¹⁰ que deu lugar ao Programa de Pesquisa e Extensão *Adolescência e Experiências de Borda* no Instituto de Psicologia da UFRGS, buscando associar pesquisa e extensão e fazer com que os fundamentos teóricos e a pesquisa universitária chegassem até a comunidade externa. Assim, promovemos um espaço de discussão não só com colegas psicanalistas, como também com outros profissionais atuantes em diferentes instituições da comunidade, que se ocupavam da adolescência.

Desta interlocução surgiu o conteúdo programático do curso de Extensão *Adolescência e Experiências de Borda* (setembro/2000 a agosto/2001) bem como o sumário do livro de mesmo nome, lançado pela Editora da UFRGS em 2004. Naquele momento, a labilidade das identificações na adolescência, bem como a reconstituição do estádio do espelho eram os temas que me ocupavam e que originaram algumas produções teóricas, pronunciamentos e publicações¹¹.

O livro *Adolescência e Experiências de Borda* ensejou contribuições teóricas até então inexistentes no campo psicanalítico. Aliás, a produção sobre o tema da adolescência no campo da psicanálise é recente e não muito vasto, e teve um certo incremento nos últimos dez anos. Com relação a outras disciplinas, principalmente as da área da saúde, as produções

¹⁰ Este grupo era também composto por Ana Costa, Luiz Fernando Lofrano de Oliveira e Valéria Rilho.

¹¹ São elas: COSTA, Ana; BACKES, Carmen; OLIVEIRA, Luiz Fernando Lofrano de; et. al. (Org.). “Adolescência e experiências de borda”, 2004; e _____. “A reconstituição do espelho”, 2004; BACKES, Carmen. “O fóbico e seu acompanhante”, 2002.; _____. “Patricinha ou largada: as identificações na adolescência”, 2002; _____. “Adolescência e novas formas de parentalidade”, 2003.

restringem-se frequentemente às formações sintomáticas e à descrição do comportamento. Portanto, nos parece que a pesquisa precisa ainda avançar.

Os fragmentos clínicos citados no decorrer desta tese são oriundos da escuta de pacientes adolescentes e seus pais que falam das angústias diante do que eles sugerem como uma certa “adesão” ao consumo. Eles destinam-se a dar visibilidade e relevo a uma questão quando, em alguns casos, longas discussões teóricas podem ser substituídas por algumas observações essenciais. Noutros, a discussão teórica será imbricada a uma questão pontual retirada de um caso clínico. Neste sentido, projetar-se-á uma certa visão – que não se pretende exaustiva – do adolescente como um elemento paradigmático do universo contemporâneo, criando e sendo criado por ele, e de sua reprodução no laço social.

Como a psicanálise pode dar conta da transmissão? Dizer que o adolescente é “vítima” do laço social sustentado pela sociedade de consumo é reduzir o espaço do sujeito e não atentar para a circulação de significantes que portam traços singulares e delineiam uma inscrição particular. Queremos propor, desta forma, que não se faça a economia do sujeito, não excluir o sujeito, mas colocar em causa um saber inconsciente, do qual o sujeito é efeito.

A transmissão pode se dar através da “extração de constantes a partir de várias curas ou inclusive o relato de caso de uma cura em seu conjunto”. O caso transmite o “fato clínico.” (PORGE, 2007, p. 11). Freud fazia a transmissão da psicanálise através das análises que conduzia, através das supervisões (ou controles) que efetivava, e, principalmente, através da publicação de sua produção escrita que incluía o relato de casos clínicos, em que privilegiava

[...] a verdade sobre a exatidão. Desta forma, tropeçou em contradições na relação entre a verdade e o saber. Seu percurso constitui, contudo, um primeiro deslocamento da oposição entre a teoria e a prática. (PORGE, 2007, p. 12).

Freud supunha produzir artigos científicos, de acordo com as normas médicas de sua época. Ele próprio se surpreende quando se vê lido como romancista. “Freud teve de fazer-se romancista. [...] A romancização [...] constitui uma maneira particular de incluir-se, ele, no caso.” (PORGE, 2007, p. 17-8). Esta forma de escritura permite uma pluralidade de lugares enunciativos e, portanto, segue sendo fiel ao processo de análise. Neste sentido, a novela se presta mais à transmissão da clínica do que outras ilustrações que se pretendem realistas.

Lacan, por sua vez, não publica casos – excetuando-se os trabalhados em sua tese de doutoramento em psiquiatria –, e coloca o acento no estilo e mais, coloca o acento numa ‘escritura’ que provém do significante. “Esta é uma das lições do ensino de Lacan: mais que

multiplicar novas patologias, cabe desenvolver as consequências clínicas desta nova escritura, inclusive de outras por vir.” (PORGE, 2007, p. 12).

Já enunciamos que os fragmentos de casos apresentados tentam dar visibilidade ao trabalho clínico e como este pode se enlaçar à análise da cultura, do social. Da mesma forma, o trabalho clínico pode dar expressão àquilo que se constitui como a formação dos sofrimentos e sintomas na adolescência. A pesquisa tentou discorrer sobre uma forma de relação ao sintoma, que não é geral, mas que é recorrente e que traz o adolescente como autor – ator principal. Noutros momentos, os pequenos relatos clínicos auxiliam na sustentação de uma questão teórica e se oferecem como um elemento a mais na discussão que tentamos conduzir.

O psicanalista estuda, opera, reconstrói conceitos, quando uma pergunta se funda para ele, a partir de sua prática clínica. É tarefa da psicanálise a escuta do emergente, como também do sofrimento, que na cena cotidiana aparece com frequência. Freud, em sua produção teórica, fala de seu trabalho, de sua pesquisa, de seus impasses na condução da clínica de seu tempo, e comprova que esta desarruma, desarticula os conceitos, inclusive os fundamentais. Porém, se a clínica desarruma os conceitos, ela também os renova. Este é o trabalho de pesquisa do psicanalista: construir e reconstruir conceitos a partir daquilo que sua prática clínica cotidiana aporta de novo.

1.3 A ADOLESCÊNCIA E OS RITUAIS DE PASSAGEM

Freud (1981m) nos ensinou que a circulação pelo Complexo de Édipo na infância não sofria um total recalçamento e, portanto, retornava fazendo com que o neurótico sofresse de seu retorno. O adolescente sofre com o retorno do Édipo, que se faz reeditar neste momento da vida, provocando inibições, dificuldades de se relacionar, fobia social, isolamento no quarto. O que é necessário para que o adolescente possa refazer o recalque?

Os rituais de iniciação ocupavam-se, de alguma forma, de estabelecer o reforço a este recalçamento, na medida em que neles, a obediência ao pai é transferida para a cultura. Se o reforço do recalque se produz, se produz também o reforço da castração. O reforçamento do recalque na adolescência se faz tão mais necessário quanto maior for a efusão pulsional vivida pelo adolescente superdimensionada agora pela efetiva capacidade e prontidão para utilizar-se dos instrumentos que o amadurecimento pubertário proporcionou.

Podemos perguntar, porém: quais são os ritos de iniciação que ainda prevalecem em nossa cultura e que operam tal reforçamento? Talvez o conjunto de práticas tradicionais que

operavam a passagem de uma fase à outra tenham passado por certa transformação, adequando-se ao movimento natural da evolução cultural e social. Será que neste processo teriam sofrido um enfraquecimento na sua função de intensificação do recalque? A psicanálise atribui ao pai simbólico a tarefa de operar o recalque, mas, neste momento, precisaria ser “avalizada” pelo social. Tal reforçamento, na adolescência, tem como consequência reorientar o desejo.

Como podemos entender este processo de reorientação do desejo? A passagem adolescente inclui o abandono do lugar infantil de assujeitamento à posição desejante na relação com o Outro, encarnado imaginariamente até então pelas figuras parentais. A adolescência aparece assim como o momento crucial da estruturação subjetiva em que pode ser apreendida esta passagem do laço parental ao laço social. Faz parte desta passagem interrogar os lugares materno e paterno; o adolescente é aquele que coloca em cheque qualquer forma de composição parental, frequentemente na forma de oposição rebelde. A criança não: ela está voltada para o pai ideal que está dado e não tem a possibilidade, ainda, de interrogar a estrutura que vige sobre ela.

A adolescência é também o momento em que vão se decidir as orientações de vida de um sujeito, especialmente sua decisão profissional, amorosa e social. O que nos interessa então é tomar a adolescência como essa passagem do sujeito de um lugar na família a um lugar social, ao invés de abordá-la como uma fase do desenvolvimento delimitada cronologicamente. A adolescência é também o momento de mudança de endereço, da reorientação da pergunta sobre o desejo, conforme afirmamos acima. Na infância a questão se traduz por: “o que fazer para que papai e mamãe gostem mais de mim”. Na adolescência muda a face imaginária do Outro: do amor de pai e mãe, passa para o amor do grupo. Há uma destituição das figuras parentais do lugar de Outro.

Neste sentido, opera-se com uma estrutura em constituição dado que a adolescência é um trabalho psíquico e sua emergência responde a uma necessidade do processo de subjetivação de qualquer sujeito. Trata-se de um momento lógico que não é uma simples adequação do eu a novas determinações, ao mesmo tempo anátomo-fisiológicas e sociais, mas uma operação psíquica resultando em uma série de processos identificatórios, que levam tanto a tramas simbólicas quanto imaginárias e reais. Assim sendo, a adolescência pode ser compreendida como um momento decisivo na estruturação subjetiva, e as manifestações patológicas dessa idade devem pois, ser examinadas como sinais de uma verdadeira elaboração psíquica e não como simples fenômenos passageiros ou mórbidos.

Se uma das principais construções da adolescência é a mudança da pergunta sobre o desejo que se orientava aos pais e agora passa para o semelhante, para o par, os rituais de passagem auxiliam neste processo. Perguntávamos sobre a efetividade destes rituais na modernidade ou mesmo sobre as modificações operadas no decorrer dos últimos tempos na sua efetividade. Se não há mais expressamente um ritual que seja apontado socialmente como aquele que faria esta função, podemos levantar algumas possibilidades.

A saída de casa, a experiência de ida ao exterior, intercâmbios e viagens talvez possam resultar em algo que o adolescente utilize para se exercitar no “novo mundo”, fora da seara materna e paterna. No artigo *Intercâmbio estudantil: uma nova tentativa de interdição*, Ramos (2008) nos brinda com o relato da experiência de uma jovem adolescente de 16 anos que, na tentativa de operar o processo de alteração da posição psíquica quanto ao desejo que se especifica na identidade sexual, se vê com o tornar-se mulher e com a renovação da relação com as demandas parentais. Neste sentido, o sair de casa pode funcionar como um ritual de passagem que algumas famílias instituem visando o início da autonomia e independência, mas que, para o adolescente, pode ser mais do que isto.

Certamente há outras perdas em jogo neste processo de obtenção da autonomia, além do corpo infantil já deixado para trás. A conquista do lugar feminino coloca em jogo a versão fálica, como também aquela orientada pela falta e pelo desejo. Emerge também a rivalidade agressiva com a mãe. Haver-se, então, com a castração pode colocar em jogo uma série de artifícios, dentre eles aquele que elege objetos-fetichê que deem conta imaginariamente de algo que não poderia faltar: o falo imaginário. O imperativo de gozo com os objetos substitutivos (objetos fetichê) impede a inscrição da perda. A consequência imediata é o caráter falacioso (enganoso) de tal procedimento que precisa ser incessantemente reeditado, na renovação sem fim dos objetos, na medida em que o procedimento não oferece simbolização à castração, apenas dá-lhe um contorno mascarado.

Como significar uma nova posição? Contar com o quê neste processo? Na infância é a imagem especular amparada pelo Outro originário que dá sustentação à imagem do corpo. Na adolescência é preciso que o olhar do Outro paterno em forma de significante, seja “firme” e presente o suficiente para dar o reconhecimento de que a filha necessita, para atestar que ela cresceu, tornou-se mulher. Este olhar precisa, ao mesmo tempo, em sua eficácia simbólica, operar novamente a interdição, para que o desejo possa habitar outros lugares, dirigir-se alhures.

Se sugerimos que os objetos fetiche¹² podem ser aí incluídos neste processo, fazendo uma certa suplência, estaríamos falando de uma falência da referência simbólica que obrigaria o adolescente a organizar-se deste modo ortopédico?

Por outro lado, situar-se noutra cena, no exterior, através do intercâmbio, como estrangeiro talvez possa ser uma possibilidade de reorientar a pergunta sobre o desejo, agora não mais atrelada à demanda do país originários, mas dirigida a si próprio. As viagens dos adolescentes ao exterior, desacompanhados da família, sejam elas mais longas ou de apenas um mês, parecem indicar, além de um ritual de passagem, a experiência de uma “exogamia” temporária. Um tempo para ir, porém, com a garantia de poder voltar, em que o adolescente pode exercitar já ter crescido, cuidar de si, fora não só do olhar dos pais mas dos pares e das leis do próprio país.

Pensando neste exercício de ida ao exterior, na sua relação com o consumo, penso que, ao mesmo tempo em que se inclui, nesta experiência, o aprendizado da administração do dinheiro, das compras, de uma outra moeda, causa interrogação a ânsia com que os adolescentes se entregam ao consumo, como se não pudessem deixar de trazer tudo que lhes anima os sentidos “não posso perder esta oportunidade”, referem eles, como que num ato de expropriação ao outro de tudo o que for possível. Qual a função desta expropriação? Chamo expropriação, pois ouço de adolescentes o quanto não é infrequente o caso de pequenos delitos cometidos por eles em outros países, levando-os a se apropriarem indevidamente, nas lojas e outros lugares possíveis, de pequenos objetos que não são de fundamental importância, mas que, para eles, é como se tomasse o caráter de um ato heroico, por vezes exibido como uma grande conquista. Este objeto está mais do lado da exibição de uma potência (objeto fálico), ou potência do ato (“eu sou capaz de fazer isto”) do que por seu valor de uso ou comercial.

O luto que a adolescência implica traz em si a radicalidade de uma falta sem possibilidade de substituição: “da ausência ao vazio”, conforme afirma Ramos (2008). Conforme Costa (2003) advém daí a necessidade dos rituais, para coletivizar algo do incomunicável da experiência. Quais os lutos que o adolescente tem de comunicar, compartilhar, em forma de rituais? Numa cultura em que os ritos de iniciação ou provas iniciáticas não encontram mais lugar, como é que o adolescente daria provas de sua condição de possibilidade de ingresso à idade adulta, ou seja, do luto da posição infantil – luto pelo corpo infantil, luto pelos pais da infância, reorientação do desejo?

¹² Abordaremos com mais detalhes a noção do objeto fetiche adiante, no tópico 3.5.

Veremos adiante com mais detalhes, no tópico 1.4, que a passagem adolescente é então o momento de reapropriação egoica da imagem do corpo que passou a ser ameaçador. E já dissemos que ele é ameaçador porque repleto de moções pulsionais sob as quais o sujeito precisa exercer domínio e porque, ao mesmo tempo, agora possui as “ferramentas” para dar livre vazão a estas pulsões. Na puberdade, o corpo “explode”, transborda, de modo incontrolável¹³. Este é o real da puberdade. A imagem egoica, o eu, sofre um abalo pelas modificações corporais que a puberdade impõe. É necessário, então, que o adolescente se reaproprie de um corpo que, por outro lado, nunca deixou de ser seu.

O estádio do espelho acentua o quanto o corpo infantil que, de despedaçado, passa a ser integrado – operação esta que procede do encontro com a imagem no espelho até a inserção numa via discursiva, que recorta o traço da voz e do olhar do Outro primordial – e, na adolescência, temos a possibilidade de ver como o adolescente reconstitui esta operação. É como se seu corpo precisasse ser novamente contido e reescrito por significantes. Trata-se tão somente do luto pelo corpo da infância e da assunção de um “novo” corpo adulto.

O “novo” aqui refere-se a todas as transformações corporais que a puberdade inicia e que a adolescência terá de absorver. No estádio do espelho, o pequeno *infans*, ao defrontar-se com a imagem especular, vê-se com o sentimento de ser ele próprio, mas também de não ser, de um aquém e de um além dele mesmo, que parece ser o mesmo estranhamento com o qual se encontra o adolescente com o seu “novo” corpo. A este respeito, lembro de uma jovem adolescente¹⁴ que se vê compulsivamente tomada pela vontade de usar sistematicamente as roupas da mãe, ao mesmo tempo em que, quando se olhava no espelho surgia o estranhamento em relação a esta imagem: “Esta não sou eu”. Outra adolescente dizia: “Sinto que o meu corpo está atravessado por inúmeros olhares, como se fosse uma gelatina transparente”. Neste dito, pode-se perceber não só a questão do olhar como também o da não continência. O corpo, como uma gelatina, é também aquele corpo instável nos seus contornos. Outra adolescente ainda dizia: “Não reconheço minha imagem no espelho”. Em todos os exemplos citados, coloca-se a questão do risco da dissolução, de perder-se no Outro, de corpos que, por estarem separados por contornos movediços, poderiam imiscuir-se.

¹³ É muito frequente, na adolescência, a reativação da fantasmática do corpo despedaçado. Percebe-se no adolescente, o quanto parece que ele não tem mais o controle sobre seu corpo, as pernas e os braços “sobram”, não encontra lugar para colocá-los. Sobre isto, podemos referir aqui a ideia da função do esporte na adolescência como continente deste corpo sem limite, sem afirmação. Remeto ao artigo de Clara Maria von Hohendorff “A influência da prática desportiva na adolescência”, no livro *Adolescência e experiências de Borda*, Editora da UFRGS, 2004.

¹⁴ Caso que nomeamos de Laura e que abordaremos com mais detalhes adiante.

Outra questão que se ressalta a respeito deste “novo” corpo, é que não se trata nem só do olhar do adolescente sobre ele, nem só do olhar do Outro, mas do cruzamento destes dois campos, ou seja, o traço do olhar e da voz do Outro que o adolescente recolhe e que se articula com o seu próprio olhar: é uma via de mão dupla.

Ao mesmo tempo, o adolescente está em pleno processo de luto pelo corpo da infância, pelos objetos, pelas roupas, pelos pais, enfim, por tudo aquilo que fazia parte do universo infantil. Talvez aqui possamos encontrar alguns elementos que contribuam para o entendimento de porque o consumo dos objetos-fetichê, conforme veremos a seguir, é tão mais pregnante na adolescência, pois a desestabilização imaginária operada pelo processo da puberdade, inclui a desestabilização da imagem do próprio corpo e a adesão a estes objetos traz a ilusão da reapropriação ainda mais quando operada conjuntamente com a validação social.

De acordo com as ideias acima expostas, o objeto-fetichê encontra lugar apropriado na adolescência para auxiliar a recuperar a imagem narcísica infantil perdida. Concordando com Marx, Kehl (2009) sugere que o objeto-imagem industrializado é a mercadoria, revestida pelo brilho do fetichê, sob o qual se oculta a mais valia: o tempo de vida que os homens dedicam no trabalho de produzi-la¹⁵. Nesta autora, também se vê reproduzida a ideia de que a imagem-objeto tem maior valor quanto mais obtiver a validação do social e é esta validação que acaba elevando-o à categoria de fetichê. O consumo, por sua vez, da mesma mercadoria por todos, se presta particularmente a ilustrar esta questão, pois provoca homogeneização que não comporta a dúvida, a interrogação.

No eixo do consumo, a aura dos objetos da indústria cultural é produzida por efeito dos milhares, milhões de olhares que estes objetos atraem. Ao contrário da experiência solitária que o encontro com uma obra de arte, em sua estranha singularidade, pode proporcionar, o encontro com um objeto da cultura industrializada nos remete diretamente ao espaço onde “todos” estão. O valor de uma imagem é diretamente proporcional a esse efeito de covalidação social de seu poder de verdade. Ver o filme que “todos” estão indo ver, assistir a telenovela de maior Ibope, não são apenas meios de inclusão do anônimo habitante da sociedade de massas nos termos imaginários que regem a vida social. São também os meios através dos quais se produzem elementos para as identificações que homogeneizam subjetivamente a sociedade. A identificação com a imagem industrializada é uma forma ampliada do mesmo gozo fálico que participa dos outros processos de identificação. Ampliada, porque a imagem que atrai os olhares de “todos”, funciona

¹⁵ Falando de forma mais apropriada, “Mais-valia” é o nome atribuído por Marx (2002) à diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador, que seria a base do lucro no sistema capitalista. O trabalho incorporado em uma mercadoria (o seu custo de produção em termos de salários), seria inferior àquilo que a mercadoria poderia, uma vez vendida, “comprar” em termos de horas de trabalho e esta diferença é que explica a existência do lucro.

como semblante do poder. São nossos olhos, multiplicados aos milhares, que fazem a aura da imagem industrializada. Ela nos fascina na exata medida em que reproduz nossa alienação (KEHL, 2009, p. 4).

Kehl (2009) enfatiza o efeito de inclusão provocado pelo consumo do objeto que é validado por todos. Se o desejo de inclusão é um fenômeno psíquico constitutivo de qualquer indivíduo, quanto mais para o adolescente que acaba de “perder” seu pertencimento ao grupo dos infantis. Os objetos funcionam como elementos de identificação que igualam e subjetivam a todos, incrementando assim o sentimento de pertencimento. Por outro lado, a autora não deixa de chamar a atenção também para a consequência alienante que este processo provoca, na medida em que tal inclusão frequentemente não inclui interrogação ou dúvida.

Esta passagem, do universo infantil ao universo adolescente – mais especificamente, o momento da puberdade –, marca também a transição do corpo infantil para as funções adultas incluindo o início da atividade sexual e de procriação. E “a passagem da infância para a vida adulta é acompanhada por rituais cuja principal função é reinscrever simbolicamente o corpo desse/a que não é mais criança, de modo a que passe a ocupar um lugar entre os adultos.” (KEHL, 2009, p. 4). Já lançamos acima a discussão sobre o fato de que os tradicionais rituais de passagem sofreram modificações e parecem ter se deslocado um pouco desta função e que é nesta medida que os objetos-fetichismo funcionam como verdadeiros suportes da transição da infância para a adolescência.

Quero aqui dar destaque a este importante elemento de análise da relação do adolescente com os objetos de consumo: o processo de luto por todos aqueles objetos da infância, que a passagem adolescente opera e que inclui também o luto pelo corpo infantil. A adesão aos objetos compartilhados com os pares, tendo em vista o processo de desestabilização da imagem corporal na puberdade, pode operar a ilusão da reapropriação deste corpo, que precisa ser reescrito a partir das insígnias agora fornecidas pelos semelhantes e não mais pelos pais.

Poderíamos lembrar também que, no decorrer dos últimos tempos, os objetos que atestavam a mudança de identidade social foram sofrendo variações. Para o menino, era a calça comprida que substituía a calça curta como marca de adultês, assim como a ostentação do bigode; para a menina esta função era cumprida pelo primeiro sutiã e pelo sapato de salto. Hoje, porém, pareceria que estes objetos foram trocados, de forma *unissex*, pela bebida alcoólica e talvez o primeiro porre funcione como substituto destes outros rituais de passagem antes utilizados.

Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para frequência adolescente – a lanchonete, o baile *funk*, a boate, os mega shows de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos. (KEHL, 2009, p. 5).

1.4 O ESTÁDIO DO ESPELHO E SUA RECONSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA¹⁶

Inserir aqui *O estádio do espelho* definido por Lacan (1984) em seus Escritos, tem como objetivo dar visibilidade à constituição e integração da imagem corporal como totalidade, a partir daquilo que o Outro originário antecipa discursivamente através da voz e do olhar.

Por sua vez, vamos mostrar como se dá, na adolescência, a reconstituição do espelho, agora com a relativização da voz e do olhar do Outro materno, pela intervenção da instância paterna, operação que faz com que o adolescente busque certificação de sua imagem nos pares traduzida por uma imagem socialmente confirmada – é necessária a aprovação pelo coletivo. Neste âmbito inscrevem-se os objetos-fetice como aqueles que poderiam oferecer consistência e totalidade a esta imagem “danificada”. Esta imagem “danificada” tem uma dupla referência: diz respeito não somente ao corpo adolescente que precisa de uma reinscrição social após a puberdade, como também à definição estabelecida por Freud, que atribui ao fetiche a possibilidade de reparar o corpo materno incompleto. O autor vai se referir desta forma no artigo sobre o *Fetichismo* (1981r) em que a escolha de objeto aparece como substituto do falo materno faltante, ao qual a criança não quer renunciar. Esta ideia aparece também no texto *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, que trabalharemos adiante no tópico 3.5.

A adolescente Laura, logo após o nascimento de seu primeiro filho, “fica sem roupa”: não consegue usar as roupas de grávida, pois já não está mais; tampouco as roupas de antes da gravidez, pois já não servem. Não se reconhece no espelho e é tomada de estranhamento e angústia quando se vê automaticamente vestindo as roupas de sua mãe. Passa uma tarde toda “perdida”, transitando pelo shopping, com um sentimento de não se reconhecer, não consegue comprar nada.

¹⁶ Na discussão feita nesta sessão, utilizo trechos do texto “A reconstituição do espelho na adolescência” (originalmente publicado em COSTA, Ana; BACKES, Carmen; OLIVEIRA, Luiz Fernando Lofrano de; et. al. (Org.). *Adolescência e experiências de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004).

Usar roupa de marca é estar “garantida”, refere outra adolescente. Qual é a garantia que está em questão? Garantia de consistência, garantia de existir aos olhos do Outro, garantia de totalidade, garantia de identidade? Se a imagem do corpo enlaçada aos objetos da realidade produz consistência – para o corpo e para o objeto – a impossibilidade de consistir esta amarração reduz o indivíduo a um sentimento de despersonalização, de não existência. Isto expressa uma “soldadura entre nossa imagem e os objetos da realidade, por onde despedaçamos e dispersamos nossa *alma* para que eles possam ter consistência – existir – e, desta forma, dar consistência à evanescência da representação de nosso corpo.” (COSTA, 2003, p. 47-8).

Por outro lado, a partir da experiência de estranhamento da adolescente Laura poderíamos supor que seu bebê-falo nasce já com a incumbência de aplacar as falhas imaginárias – sua e de sua mãe – oferecendo um suporte identificatório para o “ser mulher” que ela dificilmente encontraria em outras referências. Contudo, o que é que o falo-filho garante?

Diante da perda dos referenciais identificatórios, como efeito das transformações que a puberdade ou a maternidade colocam, o corpo vacila nos seus contornos e provoca efeitos reais de estranhamento imaginário. A adesão ao objeto-fetice como possibilidade de reconquistar sustentação para a imagem corporal toma maior consistência. A perda do amparo identificatório – ou a não constituição deste – faz lembrar o caso trabalhado por Lacan (1983), no *Seminário I*, o menino Roberto ou “o Lobo”, uma criança de 4 anos, para a qual, as roupas funcionavam como continentes do corpo e quando despido era como se este imediatamente se fragmentasse. Entrava em estado de possessão, corria durante horas sem parar e apenas com firme contenção conseguia se acalmar.

O “novo” corpo, na adolescência, refere-se a todas as transformações corporais que a puberdade inicia e que a adolescência terá de absorver: é o que chamamos de reconstituição do espelho. O que é isto que acontece na fase do espelho e que vai se reconstituir na adolescência?

Esta ideia de que, na adolescência, ocorre a reconstituição da fase do espelho, é desenvolvida por Jean-Jacques Rassial (1999), em algumas de suas contribuições teóricas. Aqui vamos retomar, mais especificamente, dois de seus textos: *A Passagem Adolescente: da Família ao Laço Social* (1997) e *O Adolescente e o Psicanalista* (1999). Para podermos entender como se dá esta reconstituição, precisamos, primeiro, retomar alguns elementos do *Estádio do espelho*, texto de Lacan (1984).

O estádio do espelho representa, de uma forma ampla, aquilo do que o sujeito é comumente tomado quando ele se vê, se identifica, se localiza no outro. Poderíamos dizer que se trata da “fundação” do eu pela imagem especular. Lacan (1984) utiliza-se do espelho (instrumento) como artifício para entender a relação eu/outro, enquanto o Outro antecipa para o pequeno *infans* uma imagem à qual ele se colocará a responder de alguma forma. Lacan (1984) toma, então, o estádio do espelho como a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem a partir da relação com o Outro originário.

Faz parte da infância precoce a fantasia de que o corpo não é inteiro, de que é fragmentado em partes; o bebê não tem ainda internalizada a imagem do corpo como uma totalidade. Desta forma, os objetos do universo circundante, assim como o seio materno, podem ser partes do pequeno sujeito. A experiência diante do espelho é singular, pois revela uma imagem completa, total, frente à qual imediatamente vibra entusiasmado, pois é a contrapartida da fantasia do corpo despedaçado.

Lacan (1984) é quem primeiro sugere a experiência do espelho para visualizar a relação eu/outro na assunção de uma imagem pelo sujeito. Porém, já antes surgira esta questão na psicanálise a partir do que se chamou a experiência dos primeiros cuidados, quando este outro especular configura-se naquele que vai se ocupar da criança e que faz às vezes de espelho. O corpo inteiro e articulável, neste caso, se dá pelo toque, pelo manuseio, por aquilo que o adulto vai dizendo e nomeando, de diferentes formas, pela forma como ele vai inscrevendo uma imagem pela via significante, pela via discursiva. O adulto “desenha”, ou escreve com significantes uma imagem que o pequeno ser vai assumindo, pela via da identificação. Por isso, esse que se ocupa da criança no início da vida também é chamado outro especular por fornecer uma imagem. Este outro não é, necessariamente, um, mas todos os que cercam a criança e constituem seu mundo imediato.

O eu – nossa identidade face ao outro – é uma ficção, construída por identificações imaginárias e pelas narrativas que costuram o percurso dos sujeitos em “histórias de vida” plenas de intenções, causalidade e significação: narrativa personalizada que Freud veio a chamar de “novela individual do neurótico”. O narcisismo, condição da chamada “auto estima” de cada um, é originariamente fundado sobre o efeito que a imagem da criança produz sobre o olhar do Outro – a mãe, em primeira instância – olhar que lhe fornece a base para uma suposição (fantasiada) sobre o desejo desse Outro. Passamos a vida a nos perguntar, ou a imaginar que sabemos “o que o Outro quer de nós” quando de fato, passado o reinado da Mamãe e do Papai, somos nós que nos oferecemos para que algum Outro nos deseje, e com isso à nossa existência pareça ter alguma razão de ser. (KEHL, 2009, p. 10).

O outro especular faz o “contorno” da imagem, construção esta que, como dissemos acima, se dá pela via discursiva, pela voz e também pela forma como dirige o olhar a este corpo.

O estádio do espelho pode ser tomado, então, como a passagem do eu especular para o eu social. É isto o que Rassial (1997) retoma quando fala da passagem adolescente do familiar para o social. O sujeito, em sua constituição via imagem, articula, simultaneamente, a referência ao outro do espelho que lhe oferece a imagem especular com a referência ao Outro, lugar das identificações simbólicas possíveis. Ao mesmo tempo, na adolescência, o outro familiar passa a ser interrogado na sua capacidade de fazer a mediação desta passagem.

Neste ponto, podemos fazer novamente o enlace com a questão adolescente, pois é aí que o sujeito vê suas referências deslocarem-se da esfera privada para a ordem pública, ou do familiar para o social, ou do eu ao outro, ou do outro ao Outro, conforme já afirmávamos acima. Tomando a adolescência como a passagem de um ao outro destes polos, devemos, por outro lado, tomar o cuidado de não tomá-los como excludentes.

Para Rassial (1997), a adolescência é tomada como a afecção imaginária do eu sob o golpe do real da puberdade: momento lógico da efetuação de uma operação simbólica: “desfazimento” do corpo infantil e assunção do corpo adulto.

Com relação à assunção desta nova imagem corporal, o adolescente se vê diante de algumas dificuldades. A primeira delas é tornar-se grande, abandonar o corpo infantil, o corpo primeiro, o corpo do espelho. Isto implica uma “reconstrução da imagem do corpo que a puberdade não só modificou, mas também trocou de valor e de estatuto.” (RASSIAL, 1997, p. 190).

A segunda dificuldade é a mudança das “referências”: o olhar e a voz do Outro materno que lhe davam sustentação no estádio do espelho, vão agora ser a voz e o olhar do semelhante do Outro sexo e novas identificações devem se processar. A referência única, vinda desde um único ponto, encarnado, figurado por um dos pais deve necessariamente sofrer “pane”, como diz Rassial. Quando esta pane não se opera, quando o Outro fica encarnado numa das figuras imaginárias parentais, o sujeito não consegue passar do olhar da mãe primordial a um olhar Outro, pois o que continua funcionando é o referente materno e não um Outro referente. Os pais também estão inseridos numa cadeia de gerações, metáfora da cadeia significante, o que também implica dizer que são passadores e não ponto de origem. Esta é a operação ancorada pelo Nome-do-Pai: é o processo lógico que permite que a voz da mãe seja deslocada, “amenizada”, para que as palavras possam conter outros sons.

A adolescência é, então, segundo o autor, “esse tempo de intervalo, longo ou fugaz conforme o caso, em que o Outro está em pane (necessária) de consistência imaginária.” (RASSIAL, 1997, p. 190). É também o tempo indispensável para que o adolescente se “dê conta” que o Outro não é encarnável, figurável, mas puro efeito de linguagem, de discurso. Que o Outro é simbólico e não imaginário.

O autor também comenta em seu livro *O Adolescente e o Psicanalista* que, na adolescência, a Mãe primordial volta a ser interrogada, como já o fora na fase do espelho. Ocorre uma separação inicial cujo efeito é ganhar uma identidade e perder uma relação privilegiada com o mundo e os objetos que a Mãe primordial sustentava. Na adolescência, o sujeito sente-se ameaçado em sua identidade, pois o outro especular que fornecia a identidade imaginária é interrogado. Mas como se constitui, nesta passagem, esta “nova identidade”? Será constituída a partir da “invenção” de um lugar: passagem do familiar ao social, da afirmação de si, de falar em nome próprio, numa reelaboração do espelho e numa nova simbolização dos traços que o espelho ofereceu.

É a consistência que o significante paterno tem no discurso materno que possibilitará a passagem deste primeiro momento identitário, da relação ao Outro primordial e de um lugar designado (identidade), para o lugar das identificações possíveis. Assim, do “é você” reconhecimento impossível, porém, necessário que o espelho fornece, o sujeito se insere na abertura das identificações possíveis: sou homem ou mulher, tenho tal profissão, gosto de tais e tais coisas, etc. A partir do estádio do espelho, abre-se um caminho de identificações. Na adolescência, a interrogação sobre o ser retorna: a base identitária fornecida pela relação ao especular vacila, a identidade se perde. À adolescência cabe a tarefa de validar ou invalidar aquilo que o espelho ofereceu. Se o estádio do espelho oferecia a sustentação pela voz e olhar do Outro primordial e o Édipo inclui o pai enquanto terceiro, a adolescência incluirá o outro do Outro sexo, que jogará papel fundamental nas novas identificações. A imagem adolescente que, muitas vezes, beira a esquisitice, convoca o olhar (seu e do outro) – saída tipicamente feminina, colocando o corpo à frente¹⁷. Por sua vez, a voz ensurdecidora é para ser ouvida por ele mesmo e pelo outro – saída tipicamente masculina.

Assim, podemos situar com mais clareza de que forma os objetos-fetiche, produtos, marcas e *griffes* que, por sua pregnância e ainda mais quando reforçados pelos pares e principalmente pelo coletivo, podem muito facilmente se colocar no lugar de oferecer consistência ao corpo imaginariamente evanescente da adolescência. Portanto também

¹⁷ As bandas de música são um exemplo disso. Muito frequentemente, na dança, a mostraçãõ do corpo é reservada às meninas, enquanto que o vocal é reservado aos meninos.

podemos melhor situar o lugar privilegiado que o adolescente ocupa como consumidor na lógica do mercado, não esquecendo que o brilho da imagem/mercadoria tem o poder de encobrir o conflito que existe em sua origem, mas não de eliminá-lo. Freud (1981v) já nos ensinava, em sua definição de fetichismo, que é uma forma de lidar com a castração, negando-a com um objeto suficientemente ofuscante. Da mesma forma, não é demasiado lembrar que o que extasia o sujeito e dá origem a este mecanismo de defesa é algo faltante do lado do Outro originário.

2 O ESTATUTO DO OBJETO

Na contemporaneidade, como se dá a relação do sujeito adolescente com os objetos, particularmente os objetos de consumo? Qual é o estatuto do objeto hoje para estes sujeitos? O objeto mudou de estatuto, o adolescente mudou, ou foi a relação dele com os objetos que sofreu alterações? O que é que faz mediação na relação do sujeito com o objeto? Estas são algumas das perguntas que orientam esta pesquisa.

Acerca das mudanças no estatuto do objeto no decorrer dos tempos, poderíamos situar alguns fatores que contribuíram para sua evolução na história recente. A Revolução Industrial e depois a indústria do consumo proporcionaram que os objetos – os *gadgets* – fossem produzidos em série, o que democratiza, a princípio, o acesso a eles. Todavia, criou também uma ordem entre eles – o primeiro, o mais caro, o mais bonito, o mais famoso –, mas não uma conexão: não fazem história entre si.

Sobre a democratização do objeto encontramos no texto *O mal-estar na civilização*, um comentário de Freud (1981x) sobre a extinção da propriedade privada sustentada pelos defensores do socialismo que julgam, conforme escreve o autor, com este procedimento, livrar os homens de grande parte das causas de seu mal-estar. Tal ideologia tomaria o indivíduo como integralmente bom, isento de qualquer má intenção com o próximo e que somente teria sido corrompido pela instituição da posse particular dos bens. Com a abolição da propriedade privada desapareceria a agressividade e a hostilidade vexatória para a humanidade. Ao estabelecer igualdade material entre os homens, retira-se um dos motores da agressividade, porém, “de nenhum modo o mais forte de todos.” (FREUD, 1981x, p.3047). Para além disso, o autor concorda que uma real mudança nas relações dos indivíduos com a propriedade seria de muita ajuda para o bem estar coletivo. Contudo, o reconhecimento deste fato pelos defensores da causa – partindo de uma concepção idealista e equivocada da natureza humana – obscureceu e tornou inútil tal transformação, pois as comunidades padecem da natureza humana assim como os indivíduos, embora tenhamos de ter cuidado com a apressada analogia entre o individual e o social, diz Freud no texto referido.

De certa forma, o autor defende que a democratização do objeto – tornando-o acessível e igualitário para todos – como promessa de felicidade e como fator que eliminaria a competição e a ganância, seria uma vã ilusão. Tal intento não levaria em conta que a natureza humana estabelece capacidades psíquicas desiguais aos diferentes indivíduos e, para isto, não há remédio possível.

Sobre o estatuto do objeto na modernidade, já é bem conhecida a posição de Marx (2002) em que refere que é pela fetichização da mercadoria que ela adquire um valor diferenciado que nada tem a ver com sua natureza física nem com as relações materiais dela decorrentes. São propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos que advêm do objeto externo para o olho de quem o observa. Isto envolve “a região nebulosa da crença”, refere o autor.

O valor não traz escrito na frente o que ele é. Longe disso, o valor transforma cada produto do trabalho num hieróglifo social. Mais tarde, os homens procuram decifrar o significado do hieróglifo, descobrir o segredo de sua própria criação social, **pois a conversão dos objetos úteis em valores é, como a linguagem, um produto social dos homens.** (MARX, 2002, p. 96, grifos meus).

Assim, na proposição conceitual dos dois autores, para Freud a posse do objeto não acabaria com o mal-estar existente e não faria do homem um sujeito mais feliz e, para Marx, além de defender a posse pelo trabalhador daquilo que ele ajuda a produzir, define também que o social acrescenta ao objeto um valor a mais que não está relacionado à sua natureza física.

É importante também situar aqui uma diferença conceitual entre Marx e Lacan: para o primeiro, o reconhecimento do trabalhador passa pela posse do objeto que ele fabrica; para o segundo, o reconhecimento do sujeito, seu lugar social passa pelo Outro e se estabelece no laço social.

Faz diferença subjetiva importante dizer que o valor do sujeito passa pela posse do objeto ou que passa pelo reconhecimento do Outro. Que inusitado paradoxo! Marx não poderia supor que aquilo pelo qual ele tanto lutara, ou seja, o acesso igualitário dos indivíduos aos objetos que ajudavam a produzir, poderia trazer consequências subjetivas desta ordem: que o sujeito precisasse referir-se ao objeto para poder dizer de sua existência. De fato, no decorrer da história, percebemos uma diferença no modo de se fazer referência ou mesmo de nomear-se uma pessoa. Diz-se que, na Antiguidade, os sobrenomes eram atribuídos de acordo com o ofício (João Oliveira: que possivelmente se tratasse de um produtor de azeite de oliva) ou de acordo com a localização de sua residência, ou à origem da família (D. Pedro de Orleães e Bragança: família cuja origem estava ligada à cidade de Orleães) e assim por diante. Hoje frequentemente nos dirigimos a alguém como “o fulano, da BMW”; “a sicrana, da bolsa *Louis Vuitton*”, e assim por diante.

Partindo destas colocações, podemos afirmar que se o adolescente está num período de suspensão, de “moratória” social (conforme veremos no capítulo 3), pois não tem ainda

instituído nem reconhecido seu lugar social – não é mais criança, não está mais sob a proteção dos pais, mas também ainda não é adulto – mais facilmente ele faria adesão ao objeto para situar seu lugar e obter reconhecimento coletivo. Este seria um argumento que poderia dar conta de sustentar a relação particular que o jovem estabelece com os objetos da indústria do consumo.

No universo artístico vemos também os efeitos da revolução industrial. A reprodutibilidade da obra de arte, discutida por Benjamin, aponta para uma espécie de democratização da cultura. No texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, o autor discute o tema da reprodução das obras de arte como forma de permitir o acesso às massas. O original, contudo, guardaria sempre as características de autenticidade que são “irrealizáveis na reprodução.” (BENJAMIN, 1994, p. 167).

O que a indústria opera, assim, com a multiplicação *ad infinitum*, é a aparente perda de valor por parte do objeto artístico que o degrada à categoria dos comuns. Daí poderíamos entender a atração pelo original, pelo primeiro que, desde Platão, eleva-se sobre a cópia. Este pensador ocupava-se em estabelecer a primazia do original sobre a cópia ou do modelo sobre a imagem, argumento este já bastante interrogado. Contudo, sejamos originalistas, ao modo platônico, ou democráticos, ao modo benjaminiano, o que nos interessa investigar, de um modo geral, é a relação do sujeito adolescente com os objetos e a sua atração por eles, sejam originais, “cópias autênticas” ou falsificados.

Retomando Benjamin, a reprodução – guardadas as diferenças entre obra de arte e objetos de produção em massa –, democratiza o acesso. Contudo, o original sempre permanecerá acalentado enquanto aquele objeto perfeito. É como se o adolescente, e não somente ele, topasse ser “enganado”, para “apaziguar o desejo” temporariamente, demonstrando, desta forma, sua ligação ao original, impossível de ser perdido, sublimado. As cópias falsificadas permitem o acesso de um maior número de pessoas ao objeto cobiçado, pois a cobiça também é motivada pela posse coletiva: o adolescente quer estar incluído na categoria daqueles que têm¹⁸.

Heidegger (2008), por sua vez, considera superada a ideia de que a arte seria uma imitação do real. O fato de Van Gogh copiar um par de sapatos de camponês que realmente existe e, de fato, conseguir fazê-lo magistralmente, não é o que faz deste seu quadro uma obra de arte, “de modo nenhum. [...] Na obra, não é de uma reprodução do ente singular que de cada vez está aí presente, que se trata, mas sim da reprodução da essência geral das coisas.”

¹⁸ Já destacamos este elemento anteriormente, no tópico A adolescência e os rituais de passagem.

(HEIDEGGER, 2008, p. 28). O intuito seria, então, perseguir a essência das coisas, para além da questão da reprodução. Hodiernamente, o que se pensa sobre a essência do objeto? Ela ainda tem relevância, na modalidade atual de consumo?

Outro elemento que ajuda a pensar na relação objeto-cópia é seu caráter de engano, que parece melhor trabalhado no apólogo que envolve dois pintores Zêuxis e Parrásios, citado por Lacan (1979). Ambos envolvem-se numa disputa, em que o mérito do primeiro era ter pintado um quadro com uvas que conseguiam atrair os pássaros (*tromper-l'oeil*):

O que é enfatizado, não é, de modo algum, o fato de que essas uvas seriam uvas perfeitas, o que se enfatiza é o fato de que se tenha enganado até o olho dos pássaros. A prova é que seu confrade Parrásios triunfa sobre ele, por ter sabido pintar sobre a parede uma cortina, uma cortina tão parecida que Zêuxis, virando-se para ele, lhe disse – *Então, agora mostre o que você fez por detrás disso*. Pelo que é mostrado que se trata mesmo é de enganar o olho. Triunfo, sobre o olho, do olhar. (LACAN, 1979, p.100-101)

Queremos destacar aqui este caráter de ilusão que comporta o objeto, a ilusão da perfeição. Tal imagem garantiria a restauração de uma integridade, fazendo o sujeito triunfar sobre o objeto. Veremos adiante, nos capítulos três e quatro, o modo como este objeto que supostamente teria o atributo de perfazer uma totalidade não é indiferente para o adolescente. Acerca disso, lembramos o comentário de Lacan (1979): “nessa matéria do visível, tudo é armadilha.” (LACAN, 1979, p. 92). Ou seja, o engano estaria em tudo que é da ordem do visível.

Outro elemento ainda para avançar na discussão sobre o estatuto do objeto: os artistas frequentemente têm a capacidade de, com o auxílio de suas obras, instalações e performances, denunciar algo do social. Em Porto Alegre, no ano de 1999, na II Bienal de Artes Visuais do Mercosul, o trabalho da artista plástica Elida Tessler intitulado *Doador* foi composto exclusivamente por objetos doados de livre escolha, desde que a palavra que os designasse tivesse a terminação “dor”. Junto aos objetos havia placas em que figuravam o nome dos respectivos doadores e o nome do objeto. No projeto a artista escreve: “não importando, para o atual trabalho, a memória que cada um destes objetos carrega. [...] Imagino o resultado como uma espécie de repertório de objetos, repertório das coisas do mundo, sublinhando nossa atenção sobre este estranho jogo criado entre as coisas e os seus nomes.” Assim, formase um corredor, com duas portas, uma de entrada e outra de saída, objetos pendurados num lugar de passagem, passagem do tempo, passagem de um lugar para outro, ritual de passagem.

Num primeiro momento, chama a atenção o fato de que o objeto seja desligado de sua memória e que justaposto a outros deverá compor uma outra história, uma outra memória.

Porém, uma ligação se mantém: uma pequena placa com um nome próprio, junto com o nome do objeto doado. “Fios invisíveis de ligação das palavras-objetos.” (COSTA, 2007, p. 21). Devolve-nos o fio, porque o objeto precisa ser recoberto por palavra, precisa ser nomeado para que possa ser perdido ou doado. Ao mesmo tempo nos faz pensar que o objeto inexistente não é acompanhado da palavra¹⁹. Somente quando o objeto é nomeado que ele pode ser perdido.

Os elementos acima elencados remetem a uma questão própria da adolescência, qual seja, a passagem que o adolescente precisa operar, da coabitação familiar infantil ao espaço maior de interação pública, não se faz sem dor. Esta contudo talvez possa ser melhor suportada se a consistência do nome, ou o fio que liga ao nome, à história for suficientemente inscrito para permitir ao jovem uma passagem que não seja pela corda bamba ou, pelo menos, que seja com rede de proteção. Este nome é o que manterá a memória e a ligação com a história. Os lugares parentais (pai/mãe/filho) têm função específica na constituição do sujeito, pois dão referência à história, à tradição. É através da família que o adolescente se inscreve numa filiação na qual opera a transmissão do patrimônio anímico e da cultura própria a este grupo. O adolescente fará a construção de seu lugar, falará em nome próprio, não mais sustentado pelos pais da infância, mas a eles referidos e na filiação a este nome. São os elementos da história familiar que o adolescente necessita para dar estofamento à constituição de seu lugar no social, muito embora a autonomia e o individualismo modernos promovam o desarraigamento da tradição.

2.1 A SUBLIMAÇÃO E A COISA

A psicanálise denomina de latência o período da segunda infância que se caracteriza por uma renúncia temporária da satisfação das pulsões sexuais. A latência situa-se entre dois tempos de forte efervescência pulsional: o edipiano e o pubertário. Esta época de “adormecimento” das pulsões é decisiva para a aquisição de capacidades sublimatórias, na medida em que Freud (1911) considera que a sublimação é um dos destinos pulsionais que proporciona uma modalidade de satisfação efetiva diferente da descarga direta.

Consideramos que os destinos pulsionais de tipo sublimatório são de extrema relevância na adolescência, pois é o momento em que o sujeito precisa derivar libido para o campo das decisões intelectuais e profissionais. Do mesmo modo, trata-se de um mecanismo

¹⁹ A forma como o objeto é recoberto pelo significante através da letra, fazendo com que este perca sua característica de puro objeto será abordada com mais vagar no tópico 3.4.

importante para auxiliar o sujeito a desaver-se dos objetos infantis. A infância, ainda considerada, na cultura atual, como um momento feliz puro e belo, é cercada de objetos que, por sua pregnância, são de difícil desistência, pois altamente idealizados dentro deste contexto. Por outro lado, em que medida esta mesma cultura incentiva os processos sublimatórios na adolescência?

A sublimação das pulsões pode oferecer ao sujeito possibilidade de satisfação através de mais de uma maneira, sendo uma via de realização subjetiva preciosa que deve ser incentivada no jovem para que possa dispor dela o mais cedo possível. É no campo da satisfação das pulsões, portanto, que se coloca a questão da sublimação. Quais são os objetos que a cultura hoje aponta como valorizados e passíveis de sublimar as moções sexuais? Adiantamos uma rápida resposta considerando que a cultura não incentiva a sublimação, ao contrário, incita a satisfação imediata e rápida através da oferta e profusão sem fim de objetos da indústria do consumo.

Nos *Três ensaios para uma teoria sexual*, Freud (1981c) inclui um elemento que vai nos interessar sobremaneira na análise das relações do adolescente com os objetos de consumo, qual seja, que a sublimação caracteriza-se por uma mudança nos objetos que não se faz por meio do retorno do recaiado sob a forma de sintoma. A libido vai encontrar sua satisfação diretamente em objetos socialmente valorizados, objetos aos quais o grupo dá sua aprovação, uma vez que são objetos de utilidade pública. Retomamos a pergunta: quais são estes objetos na atual sociedade de consumo, na medida em que Freud (1981c) aponta primordialmente o campo da arte, ciência, cultura e literatura como aqueles indicados a propiciar sublimação? Neste sentido, é de interesse lançar mão da abordagem destes campos para enriquecer a análise e destacaremos adiante um recorte da arte e da literatura não sem antes fornecer maiores elementos para compreensão do fenômeno sublimatório.

Para Freud (1981), o artista é aquele indivíduo que não renunciou aos seus anseios por satisfações de toda ordem, mesmo que estas lhe tenham sido negadas pela realidade de variadas formas. Se estas satisfações são negadas na relação com o externo, ele é levado a retirar libido dos objetos do mundo e introjetá-la. Tal como no neurótico, esta libido será agora investida em suas construções mentais impregnadas de desejo, em suas fantasias. No entanto, a semelhança com a neurose termina aí, pois, a sublimação implica que esta libido investida na fantasia não será submetida aos processos de condensação e deslocamento que o recalçamento opera.

Na neurose, estes processos deformam o material fantasístico, criando as condições necessárias para que se suspendam as barreiras do recalque e o conteúdo retorne à

consciência, sob a forma de sintoma (retorno do recalçado), fonte de sofrimento para o sujeito. No caso do artista, esta libido investida na fantasia será sublimada, o que implica que seu destino não é o recalque e o retorno como uma formação do inconsciente. Em seu artigo *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud (1981), de fato, estabelecia a sublimação e o recalque como destinos distintos que a pulsão pode adotar.

Há, portanto, uma identidade entre o processo de sublimação e do recalçamento que vai até o nível da introjeção da libido e seu investimento na fantasia; daí para diante se distinguem. A sublimação implica um percurso da libido que não exclui a passagem pelo recalçado originário. O recalque originário é o significante que originalmente ficou encarregado de representar psiquicamente a pulsão e jamais teve acesso à consciência. Quando a libido retorna do mundo externo devido às frustrações sofridas, ela vai alimentar estruturas articuladas em torno do recalçado originário. Portanto, quando Freud (1981) diz que na sublimação o destino da libido não passa pelo recalçamento, devemos ter em mente que se trata do recalçamento secundário, e não do primário.

Assim, no artista, essa fantasia construída em torno do recalçado originário terá acesso ao mundo externo sem ter de sofrer as alterações e deformações impostas pela neurose. Do ponto de vista do neurótico, o artista opera uma transgressão que não lhe é permitida: realiza a suspensão do recalque. Convém lembrar, no entanto, que a sublimação não é a perversão. A sublimação é um destino pulsional que opera quando a pulsão se dirige a uma finalidade diferente e afastada da satisfação sexual.

Se, na sublimação, a fantasia, que se imprime com fidelidade no objeto criativo, vem à luz por uma via que não a distorce, ela trás consigo não o recalçado originário enquanto tal, mas a si mesma como uma construção intimamente ligada e próxima a ele, moldada a sua semelhança. Neste sentido, as obras de arte, imagem fiel da fantasia, são manifestações do recalçado originário, manifestações da pulsão que originalmente foi dirigida ao objeto materno, primeiro objeto de amor e também de frustração.

Estas considerações, a partir do texto freudiano, permitem abordar o modo como Lacan (1988) articula a sublimação no seminário *A ética da psicanálise* quando afirma que este objeto (o da sublimação) não é a Coisa, mas “a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – **ela eleva um objeto [...] à dignidade da Coisa.**” (LACAN, 1988, p. 140-141, grifos meus).

Com a noção de Coisa (*das Ding*) queremos avançar na discussão já iniciada no tópico 1.3, a propósito da relação do adolescente com o falo materno faltante. Esta relação nos interessa, na medida em que alguns autores colocam como elemento central do *das Ding* o

corpo materno faltante e a fantasia de reparação. Interessa-nos aqui abordar a relação do sujeito adolescente com o objeto mais arcaico, o objeto mítico de completude das primeiras relações. Neste sentido, faremos recorrência também, mais adiante, ao tema da inscrição do objeto abordada por Lacan (2003) no texto *Os complexos familiares* e a sua relação ao Outro primordial.

Freud (1981) propõe, com sua teoria das pulsões, romper com aquilo que seria o “equilíbrio normativo” do mundo, o encontro perfeito do objeto ao qual a maturação conduziria: um encontro ideal (natural) sob a forma da relação genital. O que o autor defende, portanto, é que o que é da ordem do pulsional não é da ordem do natural e o que é da ordem do pulsional não é da ordem do instintual. É desta forma que Lacan (1988) introduz, no *Seminário 7*, a análise que pretende conduzir sobre o tema das pulsões, da sublimação e do *das Ding* – a Coisa.

À tese freudiana de que o objeto não é da ordem do natural, Lacan (1988) acrescenta que as pulsões foram descobertas e exploradas “por Freud no interior de uma experiência fundada na confiança no jogo dos significantes, em seu jogo de substituição. [...] O *trieb* deve ser traduzido o mais próximo possível do equívoco” (LACAN, 1988, p. 115), articulado nos termos da relação de objeto. Aqui Lacan faz referência ao objeto na psicanálise como sempre perpassado pelo significante em sua operação de substituição.

A teoria dos vasos comunicantes de Freud (1981) diz que as moções pulsionais são “extraordinariamente plásticas”. Elas podem entrar em jogo umas no lugar das outras. Uma pode pegar para si a intensidade de outras e quando a satisfação de uma é recusada pela realidade, a satisfação de outra pode oferecer compensação. Elas se comportam entre si como uma rede, como “canais comunicantes” preenchidos por um líquido.

A teoria dos vasos comunicantes reforça o caráter “fugitivo, plástico” de tudo o que é da ordem do pulsional, por outro lado, segue Lacan (1988) dizendo que, para além desta plasticidade, nem toda sublimação da pulsão é possível no indivíduo, segundo ele, “encontramo-nos diante de limites. Alguma coisa não pode ser sublimada, há uma exigência libidinal, a exigência de uma certa dose, de uma certa taxa de satisfação direta, sem o que resultam danos e perturbações graves.” (LACAN, 1988, p. 116-117).

E acrescenta que, se não há objeto natural, pré-determinado ligado aos diferentes estados da libido (oral, anal, genital) é mesmo porque o indivíduo, seu mundo “interno”, relaciona-se ao mundo “externo” através da intermediação do universo das imagens (imaginário). Foi esta articulação freudiana das pulsões – não destinando a cada humano um

objeto natural – que “fez entrar o mundo inteiro em nós, recolocou-o definitivamente em seu lugar, ou seja, em nosso corpo e não alhures.” (LACAN, 1988, p. 117).

Sobre esta expressão “fez entrar o mundo inteiro em nós”, gostaria de acrescentar a forma como Heidegger (2008) se expressa a este respeito:

Mundo não é a simples reunião das coisas existentes, contáveis ou incontáveis, conhecidas ou desconhecidas. Mas mundo também não é uma moldura meramente imaginada, representada em acréscimo à soma das coisas existentes. O mundo mundifica (*welt weltet*) e é algo mais do que o apreensível, em que nos julgamos em casa. (HEIDEGGER, 2008, p. 35).

Temos aqui a destacar dois elementos importantes: se na relação do sujeito com os objetos não há um objeto natural, todos os objetos seriam possíveis. Contudo, opera nesta relação, uma mediação imaginária que estabelece que o acesso a um objeto, a eleição do objeto não se dá senão por algo que inclui o universo das imagens e a inserção numa via significante. O objeto perpassado pelo significante, em seu caráter de substituição, orientada pela tese dos “vasos comunicantes” compensa, de alguma forma, a insatisfação originária. Desta forma, alguma modalidade de satisfação pode ser alcançada.

O segundo elemento a destacar é o que Freud (1981) já acentuava na sua construção metapsicológica das pulsões: aquilo que é da ordem do pulsional está diretamente relacionado aos orifícios do corpo, o que nos autoriza a falar em “corpo pulsional”. Poderíamos então afirmar que a sublimação inclui algo de um afastamento do corpo, uma separação da pulsão do corpo? A separação do objeto pulsional primeiro implica a ancoragem num outro objeto “distanciado” do corpo?

Para a fantasia de uma satisfação completa, Freud (1981) descreve, em contrapartida – com a teoria das pulsões parciais – a insatisfação intrínseca, em que algo sempre resta de insatisfeito, de incompleto. E acrescenta que as formas arcaicas da libido não são suscetíveis de “vivência de satisfação”. As moções pulsionais mais arcaicas da criança são, ao mesmo tempo, um ponto de partida e um núcleo nunca inteiramente resolvido sob o primado da genitalidade. Lacan, por sua vez, sugere falar de “um ponto de limite, um ponto irreduzível.” (LACAN, 1988, p. 119). Mas se há, por um lado, a insatisfação intrínseca, por outro lado, Freud (1981) aponta para a abertura que parece, à primeira vista, quase sem limite das substituições que podem ser feitas no nível do alvo.

Assim, a sublimação é o processo psíquico inconsciente que permite substituir um objeto sexual por um objeto não sexual, socialmente “indicado”. Freud (1981), em seu tempo, referia-se a um conjunto de atividades que incluía as artísticas, científicas, culturais,

literárias, etc. Trabalhando deste modo com a noção de sublimação, faz com que Lacan (1988) se autorize a afirmar aos ouvintes, em um de seus seminários: “De momento, eu não beijo, eu vos falo, e posso muito bem ter exatamente a mesma satisfação que obteria, se eu beijasse!” (CHEMAMA, R. 1995, p. 207).

Lacan (1988) também acentua o caráter de intermediação imaginária contida na relação ao objeto, justamente na medida em que inclui a circulação pelo social: “no nível da sublimação, o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e, muito especialmente culturais.” (LACAN, 1988, p. 125). Não simplesmente por serem “objetos úteis”, mas porque a coletividade pode “engodar-se”, enganar-se, descansar com formações imaginárias. “A sociedade encontra uma certa felicidade nas miragens que lhes fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestidos ou de chapéus, os criadores de formas imaginárias²⁰.” Segue o autor dizendo que não é apenas na sanção que a sociedade confere aos objetos, que repousa o móvel da sublimação, mas também na função imaginária, na simbolização da fantasia “que é a forma na qual o desejo do sujeito se apoia.” (LACAN, 1988, p. 126).

Das elaborações de Freud e de Lacan sobre a sublimação que descrevemos aqui, queremos destacar:

- seu caráter de substituição fundada no jogo do significante;
- a intermediação imaginária na relação ao objeto;
- o fato de o objeto da sublimação ser apontado e validado pelo social, pelo coletivo;
- a plasticidade do objeto, na medida em que está relacionado ao pulsional;
- seu limite, na medida mesma em que é parcial;
- o objeto substituto, na sublimação, toma uma distância do corporal.

Estes elementos destacados, que definem o caráter do objeto no processo sublimatório, interessam-nos na análise que procedemos das relações do sujeito contemporâneo, particularmente do adolescente, com os objetos de consumo, pois todas as características acima elencadas acerca do objeto pulsional substitutivo podem estar diretamente relacionadas aos objetos de eleição do adolescente. No capítulo 3 iremos analisar o lugar que o objeto fetiche ocupa na subjetividade adolescente e veremos que ele concentra em si as mesmas características aqui apontadas do objeto da sublimação. O objeto fetiche tem o caráter de ser incessantemente substituído; contém em si a mediação pela imagem; necessita ser validado

²⁰ Hoje poderíamos dizer: os fabricantes dos mais variados objetos eletrônicos e a indústria do *marketing*.

pelo social; está relacionado ao pulsional; é de satisfação limitada e, talvez, no distanciamento ao corporal, resida sua mais importante característica distinta do objeto da sublimação. Outra diferença importante é que o processo sublimatório é um modo de haver-se com a falta e buscar dar outros destinos às moções pulsionais na tentativa de produzir apaziguamento. Já o funcionamento fetichista indica a impossibilidade de lidar com a falta e uma tentativa de encobri-la sistematicamente.

2.2. O OBJETO E A COISA²¹

No *Projeto de uma psicologia científica*, Freud (1981a) descreve o aparelho psíquico a partir da diferenciação de três instâncias responsáveis pela percepção, memória e consciência. A memória recebe diretamente os estímulos endógenos e as informações do mundo externo. Este “aparelho”, descrito por Freud, neste texto, baseia-se na noção de quantidade de estimulação que diferencia atividade e repouso. A tendência do organismo seria a de manter inalterada a diferença entre atividade e repouso, de modo que ele aspira a livrar-se dos estímulos. Qualquer aumento na quantidade ocasionada por um estímulo deve ser eliminado pela via da ação motora, pois seria sentido como desprazer. Já o prazer adviria da sensação oriunda da cessação do estímulo.

Todavia, Freud (1981a) percebe que as estimulações endógenas não cessam nunca constituindo-se no móbil pulsional do mecanismo psíquico. Quando o bebê sente fome, o organismo “concentra-se” num esforço de eliminação produzindo o grito ou choro; mas estes não conseguem, sozinhos, diminuir a tensão. É preciso uma intervenção externa que remova o estímulo do interior do corpo. O grito adquire, assim, a função de comunicação, na medida em que um outro ser humano pode interpretá-lo como apelo e como demanda a ser respondida e o pequeno sujeito obtém com isto a satisfação.

A vivência de satisfação traz duas consequências essenciais para o bebê: a percepção do objeto (outro materno ou seu representante) e a eliminação do estímulo que é sentida como prazerosa. Assim, como resultado da vivência de satisfação, imprime-se psiquicamente a percepção do objeto da satisfação ligada à imagem do outro primordial que “carrega” este objeto, tudo isto associado à sensação de prazer. Com o reaparecimento subsequente de novos estímulos sensoriais ou de desejo, são reativadas estas recordações ligadas a experiência de prazer outrora sentida.

O autor afirma ainda que, raramente, uma nova percepção coincide totalmente com a

²¹ Referência ao capítulo VIII do *Seminário 7* de Lacan (1988).

recordação, sendo a identidade exata entre elas uma situação hipotética, impossível na vida real, e mesmo disfuncional, já que dispensaria a função do juízo. Assim, o complexo perceptivo compõe-se de: um componente que quase nunca muda (constante) denominado “a coisa” (*das Ding*); e um componente que quase sempre varia (inconstante) e se chamará seu predicado, sua atividade ou atributo.

Em experiências futuras, independentemente do objeto percebido, o aparelho psíquico perseguirá a imagem que corresponde ao prazer proporcionado pela vivência de satisfação – perseguirá *das Ding*. Na medida em que não há uma correspondência absoluta entre o objeto percebido e o objeto de desejo, o que garante o término da busca pelo objeto que proporciona satisfação é a interrupção do processo da fome, no exemplo de Freud (1981a). Ele considera como último elemento do circuito desejante a representação de uma sensação corporal de prazer que indica a interrupção do processo.

Lacan (1988) tomou como base a noção do *das Ding* freudiano acima descrito para desenvolver sua proposição em torno da Coisa dizendo que ela está ligada às mais remotas vivências de satisfação na relação do pequeno *infans* com o outro. Refere-se ao momento em que ocorre a primeira apreensão da realidade pelo sujeito, isto é, corresponde à apreensão do objeto materno. Este processo tem um duplo aspecto: por um lado o sujeito se dá conta de que ele é algo separado da mãe, mas por outro, ele é algo que permanece ligado a ela, ligado como coisa – *als Ding*. O outro que responde aos apelos do recém-nascido não é um outro identificado por ele como semelhante, mas um sujeito que possui um traço diferencial – está submetido à ordem simbólica. A experiência de satisfação depende inteiramente desse Outro que articula a estranheza e a similitude, a separação e a identidade. É como objeto separado, isolado que ele se apresenta sob a forma do estranho, “podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito.” (LACAN, 1988, p. 69). Isto significa dizer que é essa experiência precoce de satisfação que o sujeito buscará reencontrar, fundamento de todos os seus anseios e desejos. A vida do sujeito está fundada numa espera e numa procura: reencontrar *das Ding* enquanto o “Outro absoluto do sujeito.” (LACAN, 1988, p. 69). O que ele realmente procura nos objetos que alcança é reencontrar o objeto primordial, *das Ding*. Contudo, conforme acrescenta Lacan, “é por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado.” (LACAN, 1988, p.69). No entanto, mantém-se no sujeito o intuito de reproduzir o estado inicial de prazer, portanto, de reencontrar *das Ding*.

Esta experiência primordial apresenta ainda outra característica: contém algo da imprevisibilidade. Ora, a mãe é justamente esse ser cuja lei de funcionamento é arbitrária, é a

lei do capricho, que subverte toda regularidade, toda garantia, toda referência fixa. Neste sentido, a relação primitiva com a mãe, é também, para Lacan (1988), uma relação com uma linguagem desregulada, com uma presença e ausência que atende ou não atente ao chamado. Esse Outro comporta algo de real, enigmático, e não será jamais assimilável, permanecendo “reunido como coisa” para utilizar uma expressão freudiana.

Apesar de ser inassimilável, *das Ding* serve de “mola” e referência para o desejo, na medida em que permite “lançar olhares” para o mundo das percepções na busca de satisfação. *Das Ding* enquanto vazio, furo na subjetividade, funciona como índice de exterioridade. É algo interno à subjetividade que funciona como índice da realidade, índice externo.

Para Lacan (1988), é preciso conceber que algo se instala no lugar da Coisa, fazendo com que ela se apague, ao mesmo tempo em que garante a sua existência, por significá-la. Isso que aparece para organizar a “realidade muda” de *das Ding* é o significante. Digamos que, se a Coisa ocupa esse lugar na constituição psíquica que Freud (1981a) definiu sobre a base temática do princípio do prazer, é que ela é o que, do real primordial, “padece do significante.” (LACAN, 1988, p. 149).

Para tentar circunscrever mais especificamente o campo do *das Ding* Lacan (1988), no decorrer do *Seminário 7*, enumera o que poderia ser uma série de suas características, a saber: trata-se do interior excluído²² e refere-se aos elementos significantes do psiquismo; projeta-se para além do âmbito da afetividade; e não é da ordem da simples vontade (*wille*). Referindo-se a Freud, acrescenta que é um registro em que existe a “boa vontade e a má vontade”, ligada àquilo que nomeou de “capricho materno”. Daí resulta que a ambivalência amor/ódio estará também impressa nas experiências relativas a este primeiro objeto.

Enfim, o *das Ding* refere-se ao hiato fundamental que existe entre o sujeito falante e o real de seu corpo. O corpo, para a psicanálise, é extraído do lugar de pura carne pelo efeito da linguagem sobre ele. Essa marca da linguagem opera uma distância entre o significante e o objeto, que determina uma falha, uma falta na relação do sujeito com o corpo. Esse hiato, impossível de ser preenchido e cujo objeto está irremediavelmente e para sempre perdido, entretanto, faz aparecer no sujeito seus vestígios na medida em que a carne insiste em obter satisfação. A puberdade, por ser o momento específico onde “a carne insiste”, coloca o adolescente momentaneamente desancorado frente ao descontrole desta explosão. É o real do corpo que urge pela Coisa e necessita novamente ser capturado pelas vias significantes.

O sistema inconsciente é feito de elementos relativamente estáveis que Freud (1981a)

²² Ou ainda: excluído no interior, exterioridade íntima, extimidade. Todas estas expressões são utilizadas por Lacan (1988) no *Seminário 7* para referir-se ao *das Ding*, na p. 173.

nomeou de representações de Coisa. Uma destas representações é a mãe como detentora do falo, portanto, sem falha. Outra destas representações de Coisa, a do pênis ereto (falo), tem vocação especial de representar o desejo por duas principais razões: pela sua intermitência e pela ausência dele na metade dos humanos. O desejo assim se configura a partir do fato de que a mãe deseja justamente aquilo que ela se reconhece em falta. De onde se depreende que, para desejar, é preciso aceitar-se faltante. No capítulo 4 vamos retomar estas questões para traçar considerações em torno das modalidades de recusa que o adolescente lança mão para se ver com a falta do falo do lado materno.

Klein e outros autores colocam, no lugar central de *das Ding*, o corpo mítico da mãe, ou seja, “[...] o esforço de reparação simbólica das lesões imaginárias ocasionadas na imagem fundamental do corpo materno.” (LACAN, 1988, p. 134). Lacan, por sua vez, sustenta que “[...] a redução da noção de sublimação a um esforço restitutivo do sujeito em relação à fantasia lesada do corpo materno não é seguramente a melhor solução do problema da sublimação.” (LACAN, 1988, p. 134). No entanto, prossegue o autor, “[...] há aí uma tentativa de abordar as relações do sujeito com algo primordial, seu apego ao objeto fundamental, o mais arcaico, do qual meu campo, operacionalmente definido, do *das Ding*, confere o contexto.” (LACAN, 1988, p. 134).

É na medida em que o campo do *das Ding* relaciona-se, para Lacan (1988), ao objeto mais arcaico, que ele passa a delimitar, no *Seminário 7*, o terreno da sublimação. Assim como considera simplificado em demasia restringir a questão do *das Ding* à tentativa de restituição do corpo materno castrado, faltante, da mesma forma não concorda em abordar o tema da sublimação, tratando-o sob a rubrica das Belas-Artes ou de outras fontes de satisfação para o sujeito (ginástica, dança, etc.), pois apontaria para uma saída também reduzida e pueril.

Refere o autor também que não devemos deixar de lado aquilo que Freud acentuou, no que diz respeito à produção artística associada à sublimação, que é a questão do reconhecimento social. “Não há avaliação correta possível da sublimação na arte se não pensamos nisto.” (LACAN, 1988, p. 135). Ao mesmo tempo, chama a atenção para uma questão que interessa muito à discussão sobre os objetos de consumo: aquilo que o social aponta como valorizado vai sofrendo modificações no transcorrer do tempo.

Não se pinta na época de Picasso como se pintava na época de Velásquez, não se escreve tampouco um romance em 1930 como se escrevia no tempo de Stendhal. Este é um elemento absolutamente essencial que não devemos, por enquanto, conotar no registro do coletivo ou do individual – coloquemo-lo no registro do

cultural. O que é que a sociedade pode encontrar aí de satisfatório? (LACAN, 1988, p. 135).

Já afirmamos que a sublimação é uma forma de satisfação das pulsões que inclui a substituição, substituição significativa mais precisamente. É em função da ética que devemos “julgar essa sublimação enquanto criadora de tais valores, socialmente reconhecidos” (LACAN, 1988, p. 135). O que nos leva a afirmar que na análise das relações do sujeito adolescente com os objetos de consumo, não se trata de operar com valores morais, do bem ou do mal, do bom ou do ruim, ou mesmo de operar com o peso da razão e com a prevalência do dever, no intuito de conter desregramentos ou zelar para que opere suficientemente a inibição. Não se trata, no estudo das relações de objeto na adolescência, de construir algo da ordem da culpabilização. A questão é: o que o social aponta hoje, para o adolescente, como destinos possíveis para as moções pulsionais? Afirmamos acima que “as soluções” indicadas vão sofrendo alterações com o desenrolar da história.

Lacan (1988) cita a prática do amor cortês como exemplo da supervalorização/sublimação do objeto operado pela cultura, uma exaltação historicamente datável e que não necessariamente aponta para a realização prazerosa. Abordaremos este tema, com mais detalhes, adiante, no tópico 2.5. No entanto, adiantamos aquilo que Lacan afirma:

[...] é na medida em que esse novo objeto é promovido, numa certa época, à função da Coisa que se pode explicar esse fenômeno que, sociologicamente, se apresentou sempre para aqueles que o abordaram como francamente paradoxal. (LACAN, 1988, p. 141).

Analisar esta criação pela Arte (literatura, no caso) do amor cortês serve-nos para melhor apreender como uma formação coletiva opera no sentido da elevação do objeto à dignidade da Coisa e mostra “o que é inventar um objeto numa função especial, que a sociedade pode estimar, valorizar e aprovar.” (LACAN, 1988, p. 142). Veremos também como nesta modalidade de elevação do objeto à dignidade da Coisa, e o processo de sublimação que implica o amor cortês, destaca-se a função do reconhecimento social apontado, independentemente de sua função utilitária ou prazerosa.

Queremos destacar ainda, a propósito do amor cortês, um componente importante: a validação social implicada no processo, pois este elemento auxilia a pensar a relação do adolescente com suas escolhas. Em função disto, abordarei adiante no tópico 3.5, o fragmento clínico da adolescente Adriana que precisava omitir das amigas que seus vestidos de festa

eram confeccionados pela mãe. Ao contrário, atribuía-os a um estilista famoso, disputado por todas as amigas. Isto permite assegurar que é essencial, para o adolescente que a escolha do objeto seja compartilhada coletivamente.

A propósito disto, cabe lembrar que, no campo da Coisa, o objeto é sempre reachado; antes do que realmente perdido, ele é reencontrado. “Que ele tenha sido perdido é a consequência disso – mas só depois.” (LACAN, 1988, p.149). A única maneira de saber que foi perdido, é por meio desses reencontros. A segunda característica da Coisa, como velada, é que, por sua natureza, ela é, em seus reachados, representada por outra coisa. Achado nas vias de significante, segue o autor, pois a função do princípio do prazer é conduzir o sujeito de significante em significante a fim de manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula o funcionamento do aparelho psíquico.

Quanto à relação do homem ao significante, nesta “regulação” da tensão, ela é, em todo caso, permeada por enganos. “O que o homem faz quando modela um significante? [...] O homem é artesão de seus suportes. [...] Esses significantes são, em sua individualidade, modelados pelo homem, e provavelmente ainda mais com suas mãos do que com sua alma.” (LACAN, 1988, p. 150).

Lacan utiliza a metáfora do vaso para demonstrar que o objeto, em sua função significante, engendra o vazio, como também a perspectiva de preenchê-lo. “É a partir desse significante modelado [...] que o vazio e o pleno entram como tais no mundo.” (LACAN, 1988, p. 152). O vaso (significante) é feito a partir de uma matéria; nada se constitui a partir do nada. Este pensamento lembra a frase frequentemente repetida por Lacan: o significante está primeiro no campo do Outro.

O autor ilustra, assim, o processo de recortar o real, atribuindo-lhe bordas, a partir de dois movimentos: o primeiro refere-se à introdução, no real, da hiância, do furo; e o segundo, à modelagem do objeto como criação do significante a partir desta hiância. Um objeto pode preencher a função de representar a Coisa, na medida em que esse objeto é criado. Lembremos que ele afirma que a criação artística é a modalidade de sublimação que eleva o objeto à dignidade da Coisa. O homem modela o significante e o introduz no mundo: modela o significante à imagem da Coisa, “enquanto que esta se caracteriza pelo fato de que nos é impossível imaginarmos-la para nós. É aí que se situa o problema da sublimação.” (LACAN, 1988, p. 157).

2.3. HEIDEGGER E A COISA

Gostaríamos de acrescentar a posição heideggeriana a propósito da noção de Coisa, não sem antes lembrar que Lacan sofreu intensa influência de Martin Heidegger na construção de vários conceitos. O filósofo alemão fez parte de sua formação desde quando começou a frequentar, na década de 30, os seminários de Kojève. Na teoria lacaniana, formulada a partir do entendimento de que o inconsciente estrutura-se como uma linguagem, encontram-se elementos que correspondem às análises efetuadas por Heidegger da estrutura do *Dasein* e sobre a questão do Ser. Trata-se de âmbitos conceituais distintos, contudo, a teoria da linguagem que cada autor propõe, inclui a possibilidade de uma aproximação entre ambos. Nos primeiros anos do ensino de Lacan, Heidegger de fato é presença constante em suas elaborações, particularmente quanto à linguagem ser o que constitui o sujeito enquanto reveladora da verdade em relação ao seu desejo. Tomou de empréstimo do filósofo a noção de “pesquisa da verdade” que parecia compatível com a noção freudiana de “desvelamento do desejo”. A verdade incessantemente esquecida e reprimida permitia ao desejo “revelar-se”.

Além de leitor, Lacan também foi tradutor de Heidegger: em 1955 verteu para o francês o artigo “*Logos*”, publicado na revista *La Psychanalyse*. O número desta revista do qual Lacan estava encarregado era dedicado à palavra e à linguagem. No texto, trata-se de *logos* no sentido de linguagem que obriga o indivíduo a “apagar-se” ante a verdade que enuncia e a marca mais evidente dessa noção encontra-se no “Discurso de Roma”. Fascinado pelo estilo heideggeriano, Lacan (1984) tornava a encontrar ali a arte do comentário ao qual o havia introduzido Kojève. Tal é a lição de Lacan (1984) no Discurso: trata-se de uma palavra que fala em lugar do sujeito e que há que escutar para restituir seu sentido. A conclusão que daí decorre é que o território do inconsciente é totalmente delimitado pela função da fala e pelo campo da linguagem.

Heidegger, no pequeno mas consequente livro *A origem da obra de arte*, pensa sobre a natureza da obra de arte e a primeira interpretação com que nos brinda é sobre seu caráter de coisa (*Dinghaft*), sua pura realidade: um quadro é um quadro, está pendurado na parede, vagueia de exposição em exposição, como também outras obras podem ser encontradas no acervo arquitetônico e nas praças públicas. “Todas as obras têm este caráter de coisa”, refere o autor. (HEIDEGGER, 2008, p. 13). Mas esta é a perspectiva exterior e grosseira da obra, embora incontornavelmente incluída nela.

Além deste óbvio caráter coisal, a obra de arte é ainda algo outro, para além de seu

caráter de coisa e que constitui seu patrimônio artístico: por ser um elemento fabricado, ela é **alegoria e símbolo** que são sua caracterização.

Alegoria e símbolo fornecem o enquadramento em cuja perspectiva se move desde há muito a caracterização da obra de arte. Só essa unidade na obra, **que revela um outro**, essa unidade, que se reúne com algo de outro, é que é **o elemento coisal** na obra de arte. Quase parece que **é o caráter de coisa na obra de arte que constitui como que o suporte no qual e sobre o qual o outro e o autêntico estão edificadas**. (HEIDEGGER, 2008, p. 13-14, grifos meus).

Dizendo de outro modo, alegoria e símbolo caracterizam a obra de arte. Essa unidade (alegoria e símbolo) revela um outro que é o elemento coisal (a coisa) na obra de arte, ou seja, alegoria e símbolo revelariam a coisa, segundo o autor. Chama a atenção, porém, que ele não se dedica a explorar o que a alegoria e o símbolo poderiam nos dizer a respeito da coisa, em vez disso,

[...] temos, pois, primeiro de examinar o caráter coisal da obra. Para tanto, é preciso que saibamos de um modo suficientemente claro o que é uma coisa. Só então se pode dizer se a obra de arte é uma coisa à qual adere ainda algo de outro, só então é possível decidir se a obra é, no fundo, algo de outro e nunca uma coisa. (HEIDEGGER, 2008, p. 14).

Para ele, de um modo muito geral, pode-se denominar de coisa a qualquer coisa, a uma pedra, um cântaro, ao leite do cântaro, a uma nuvem; da mesma forma a aviões, telefones, rádios. Até mesmo às coisas derradeiras, como morte e juízo, podemos chamar de coisas. “O homem, porém, não é uma coisa.” (HEIDEGGER, 2008, p. 15). Hesitamos também em chamar de coisa aos animais, refere o autor. Coisa, mais facilmente chamaríamos àquelas que se define o uso, como o martelo, o sapato. Contudo, de um modo amplo, são os objetos inanimados da natureza, incluindo aí as meras coisas, que são coisas e nada mais. Em que consiste o caráter coisal destas coisas, pergunta o autor.

As interpretações correntes da coisidade da coisa podem reduzir-se a três:

1. Apenas a soma de suas características, de suas propriedades, a soma de seus predicados.
2. Aquilo que é perceptível aos sentidos, à sensibilidade, através das sensações, ou seja, a unidade, o todo constituído a partir da soma da multiplicidade dada pelos sentidos, afluência de sensações.

3. A materialidade da coisa, sua consistência, sua determinação como matéria, a forma, a firmeza, a consistência, tudo isto reside no fato de uma matéria se conjugar com uma forma.

Estas três conceitualizações usuais aplicam-se igualmente bem às coisas da natureza e às coisas do uso. Contudo, recomenda o autor, não devemos nos deixar levar (fascinar) pela antecipação, imediatez e espontaneidade de tais interpretações, pois elas não apreendem a coisa, ao contrário, mascaram-na, atacam-na.

Além de o autor considerar que as caracterizações acima, apesar de dominantes socialmente, nos distanciam da apreensão do conceito, ele também defende que a coisa não se define pelo seu uso. Heidegger utiliza o termo *apetrecho* para designar “o que é fabricado expressamente para ser utilizado e usado.” (HEIDEGGER, 2008, p. 21). O objeto utilitário é o *apetrecho*. Este tem uma afinidade com a obra de arte, na medida em que ambos são produzidos pela mão do homem. Porém, a semelhança termina aí, pois a obra de arte identifica-se mais à mera coisa²³, diferente contudo da simples coisa. A obra de arte independe do uso e tem um caráter de autossuficiência; o *apetrecho* está numa posição intermediária entre a coisa e a obra, pois não tem a autossuficiência da obra, sendo a *serventia* seu traço fundamental.

Com relação à coisa, ela é “o que há de mais discreto [...] é o que mais obstinadamente escapa ao pensar.” (HEIDEGGER, 2008, p. 23). Isto justifica a tentativa do autor de aproximar-se de sua definição, iniciando por aquilo que a coisa não é, pois “que a coisidade da coisa muito difícil e raramente se deixa dizer, disso constitui a história das suas interpretações uma prova infalível.” (HEIDEGGER, 2008, p. 24).

Resta destacar o caráter de alegoria e símbolo que o autor aponta como características da obra de arte e que revelariam seu caráter *coisal*. Gostaria aqui de chamar a atenção para a origem grega da palavra *alegoria* que significa *allós*: outro e *agourein*: falar. Além disso, *alegoria* diz respeito a uma obra ficcional que representa uma coisa, para dar ideia de outra. E, quanto ao símbolo, podemos enunciá-lo, brevemente, como aquilo que por analogia, por sua forma, natureza ou por convenção representa, indica, evoca, ou substitui outra coisa. Tais características: um objeto que dá ideia de outro e, ao mesmo tempo, evoca, substitui outro, são elementos de extrema importância para avaliar a função que ocupa o objeto para o

²³ “Mero”, para o autor, significa o despojamento do caráter de *serventia* e utilidade.

adolescente. Esta função específica do objeto será retomada no capítulo 4 quando analisaremos a função do objeto enquanto índice do falo.

Assim, do objeto de arte analisado por Heidegger (2008), é seu caráter de alegoria que nos interessa na análise da Coisa, sua propriedade de indicar um “outro falar”, de indicar um “dito de outra forma”. Também queremos destacar sua qualidade de símbolo e tomamos aqui a liberdade de utilizar símbolo como aquilo que, por analogia, representa ou substitui outra coisa. Por último, salientamos sua propriedade de não se definir pelo seu cunho utilitário, ele se destaca dos outros objetos não pelo uso que lhe possa ser destinado, pode ser um objeto inútil. São elementos que queremos ir “guardando” para nossa análise da relação do adolescente com seus objetos de escolha.

2.4. A OBRA DE ARTE CINGE A COISA

Sobre os três grandes modos de sublimação reconhecidos pelo homem, a saber: Arte, Religião e Ciência, Lacan (1988) sugere que a primeira se caracteriza por certo modo de organização em torno do vazio. A Religião consistiria em todos os modos de evitar esse vazio. Freud (1981r) salientou os traços obsessivos do comportamento religioso e nos cerimoniais a expressão “respeitar este vazio” talvez tenha mais propriedade e alcance. De qualquer modo, o vazio permanece **no centro**, é precisamente nisso que se trata de sublimação. A ciência, por sua vez, rejeita a presença da Coisa, afirma o autor.

As pinturas rupestres no interior das cavernas, por exemplo, mostram-nos que, para além da sobrevivência dos povos primitivos, se estabelece uma tentativa de organização em torno do vazio, a pintura domina-o progressivamente e é a organização desse vazio que designa justamente o lugar da Coisa. Poderíamos acrescentar que os elementos pictóricos oferecem o recobrimento simbólico do vazio da Coisa. Lacan afirma: “Numa obra de arte trata-se sempre de cingir a Coisa.” (LACAN, 1988, p. 175). E, mais adiante, acrescenta:

É claro que as obras de arte imitam os objetos que elas representam, sua finalidade, porém, justamente não é representá-las. Fornecendo a imitação do objeto elas fazem outra coisa desse objeto. Destarte, nada fazem senão fingir imitar. O objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar. (LACAN, 1988, p. 176)

A imitação, na obra de arte, orienta-se no sentido da presentificação do objeto. Contudo, na imitação, abre-se uma nova dimensão “onde a ilusão se quebra e visa outra

coisa”, fazendo surgir o objeto de uma maneira que é lustral²⁴, que é, ao mesmo tempo, uma renovação (dar lustro) na forma de uma nova inserção imaginária, datada no tempo, porém, não “desvinculadas dos esforços dos artistas anteriores”, portanto, nem tão nova assim. (LACAN, 1988, p. 176).

Aqui destaco ainda outros elementos de análise: se o objeto da arte rodeia, cerca a Coisa, no entanto, ele, sem mais, propõe a organização em torno de um vazio que permanece. Deste modo, a obra de arte presentifica o objeto na sua imitação, mas ao mesmo tempo “ausentifica”, indicando a constante impossibilidade de acesso a ele. Lembremos também que se estamos trabalhando em torno do tema do estatuto do objeto, estamos supondo que, no decorrer dos tempos, ele vai sofrendo modificações. Contudo, vemos aqui que, em se tratando de sua função de ausência, ele não é tão novo assim.

2.5 AMOR CORTÊS, SUBLIMAÇÃO, A COISA

Neste ponto, não interessa tanto tomar, na adolescência, a eleição de um objeto de amor, mas apenas a relação de objeto como tal, dando destaque ao fato de ser um objeto indicado e valorizado socialmente, como também interessa dar destaque à modalidade de relação a este objeto, à forma como o adolescente coloca-se diante dele. Vejamos o que estes elementos característicos da relação no amor cortês podem apontar da relação ao objeto na adolescência.

Lacan (1988) analisa este fenômeno histórico-literário, o sucesso dessa extraordinária moda, conforme ele mesmo refere, indicando-a como um modo de relação do homem com a mulher, de certo modo **estupefante**, colocando em questão o objeto feminino, esse objeto de louvor, de prestação de serviço, de submissão, de comportamentos estereotipados do adepto do amor cortês à Dama. Esse fenômeno se mostra como uma “obra de sublimação em seu mais puro alcance.” (LACAN, 1988, p. 158). Além disso, no amor cortês, a um objeto, a Dama, é conferido o valor de **representar a Coisa**.

O autor ainda acrescenta que a “Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio” (LACAN, 1988, p. 162), por não poder ser, de fato, representada por outra coisa. E, em toda forma de sublimação, o **vazio** será determinante.

²⁴ Este tema foi tratado com maior profundidade em BACKES, C. O que é ser brasileiro? São Paulo, Editora Escuta, 2000, capítulo 4.

Para Lacan (1988), o amor cortês é esta forma de sublimação que se criou num momento da história literária, particularmente da poesia. Já afirmamos anteriormente que Freud (1981) atribui à operação de sublimação o fato de ser sempre eticamente, culturalmente, socialmente valorizada, ou seja, a sublimação, de alguma forma, passa pela **aprovação do social**.

Os escritos poéticos do amor cortês, que se produziram na Europa mais ou menos do século XI ao século XIII, eram um consenso e delimitaram princípios morais, comportamentos e principalmente uma erótica na relação homem-mulher²⁵ e tinham como característica evidente o fato de serem uma escolástica do **amor infeliz**. A Dama – que está num **lugar idealizado** – era colocada em condição de **inaccessibilidade**, de **privação**. “Não há possibilidade de cantar a Dama, em sua posição poética, sem o pressuposto de uma barreira que a cerque e a isole.” (LACAN 1988, p. 185).

A Dama (ou *Domnei*, como também é chamada) é frequentemente referida por um termo masculinizado – *Mi Dom*, isto é, meu senhor. “A Dama é apresentada, portanto, com caracteres **despersonalizados**, de tal forma que autores puderam notar que todos parecem dirigir-se à mesma pessoa. [...] Nesse campo poético, o objeto feminino é **esvaziado de toda substância real**.” (LACAN, 1988, p. 185-186, grifos meus). E segue Lacan afirmando que é isto que faz com que Dante faça a sua pequena Beatriz equivaler-se “à filosofia, e até mesmo, em última instância, à ciência sagrada, e de lançar-lhe um apelo em termos tanto mais próximos do sensual quanto a tal pessoa é mais próxima da **alegoria**. Nunca se fala tanto nos termos mais crus do amor do que quando a **pessoa é transformada numa função simbólica**.”²⁶ (LACAN, 1988, p. 186, grifos meus)

Vemos aqui funcionar em estado puro o móvel do lugar ocupado pela visada tendencial na sublimação, ou seja, que aquilo que o homem demanda em relação ao qual nada pode fazer senão demandar, é **ser privado de alguma coisa de real**. (LACAN, 1988, p. 186, grifos meus).

E acrescenta que essa demanda derradeira de ser privado de alguma coisa de real é essencialmente ligada, através do sistema de significantes, à simbolização primitiva que se encontra inteiramente na significação do dom de amor. Lacan (1995) desenvolve, no

²⁵ Lacan não se cansa de repetir que “o amor cortês é, com efeito, uma forma exemplar, um paradigma de sublimação” (LACAN, 1988, p. 160), mas alerta que não devemos reduzir o problema da sublimação ou mesmo centrá-lo, na relação homem-mulher.

²⁶ Destacamos aqui também os elementos que já aparecem em Heidegger na sua caracterização da Coisa: alegoria e símbolo.

Seminário 4, acerca da relação com o Outro originário a propósito do desmame: uma questão é ser privado do objeto da necessidade; outra, diferente, é que o objeto está apenso à boa vontade do Outro. Assim, o objeto real da satisfação fica a mercê do capricho da mãe, ele passa a ser objeto de dom: “a mãe dá se ela quiser dar”, ou seja, torna-se signo do dom de amor, ligado à boa vontade do Outro. Retomando o modo de relação à dama no amor cortês e os elementos que o exemplo acima autoriza sugerir como hipóteses, destacamos ainda que a expressão *Domnei* permite analisar outra característica do objeto: a palavra remete a **dominar**, ou seja, o objeto do amor cortês é também “enlouquecedor”, “desumano” e “cruel” que, no extremo do seu arbítrio, **impõe provas** ao seu servidor. (LACAN, 1988, p.187). Características estas que tornam possível supor que a relação ao objeto, nesta forma de amor, não é da ordem do prazer.

Lacan (1988) ainda acentua, sobre as características do objeto do amor cortês, seu lado de **exaltação ideal**: seu caráter profundamente narcísico refletido na relação especular (de ordem marcadamente imaginária) que inclui também a diminuição destrutiva, agressiva, mas que, por outro lado, desempenha também um papel de limite. (LACAN, 1988, p. 188). Outro pressuposto do objeto é que ele não é apenas inacessível, mas também separado daquele que se consome em atingi-lo.

Retomando até aqui o fio condutor do capítulo, afirmamos, em consonância com Lacan (1988), que a fórmula da sublimação é a de elevar o objeto à dignidade da Coisa e apresentamos o fenômeno do amor cortês como uma obra de sublimação por excelência. Neste fenômeno, à Dama é conferido o valor de representação da Coisa, contudo, por ser um representante do processo de sublimação a insistência do vazio é determinante. Ou seja, o objeto é colocado numa função especial, sancionada pelo coletivo, todavia, independente de sua função utilitária, é mais reencontrado do que perdido. No entanto, o objeto, por mais maciço que se apresente, constitui o vazio, dá contorno ao vazio – metáfora do vaso – o que faz com que o objeto maciço seja reiteradamente buscado.

O amor cortês, naquela época, era valorizado pela cultura e sua prática enaltecida. Contudo, queremos destacar as características do objeto, nesta prática amorosa, que apresenta o paradoxo de, apesar de ser aprovado e indicado socialmente como um “caminho” (alvo) possível para as moções amorosas e sexuais, no entanto mantinha características de insatisfação, infelicidade e sofrimento.

A modalidade da relação de objeto no amor cortês inclui as seguintes características: é um amor infeliz que destina à Dama um lugar idealizado e, por isso mesmo, inacessível, do qual o sujeito se vê privado, colocando-se a prestar serviços na tentativa de obtê-lo. O objeto

apresenta-se despersonalizado, isto é, esvaziado de toda substância real, próximo da alegoria, parecendo ser o mesmo para todos os sujeitos. No seu domínio, o objeto impõe provas ao servidor e por se tratar de uma relação especular, idealizada, comporta elementos agressivos e até destrutivos. E, por último, os rodeios e obstáculos no acesso ao objeto o mantém em posição de retenção e suspensão sustentando o prazer de experimentar o desprazer. Todas estas qualidades do objeto remetem a pensar na relação que o adolescente estabelece com os objetos da indústria do consumo e, principalmente, com as marcas e *griffes*. Os esforços que o jovem empreende para o acesso a ele colocam-no em lugar de ideal, não importando a escassez de significação que isto representa, o que conta é o imperativo de obtê-lo. O modo de relação a este objeto e com tais características, pareceria, no entanto, não condizer com o processo sublimatório.

Demos destaque (em **negrito**), no decorrer deste tópico, a algumas características do objeto no amor cortês e os retomamos acima como elementos de suporte para a discussão do tema das relações do sujeito adolescente aos objetos que são também idealizados, elevados a uma condição de valor²⁷ que de fato não carregam, parecendo, com isto, exercer mais uma função simbólica do que prática. É um objeto cuja posse o adolescente não consegue não querer, exercendo sobre ele um domínio fascinante. Contudo, não deixando de lembrar que no processo de sublimação proporcionado pelo amor cortês, como em qualquer outra forma de sublimação, é conferido ao objeto o valor de representar a Coisa e não de sê-la, pois ela será sempre representada por um vazio e em todas as modalidades de sublimação o vazio será determinante. Neste sentido, podemos lembrar também que a obra de arte, seja a poesia ou qualquer outra, contorna a Coisa.

No entanto, cabe aqui uma diferenciação a mais: no amor cortês, a idealização da dama torna-a inacessível. Louvá-la, sob a forma de uma construção literária, é que comporta o processo sublimatório. A sublimação opera na invenção de um gênero literário específico e datado no tempo, que ressaltava as qualidades da dama.

Poderíamos pensar que a “invenção” do objeto de consumo comporta em si uma ambiguidade semelhante: ele é tornado ideal por quem o produz como também por quem o almeja. Ao mesmo tempo, tanto produzi-lo como artefato (fabricante) como constituí-lo em objeto desejado (adolescente) comportaria em si um caráter sublimatório. Desta forma, o

²⁷ Abordaremos com mais detalhes a questão do valor do objeto no tópico 3.5 sobre o objeto fetiche.

objeto incluiria tanto a idealização como a sublimação. E, embora trate-se do mesmo objeto, os processos são que se distinguem²⁸.

Passo agora a trabalhar sobre o tema dos complexos familiares para oferecer elementos de análise da inscrição do objeto primordial e sua relação com os objetos que podem se oferecer como substitutivos na tentativa de operar sua reinscrição.

2.6 A INSCRIÇÃO DO OBJETO E OS COMPLEXOS FAMILIARES

Lanço mão aqui de um recorte clínico associado com o tema da insistência dos restos infantis dos complexos familiares, para dar visibilidade à forma como Lacan (2003) os toma numa das modalidades de constituição do objeto na relação com o outro, mais especificamente com o outro familiar – núcleo mínimo do social e base das relações posteriores do sujeito – salientando a forma de inscrição do objeto originário, cujas marcas ficam impressas de forma indelével, e dando ênfase ao fato de que nestas relações primeiras com o Outro originário, estaria a verdade recalcada daquilo que repetidamente faz laço entre os humanos.

Gustavo é um adolescente tardio de 26 anos que está cursando a faculdade de Design, depois de ter transitado por duas outras, sem concluir nenhuma, preocupado com o fato de, a esta idade, ainda não ter se formado e depender financeiramente dos pais, sem perspectiva imediata de mudar tal situação. Aparenta não ter dificuldade de relacionamento com as mulheres, pois já teve muitas namoradas: assim como termina com uma, logo inicia com outra, sem transcurso de tempo entre uma e outra. Este modo de funcionamento não lhe traz interrogação, mas sim o fato de, nos últimos tempos, insistir para ele a imagem de uma mulher mais velha, Fernanda, com quem se relacionou, mas que não seguiu adiante por julgá-la inadequada, pois se trata de uma mulher mais velha, madura, independente, de opiniões firmes, com a vida profissional decidida, “uma mulher masculina... como minha mãe”. Para melhor defini-la, cita um trecho da música “Garota Nacional” da Banda Mineira Skank: “Eu detesto o jeito dela mas, pensando bem, ela fecha com meus sonhos como ninguém...” Depois de findo o namoro, logo se apaixona por outra garota, mas são os pensamentos em torno da namorada anterior que insistem, algo que, para ele, é novo, pois

²⁸ Agradeço à Maria Cristina Poli por ter observado esta diferenciação no momento da banca de defesa. Seria necessário, no entanto, extrair maiores consequências disto, o que, talvez, pudesse se constituir num momento de desdobramento posterior a esta tese.

facilmente se desprende de um relacionamento e vincula-se a outro, da mesma forma apaixonada de sempre.

Irritado com pensamentos que não consegue controlar, vai a uma festa e “toma um porre”. No dia seguinte, da amnésia alcoólica lhe restam um cupom fiscal no bolso e uma lembrança da infância: picolé Chicabom (chocolate e leite) que desfrutava nas madrugadas, depois das festas com Fernanda, o mesmo que lembra ter conhecido com a mãe, em idade bastante precoce. Por associação e não com toda a certeza, julga ter saído da tal festa e ido ao mesmo posto de gasolina, comprado novamente o picolé, porém desta vez sem a companhia de Fernanda.

O termo complexo refere-se a um conjunto de representações, recordações de valor afetivo considerável, e embora possam ser em parte ou totalmente inconscientes, são atuais e atuantes na vida do sujeito, pois estão vinculadas às relações interpessoais que compõem sua história infantil, dentro do universo familiar. Freud deu destaque aos Complexos de Édipo e de Castração e refutava uma certa tipificação psicologizante que poderia advir da má aplicação da noção de complexo. Salientou, porém, sua função estruturante em determinados momentos do desenvolvimento, particularmente do Édipo e ao modo como o sujeito aí “encontra o seu lugar e se apropria dele”, na conflitiva ambivalente com o pai. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p. 109).

Lacan (2003) desenvolveu o tema da inscrição do objeto na relação com o Outro em seu texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. O autor enuncia, neste artigo, aquilo que já está antecipado em Freud²⁹: o fato de que o estabelecimento das relações sociais na espécie humana está sustentado “por uma economia paradoxal dos instintos”, o que faz necessária uma operação de conversão e introversão, bem como uma série de comportamentos adaptativos, resultantes do domínio das instâncias naturais pelas culturais. (LACAN, 2003, p. 29-30). A célula mínima desta constituição social é a família e reconhecemos nela o “órgão privilegiado da coerção do adulto sobre a criança, coerção esta a que o homem deve uma etapa original e as bases arcaicas de sua formação moral.” (LACAN, 2003, p. 30). O autor não se alinha entre aqueles que se afligem com o pretense afrouxamento dos laços de família e acrescenta que os complexos dão aos confrontos sociais do período de latência o máximo de eficácia na formação racional do sujeito.

²⁹ Principalmente nos textos *Pulsões e seus destinos* e *O mal-estar na Cultura*.

Como quer que seja, foram as formas de neurose predominantes no fim do século passado que revelaram que elas eram intimamente dependentes das condições da família. Essas neuroses [...] parecem ter evoluído no sentido de um complexo caracterológico no qual, tanto pela especificidade de sua forma quanto por sua generalização [...], podemos reconhecer a grande neurose contemporânea. (LACAN, 2003, p.67).

Mais adiante o autor acrescenta: os complexos familiares revelam, nas neuroses, que os sintomas manifestam uma relação “contingente” com um objeto familiar e cumprem aí uma função “causal”. Para sustentar tais hipóteses, Lacan (2003) descreve três complexos, a saber: o complexo do desmame, que promove a fixação da imago materna e seu posterior abandono; o complexo de intrusão e a reiteração da perda do objeto; e o complexo de Édipo que inclui o objeto terceiro – o rival.

2.6.1 O Complexo do Desmame

Por seu nascimento prematuro, o bebê humano, através da relação de amamentação, coloca-se numa posição de total dependência do Outro e, com isto, instala-se a representação mais primordial da imago materna. Delineiam-se aí os “sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o sujeito à família” (LACAN, 2003, p.36), sendo o complexo do desmame inteiramente dominado por fatores culturais e, portanto, diferente dos instintos. No homem, “é uma regulação cultural que condiciona o desmame.”³⁰ (LACAN, 2003, p.36).

Assim, o desmame deixa no psiquismo humano uma marca permanente, pois interrompe aquilo que Lacan (2003) nomeia de uma “relação biológica” com a mãe e moldará as experiências psíquicas posteriores. Ele pode, portanto, ser aceito ou recusado e, na falta de um eu que afirme ou negue, pois que ainda em estado rudimentar, a aceitação ou recusa não pode ser considerada uma escolha. Isto torna a operação essencialmente ambivalente (ambivalência primordial). “É a recusa do desmame que funda o positivo do complexo” (LACAN, 2003, p.37), afirma Lacan e que estabelece a imago da relação de amamentação,

[...] sendo essa etapa anterior ao advento da forma do objeto, não parece que esses conteúdos possam ser representados na consciência. Mas eles se reproduzem nela, nas estruturas mentais que, como dissemos, moldam as experiências psíquicas posteriores. Por ocasião destas, eles serão reevocados por associação, mas serão inseparáveis dos conteúdos objetivos que houverem *informado*. (LACAN, 2003, p.37).

³⁰ Colocaríamos a palavra cultural entre aspas, pois veremos no tópico 3.8 que o desmame, ou a passagem de uma fase da libido a outra está na relação direta a um reviramento na demanda do Outro originário.

Muito cedo a criança demonstra os primeiros interesses afetivos, elegendo elementos de objetos, particularmente o rosto materno, manifestando reações à aproximação e ao afastamento dela, o que permite afirmar que a criança adquire um conhecimento muito precoce da função que exerce a presença materna. Esse conhecimento fica inteiramente associado (comprometido), diz o autor, às satisfações próprias da primeira infância, principalmente a alimentação, como também fica associado à ambivalência típica deste período, pois na sucção do seio “o ser que absorve é todo absorvido, e o complexo arcaico encontra correspondência no abraço materno [...] canibalismo fusional, inefável, a um tempo ativo e passivo.” (LACAN, 2003, p.38-39).

O mal-estar primordial, a impotência vital e a prematuridade dominam os seis primeiros meses de vida, em função de uma adaptação insuficiente do bebê humano à ruptura ambiental e às condições de alimentação impostas pelo nascimento. Isto contribui para a caracterização da imago do seio materno que dominará toda a vida do homem. Essa imago materna, como primeiro objeto, fixa-se de tal forma no psiquismo humano tendo em vista todas as insuficiências congênitas das funções vitais do bebê humano que o ligam de forma totalmente dependente ao grupo social.

Enquanto o instinto tem um *suporte* orgânico e não é uma outra coisa senão a regulação deste numa função vital, o complexo só ocasionalmente tem uma *relação* orgânica, quando supre uma insuficiência vital pela regulação de uma função social. É o caso do complexo do desmame. Essa relação orgânica explica que a imago materna se prenda às profundezas do psiquismo e que sua sublimação seja particularmente difícil, como se evidencia no apego da criança às ‘saias da mãe’ e na duração desse vínculo, às vezes anacrônica. (LACAN, 2003, p. 40).

A propósito disto, Lacan (2005) dirá, no *Seminário 10*, falando acerca das propriedades do objeto *a* – a de ser um “objeto cedível” – que remonta à posição constituinte do desamparo. O desmame representaria então um primeiro momento da angústia, tempo no qual a criança “cede o seio a que está apensa como se fosse uma parte dela mesma.” (LACAN, 2005, p.340). Esta cessão diz respeito ao fato de que – conforme a fantasmática do corpo despedaçado e confundido com os objetos – o seio faz parte do corpo do bebê que está sendo alimentado e está apenas “chapado” na mãe.

Lacan (2005) utiliza uma expressão consagrada por Winnicott – a do objeto transicional – para falar das substituições possíveis a este objeto cedível, que podem ser objetos mecânicos, ou outros quaisquer que possamos encontrar em circulação no comércio, fabricados pelo homem. Trata-se da substituição de “um pedacinho arrancado”, como se fosse algo do corpo no real, no qual o sujeito encontra suporte.

Objeto cedível e imago materna confundem-se e

[...] a imago, no entanto, tem que ser sublimada, para que novas relações se introduzam com o grupo social e para que novos complexos as integrem no psiquismo. Na medida em que resiste a essas novas exigências, que são as do progresso da personalidade, a imago, salutar em sua origem, transforma-se num fator de morte. (LACAN, 2003, p. 41).

O abandono à morte, em suicídios não violentos (anorexias, para citar apenas um exemplo), demonstra a tentativa de reencontrar a imago materna. Por outro lado, mesmo sublimada, a imago do seio materno segue desempenhando papel psíquico importante para o sujeito.

O “abandono das garantias” familiares – processo que a passagem adolescente reedita – repete o desmame e revela que é somente aí que o complexo é liquidado. Obter o reconhecimento e sustentação (psíquica e porque não dizer também financeira) fora do grupo familiar revelaria o “acabamento” da personalidade e tudo aquilo que constitui o grupo familiar passa a ser, para o sujeito, objeto de uma afeição diferente e não “mortífera”.

2.6.2 O Complexo de Intrusão

O complexo de intrusão diz respeito à experiência vivida precocemente pela criança quando se reconhece como irmão. Freud (1981o) trabalha sobre o tema do rival a partir de uma recordação infantil de Goethe: na lembrança que ele traz, o irmão – com quem tem, a partir de agora, de dividir o amor materno – é aquele a ser jogado pela janela, junto com os pratos e utensílios de cozinha arrojados para “fora de casa” por Goethe que se vê atormentado por um ciúme devastador, no desejo de suprimir o intruso perturbador.

Lacan (2003) refere que o ciúme infantil impressiona desde longa data, trazendo uma citação de Santo Agostinho em suas “*Confissões*”: “Vi com meus próprios olhos e observei bem um menino tomado de ciúme: ele ainda não falava, mas não conseguia desviar os olhos, sem empalidecer, do amargo espetáculo de seu irmão de leite.” (LACAN, 2003, p. 43). Trata-se da contemplação do filho mais novo ao seio materno pelo filho mais velho. O que o sujeito vê, como excluído, neste caso, é o seu próprio gozo (estar ao seio da mãe) e o gozo da mãe (estar completa pelo falo: o objeto do seu desejo).

Muito precocemente, “esboça-se o reconhecimento de um rival, isto é, de um ‘outro’ como objeto” (LACAN, 2003, p.43), que se revela em jogos de exibição, sedução e despotismo, num conflito entre dois indivíduos que se caracteriza por atitudes opostas e

complementares. Porém, é importante atentar para o paradoxo de tal situação: a participação do outro nos jogos pode ser insignificante. Com isto, o autor quer dizer que a identificação, nesta fase, específica das condutas sociais, baseia-se num sentimento do outro que é “inteiramente *imaginário*.” (LACAN, 2003, p. 44). Ou seja, nesta montagem, confunde-se quem é mais espectador, quem é mais sedutor e quem é mais subjugado. O sujeito poderia vivenciar a situação completamente sozinho, sem a participação ativa do outro e isto se refere melhor a uma identificação mental do que a uma rivalidade explícita entre os dois, conforme acentuado acima.

Esta imago do outro se refere ao corpo próprio – na medida em que obedeça a condição de não haver muita diferença de idades – e o irmão é objeto de amor e de identificação. Essa ambiguidade é reencontrada no adulto, no ciúme amoroso que aparece no intenso interesse do sujeito pela imagem do rival, confundindo-se a paixão e o ódio. Contudo, é na relação fraterna primitiva que a agressividade se revela secundária à identificação, porém o fenômeno do ciúme estabelece como condição certa identificação com o irmão o que caracteriza este estágio como sadomasoquista em que a agressividade domina, mas também é “simultaneamente sofrida e imposta, ou seja, sustentada por uma identificação com o outro que é objeto da violência.” (LACAN, 2003, p. 45).

Lacan (2003) convida então a considerar que é no mal-estar do desmame da criança que se encontra a origem do desejo de morte e que, no encontro com o irmão, reconhecemos o momento dialético em que o sujeito assume, através das primeiras brincadeiras, de forma sádica ou masoquista, a reprodução desse mesmo mal-estar, e é através destas brincadeiras que se abre a possibilidade de sublimar e superar.

Foi desta forma que Freud (1981q) descreveu na brincadeira de seu neto – o conhecido jogo do *fort-da*

[...] aquela alegria da primeira infância, de rejeitar um objeto para fora do campo visual e, em seguida, reencontrando o objeto, **renovar incansavelmente sua exclusão**, significa, realmente, que é o patético do desmame que o sujeito inflige a si mesmo outra vez tal como sofreu, só que agora triunfando sobre ele, por ser ativo em sua reprodução. (LACAN, 2003, p. 46, grifos meus)

O objeto escolhido, seja ele o irmão ou o carretel (ou a louça favorita da mãe), é indiferente: o sujeito o ‘mata’ prazerosamente e assim “só faz consumir a perda do objeto materno.” (LACAN, 2003, p.46). De qualquer modo, é através do semelhante que o objeto se realiza, assim como também o eu, conforme nos ensina o estádio do espelho e o processo de identificação. Desta forma, o ciúme humano se distingue da luta pela vida porque mais

constitui o objeto como perdido do que é determinado por ele e assim se revela como “arquetipo dos sentimentos sociais.” (LACAN, 2003, p.50).

2.6.3 O Complexo de Édipo

A psicanálise revelou na criança pulsões sexuais que se dirigem ao objeto mais próximo – o genitor do sexo oposto. Essas pulsões dão a base ao complexo ao serem frustradas e essa frustração liga-se a um objeto terceiro – o genitor do mesmo sexo – caracterizando o Édipo como um conflito a três. Ao mesmo tempo, este que frustra, que interdita, é o mesmo que seduz, pois a criança tem “notícias” das relações parentais, seja por intuição daquilo mesmo que lhe é proibido, seja por sinais discretos e difusos. Desta forma, o agente da interdição é o mesmo da “transgressão”.

Acrescente-se ainda que caracteriza este complexo um duplo sentimento com relação ao rival: agressividade e temor de sofrer a contrapartida. A fantasia de castração é precedida por uma série de fantasias primitivas de despedaçamento do corpo³¹, que regride à indiferenciação eu/objeto e, desta forma, independe do sexo do sujeito, portanto, a menina sofre, da mesma forma que o menino o temor da mutilação.

Assim, a tendência sexual sofre recalçamento (dando lugar a outros interesses) e sublimação do objeto parental que será perpetuado como representativo ideal. Este duplo processo instala no psiquismo duas instâncias: a que recalca – o supereu; e a que sublima – o ideal do eu. A organização destas duas instâncias, com seus respectivos processos – sublimação e identificação – representam o fim da crise edipiana, pois, “de fato é em razão de uma identificação do sujeito com a imago do genitor do mesmo sexo que o supereu e o ideal do eu podem revelar à experiência traços conformes às particularidades dessa imago.” (LACAN, 2003, p. 60).

Essa identificação inclui uma assimilação do sujeito ao objeto; da frustração do desejo edipiano resultaria o retorno do sujeito a uma “voracidade primordial de assimilação, e, da formação do eu, uma introjeção imperfeita do objeto.” (LACAN, 2003, p.60). É neste sentido que Lacan (2005) define, no *Seminário 10*, a pulsão como circular e não linear, pois o acesso à fase genital ressignifica as outras. Assim, a respeito desta “introjeção imperfeita do objeto” podemos melhor dizer que ela é introjeção de palavra (significante) e que o objeto se constitui *a posteriori*, pois só estava lá a partir da sua perda, ainda assim, como significante.

³¹ Que, como vimos, o estádio do espelho antecipa como um corpo total, antes mesmo do domínio motor do mesmo e de sua demarcação.

Cabe ressaltar também que o objeto da identificação edípica não é, neste momento, o objeto do desejo, mas aquele que se opõe a ele no triângulo. O drama edípico faz surgir o objeto situado na posição de obstáculo ao desejo, na medida em que o mostra ainda envolvido pela transgressão, sentida como perigosa. A rivalização com o outro do Outro sexo empresta as “cores” ao objeto da identificação.

Acrescento ainda que os complexos familiares dão a ver que é por crises dialéticas que o indivíduo cria a si mesmo e aos seus objetos e se nas relações primárias com o Outro originário estariam recalcados os traços daquilo que faz laço entre os humanos, destes três complexos destacados por Lacan (2003), interessa-nos ressaltar que do complexo do desmame, com sua fixação da imago materna e posterior abandono, retiramos que esta imago instala-se precocemente e de forma extrema, tendo em vista a prematuridade do bebê humano ao nascer que o joga numa total dependência do Outro. O “corte” realizado pelo desmame opera ambivalência na relação ao objeto primário e por ser de ordem vital para o bebê, esta imago imprime-se profundamente no psiquismo provocando uma nostalgia da mãe, de difícil sublimação, o que faz supor que a relação a este objeto primeiro possa se refazer incansavelmente.

A respeito do complexo de intrusão e sua reiteração da perda objetal, destacamos a relação com um objeto outro – o rival, com o qual pode se desenvolver uma montagem imaginária que inclui desde a sedução até o despotismo, através de uma identificação mental com o outro, pois não depende necessariamente da sua participação direta. Caracteriza-se por ser uma relação ambígua (amor e ódio), de domínio e subjugação. A insistência na relação imaginária com o objeto do complexo de intrusão pode fazer insistir também a reiteração da perda do objeto, com seus sucessivos e infundáveis substitutos.

Por fim, com relação ao último dos complexos descritos por Lacan (2003), o ultrapassamento do conflito edípico – da relação objetal a três, dominada por moções pulsionais sexuais, agressivas e temor de retaliação – através do recalçamento e da sublimação do objeto primeiro e constituição de ideais, retiraria o objeto terceiro da condição de rival a ser vencido, deslocando-o para uma posição de referencial. Neste sentido, o terceiro não é aquele frente ao qual se insiste em tomar o lugar, em substituí-lo como objeto, mas sim aquele que lança o sujeito adiante, na via do desejo.

Se situamos que na adolescência se dá a reedição do complexo de Édipo, e que é necessária, neste momento, a ratificação do recalçamento do objeto, poderíamos perguntar: por que o objeto primário insiste na adolescência? Um esclarecimento, porém: tomamos aqui as relações de objeto de um grande número de adolescentes, como tendo a particular

característica de serem repetidamente renovadas, como no caso de Gustavo, paradoxalmente apontando para uma dificuldade de substituição, pois, se nenhum é suficientemente adequado, poderíamos perguntar sobre aquele insituável, que teria dado origem à série. Neste sentido, o fragmento clínico coloca em relevo a insistência da imago do objeto primeiro e permite lançar a hipótese de uma certa recusa em ceder o objeto, operando uma substituição que seja efetiva e duradoura – se é que uma substituição efetiva seria possível. Ao mesmo tempo, Gustavo denota a ambivalência primordial, dando a ver os índices da imago do objeto primeiro e revelando o papel psíquico que representa a imago da mulher forte que ele “detesta” mas que o acompanha em seus sonhos diurnos. Renovando incansavelmente a exclusão, é sempre ele que põe um final nas relações, pois não suportaria “levar um pé na bunda”. Triunfa agora, colocando-se ativo na reedição do abandono, ativando a agressividade que os restos infantis dos complexos familiares colocam em ação.

3 ADOLESCÊNCIA E CONSUMO

No decorrer desta pesquisa tenho insistido na abordagem da inscrição do objeto originário, como também noutros elementos do início da vida do sujeito. Qual é o interesse que o estudo da adolescência retira da clínica da infância? Primeiramente, podemos assegurar que a adolescência realiza um corte com a infância, tendo em vista o luto dos objetos infantis que é necessário operar, conforme já afirmei na introdução deste trabalho. Mas também podemos dizer que a adolescência efetiva continuidade com a infância. De que ordem é esta continuidade?

Rassial, em seu livro *A passagem adolescente*, afirma que o sujeito necessita *a posteriori* realizar novamente uma série de operações fundadoras. Primeiramente, se na fase do espelho era o olhar e a voz maternos que lhe asseguravam consistência e existência, na adolescência, o jovem deverá – se não se apropriar desses objetos parciais – ao menos deslocá-los para os pares.

Em segundo lugar, se, na fase fálica, na circulação pelo complexo de Édipo, tudo girava em torno da mãe, é o reconhecimento da função paterna que, na infância, provocará a “desistência” do objeto materno e, na adolescência, a validação do Nome-do-Pai permitirá o acesso a uma relação genitalizada ao outro do Outro sexo. A adolescência comporta portanto a confirmação do reconhecimento do outro sexo, como também o reconhecimento do seu próprio.

Por último, na infância, o sujeito se constitui enquanto alguma coisa para o desejo dos pais, principalmente da mãe; na adolescência ele deverá reorientar a pergunta sobre o desejo: se antes tudo se articulava em torno de como satisfazer melhor ao Outro originário, agora ele deverá operar o giro de tomar-se da responsabilidade sobre seu desejo.

Como vimos, o infantil faz retorno na adolescência de forma massiva, tendo em vista a necessidade da ratificação ou não, *a posteriori*, das operações fundadoras realizadas na infância. Os casos clínicos arrolados no decorrer deste capítulo apresentam a leitura de três questões interpretativas do retorno dessas operações na adolescência e sua relação com o objeto:

- o caso do adolescente Lucas coloca o consumo na adolescência desde o ponto de vista da inibição mais do que do sintoma, utilizando como recurso compreensivo a compulsão na neurose obsessiva. Este relato também traz à tona algumas interrogações: o adolescente faz a desistência do objeto materno ou será que este retorna de alguma forma, nas escolhas

objetais? Como se dá a passagem do objeto infantil ao objeto adolescente? Trata-se de um “novo” objeto?

- o extrato clínico da jovem Adriana dá visibilidade à posição de ambiguidade na relação à falta do falo materno;

- e, por fim, o desabafo de uma mãe de adolescente retoma a questão da castração materna e sua relação com a pulsão escópica e invocante, enquanto a filha poderia oferecer, portar ou significar a positividade do objeto faltante.

Conforme vimos na introdução desta tese, imediatismo, soluções rápidas e fáceis, economia de pensamento e de trabalho psíquico são representações sociais resultantes do acelerado século XX e que parecem redundar diretamente num modo de agir e pensar típicos da juventude. Por outro lado, todo um imaginário social acerca do viver adolescente defronta-o com a demanda de “ser tudo”, à qual ele frequentemente responde com impotência, inércia, apatia e inibição, não conseguindo ser nem fazer nada. Tal postura tem produzido, cada vez mais, o prolongamento da adolescência e a postergação da entrada na vida adulta.

Aderido aos produtos *self service* veremos, no decorrer deste capítulo, como o adolescente pode elevar os objetos de consumo à categoria de objetos fetiche. Tais símiles têm a função de imaginarizar uma completude possível diante de certa precarização das possibilidades de haver-se com a castração. “Ser tudo” é uma das faces imaginárias do falo que a ligação particular do adolescente com os objetos de consumo pode tentar perfazer: o corpo adornado com o objeto fetiche pode assumir a imagem de totalidade. Esta é a função que o objeto pode vir a cumprir e inclui a maior ou menor dificuldade de defrontar-se com a falta (sua e do Outro).

A circulação pulsional permite também a circulação objetual. Se falamos em ancoragem num objeto, isto implica dizer que algo da ordem desta circulação ficou comprometida pela promessa de um objeto obturador. Este objeto obturador – objeto fetiche – é que vamos sugerir como sendo aquele do consumo adolescente e tentar lançar alguma luz sobre as relações do sujeito adolescente com os objetos.

Se considerarmos certa frouxidão na operação de castração, o adolescente pode produzir a ancoragem numa inibição. Vamos ver que esta inibição diz respeito à certa ineficácia da operação simbólica tanto para ele como para o Outro, mais especificamente, o outro originário. Assim, sugerimos que a inibição coloca-se como o principal mecanismo envolvido na relação do adolescente com os objetos. Interessa-nos aqui analisar a ligação do sujeito ao objeto passando pela sua constituição na relação com o Outro originário.

O encontro com o feminino coloca em cena a inscrição fálica orientada pela falta e pelo desejo. Haver-se, então, com a castração é também aceitar o corpo feminino faltante. A dificuldade nesta aceitação pode colocar em jogo uma série de artifícios, dentre eles aquele que elege objetos-fetichê que deem conta imaginariamente de algo que não poderia faltar: o falo imaginário. O imperativo de gozo com tais objetos substitutivos impede a inscrição da falta. A consequência imediata é o caráter enganoso de tal procedimento que precisa ser incessantemente reeditado, assim como os objetos precisam ser sistematicamente substituídos.

Queremos propor pensar de que forma os objetos fetichê podem assim ser incluídos neste processo, fazendo suplência em função de certa falência da referência simbólica que obrigaria o adolescente a organizar-se de um modo ortopédico. Trata-se da dificuldade de operar os lutos que a puberdade impõe, colocando algo no lugar daquilo que falta. Porém, adiantamos que o luto – luto pelo corpo infantil, pelos pais da infância, pelos objetos – que a adolescência implica traz em si a radicalidade de uma falta que não inclui a possibilidade de substituição.

O consumo parece colocar-se tão mais pregnante na adolescência, pois é necessário operar a reapropriação do corpo “perdido” diante da desestabilização da imago corporal produzida pelo processo pubertário. A adesão aos objetos traz a ilusão da reapropriação ainda mais quando operada conjuntamente com a validação social. Pensamos que o objeto-fetichê encontra lugar apropriado na adolescência para auxiliar a recuperar a imagem narcísica perdida. O consumo, por sua vez, da mesma mercadoria por todos, se presta particularmente a ilustrar esta questão, pois provoca homogeneização que não comporta a dúvida, a interrogação. Assim, o jovem se vê reconhecido e “abrigado” no coletivo. Se o desejo de inclusão é um fenômeno psíquico constitutivo de qualquer indivíduo, quanto mais para o adolescente que acaba de “perder” seu pertencimento ao grupo dos infantis.

Já lançamos anteriormente a discussão sobre o fato de que os tradicionais rituais de passagem sofreram modificações e parecem ter se deslocado um pouco de sua função original e que é nesta medida que os objetos-fetichê funcionam como verdadeiros suportes da transição da infância para a adolescência. Deste modo, podemos situar com mais clareza de que forma produtos, marcas e *griffes* – ainda mais quando reforçados pelos pares e principalmente pelo coletivo – podem muito facilmente se colocar no lugar de oferecer consistência e integridade ao corpo imaginariamente evanescente da adolescência. Assim também podemos melhor entender o lugar privilegiado que o adolescente ocupa como consumidor na lógica do mercado. A adesão ao objeto é uma forma de driblar a castração, encobrindo-a com um objeto suficientemente brilhante e ofuscante. No capítulo 4, vamos ver

que este objeto mesmo que excita o sujeito e que dá origem ao mecanismo da recusa é algo faltante do lado do Outro originário.

3.1 A ADOLESCÊNCIA COMO UM MODO DE VIDA

Calligaris (2000) refere-se à adolescência como um período de “moratória”³², no qual o sujeito é eximido de responsabilidade sobre si, seus atos, seu futuro. É incentivado a apenas gozar a vida podendo fazer tudo que ousar e desejar. Este “tudo”, porém, terá sempre o caráter de ensaio e nunca de “um jogo prá valer”. Portanto, seus feitos não terão reconhecimento sério e, de alguma forma, sempre serão marginais relativamente à categoria dos adultos. Desta forma, o adolescente entra num período de suspensão, preparando-se *ad infinitum* para um futuro que ninguém sabe ao certo quando chegará. Qualquer projeto é lançado adiante, “pois não está bem na hora ainda”. Os adultos insistem que não se trata de um período de frustrações, mas, ao contrário, que esse seria o tempo mais feliz da vida de um sujeito. Assim, a adolescência é tratada como apenas uma fase que, como tudo, vai passar. No entanto, nada aponta muito claramente seu final: ingressar na universidade, entrar no mercado de trabalho, conquistar independência financeira, sair de casa, formar outra família, por si só, não marcam o final da adolescência.

Por outro lado, conforme já afirmamos anteriormente, este período passa a ser glamourizado, cultuado pela sociedade, imitado pelos adultos, e o jovem passa a colocar-se como o paradigma do sujeito contemporâneo. Sendo assim, como constituir um lugar diferenciado dos lugares paterno e materno? Como construir um lugar social, falar em nome próprio, se os adultos, a todo instante, enviam mensagens opostas: “seja adulto”/“queremos ser como você”?

Assim como o adolescente é copiado em seu modo de ser e agir, é também imitado no estilo de vestir: o mesmo vestido e a mesma camiseta que exhibe a barriguinha sarada pode vestir tanto a mãe como a filha. De igual forma, a bermuda e o boné podem satisfazer tanto ao pai como ao filho. Por outro lado, aos adolescentes é atribuído o sintoma do consumo, e são os pais que se queixam do excesso de gastos em roupas, marcas e *griffes*. No decorrer deste tópico, proponho levantar elementos para analisar a seguinte interrogação: o consumo na adolescência estaria mais do lado de uma inibição ou de um sintoma?

³² Calligaris toma de empréstimo esta expressão de Erik Erikson, primeiro autor a utilizá-la para definir a adolescência.

De imediato, proponho pensar as saídas “consumistas” do adolescente dentro do universo das inibições, embasada no fato de que pareceria haver um impedimento à ação, no sentido da responsabilização sobre os rumos da vida. O modo de viver adolescente – receber mesada, estar sempre na condição de estudante – pareceria encobrir a condição de possibilidade de construir uma nova modalidade de vida. Ao contrário, o sintoma implicaria a imputação de um sofrimento, em maior ou menor grau, na consecução dos objetivos e projetos. Para isto, recorro a um fragmento clínico.

Lucas busca análise, aos 17 anos, por três principais motivos: 1) faz gastos excessivos que não consegue controlar; 2) na tentativa de dar início a sua atividade sexual, envolve-se com mulheres mais velhas, o que provoca grande preocupação na família; 3) seu rendimento escolar cai bastante, e opta por terminar o 2º grau através de Curso Supletivo, em função de uma série de reprovações consecutivas. Além disso sofre de ansiedade, angústia e enfrenta uma insônia persistente. Durante o tratamento, frequentemente insiste numa narrativa queixosa em torno de sentimentos de derrota, pois sente-se não reconhecido. Ao mesmo tempo, um sentimento grande de raiva que o faz querer sair de casa, morar sozinho, pagar suas contas.

Pai e mãe são bancários (a mãe está aposentada). Refere que, após a aposentadoria da mãe, sua relação com ela piorou muito: “ela fica muito em cima de mim, acompanha todos os meus passos, pergunta sobre tudo, quer sempre saber o que eu vou fazer...”. Em determinado momento o pai também se aposenta, em função de doença terminal.

Sonha em passar no vestibular para medicina, “de cara”, sem estudar; elabora uma marca, para roupas de surfista, com a qual tenciona enriquecer rapidamente, dedicando-se a administrá-la; ao mesmo tempo quer terminar a faculdade que cursa atualmente e aplicar-se a esses três projetos conjuntamente. Deseja ser bem-sucedido, mas acaba tropeçando em suas lembranças de fracasso escolar e social. Quer ser lá onde supõe estar a demanda do Outro materno. Somente depois de algum tempo de trabalho e alguns deslizamentos consegue reconhecer-se no curso que escolheu, para o qual passou no vestibular, “de cara”. Na infância e adolescência era o “patinho feio”, tinha uma série de apelidos depreciativos³³, usava aparelho, tinha os pés tortos, micoses, muitas espinhas, era tímido e quieto. Tem lembranças da infância, em festas familiares, sempre apartado de todos e a mãe insistindo para que ele se integrasse.

³³ O sigilo impede de arrolar tais apelidos que são, sem dúvida, bastante reveladores de sua condição.

É na comparação com o irmão, piloto de avião, que ele vem a situar os elementos que compõem este seu projeto profissional superdimensionado. Nas palavras da mãe, o irmão é “bonito, carismático, bem relacionado, consegue belas namoradas, com ele tudo dá certo. Quando ele entra tudo se ilumina. Com Lucas, ao contrário, tudo sempre deu errado, ele não consegue nada”. Num determinado momento ele relata e “interpreta” um sonho da mãe: “ela está voando, sendo conduzida por dois pássaros: um que a leva para o alto e outro que a puxa para baixo”. Atualmente, todas as insistências da mãe para que ele ultrapasse o imperativo “ele não consegue” mostram-se infrutíferas; ao mesmo tempo, ela é quem dá voz à demanda de fracasso que provém do superego familiar.

Considera a mesada que ganha (do irmão, da mãe e da avó) suficiente para viver. “Estou satisfeito, não preciso de mais nada”. Com isto, transforma a mesada em renda; o estágio voluntário não remunerado em trabalho e a faculdade que cursa em profissão. Este é o registro que tomam as coisas: a adolescência como um modo de vida.

Deste fragmento clínico, interessa-nos ressaltar de que forma se coloca a possibilidade de realização da aposta materna, aposta esta, porém, que se apresenta ambivalente: por um lado, Lucas deve ser vitorioso como o irmão; por outro lado, viverá sempre de mesada. Seu projeto de vida superdimensionado parece ser o eco de uma demanda social também contraditória, em que, segundo Cabistani (2009), a cultura capitalista promete aquilo que não consegue cumprir: uma vida digna e saudável com bom emprego e renda para todos, bastando para isso que tenham boa vontade e empenho.

Os queixumes sistemáticos, por um lado, e a satisfação de viver de mesada, por outro, não deixam de revelar a contradição colocada pelos adultos e pelo social, diante daquilo que é esperado do adolescente – ideal de autonomia e independência – e daquilo tudo que lhe é proporcionado, eximindo-o de qualquer esforço para conquistar algo como também de qualquer responsabilidade frente a sua vida. Da mesma forma, coloca-se a exigência de que, se ele tem tudo, ele deve “ser tudo”, imperativo ideal impossível de cumprir, que nada mais permite a não ser jogá-lo ainda mais na inibição.

3.2 INIBIÇÃO E COMPULSÃO (NA NEUROSE OBSESSIVA)

Antes de iniciar este tópico, cabe um esclarecimento: não se trata, na argumentação a seguir, de operar uma sobreposição do adolescente com o obsessivo. Trazer aqui elementos do quadro obsessivo é um recurso para situar como se ordena o circuito pulsional, sob forma de

sofrimento. Mesmo porque, na adolescência, ainda está em questão qual neurose vai se derivar, pois a estrutura ainda não se cristalizou.

No *Seminário 10*, Lacan (2005) coloca em relação três termos: inibição-desejo-ato, e começa referindo que no nível anal o desejo é o desejo de reter. E sobre a inibição³⁴, segue o autor afirmando que é a introdução, numa função, “de um desejo diferente daquele que a função satisfaz naturalmente”. Traduz o “lugar da inibição como o lugar em que [...] o desejo se exerce” e em que está a raiz do recalque originário: seria a “ocultação estrutural do desejo por trás da inibição.” (LACAN, 2005, p. 344).

Sejamos um pouco didáticos para acompanhar Lacan (2005) na relação destes três termos, aos quais acrescentaríamos um quarto: a angústia³⁵. O ato, que tem uma “relação polar com a angústia”, segundo ele, é a incidência de um outro campo. O que acontece nele (no ato) é a superação da angústia. Então, temos o ato no lugar da angústia. Contudo, o autor fala aqui de ato em sua manifestação significativa, na qual se inscreve o “estado do desejo”. “O ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que seria feito para inibi-lo.” (LACAN, 2005, p.345). No obsessivo, portanto, os desejos sempre se manifestam numa função de defesa. Defesa de quê? De outro desejo, de um desejo diferente. O desejo anal, o desejo de reter, centrado num objeto primordial cercado de valor, só toma sentido na sua ligação com o desejo sexual. É neste sentido que o desejo obsessivo toma o caráter de defesa contra outro desejo. Trata-se no obsessivo, então, de que o sujeito fica impedido de se ater ao seu desejo de reter, que passa a se manifestar nele como compulsão: ele não pode conter-se, não pode impedir-se, então ele deixa acontecer coisas, “os vaivéns do significante” que, ao mesmo tempo, insistem e apagam alternadamente o reencontro com a “marca primitiva”. O que o obsessivo procura, na sua recorrência, no processo do desejo, é o “objeto derradeiro, abjeto e derrisório, que ele continua na busca do objeto, com seus tempos de suspensão, seus caminhos errados, suas pistas falsas e suas derivações laterais, que fazem com que essa busca gire indefinidamente.” (LACAN, 2005, p. 347). Todo este movimento vai atribuindo valor a todos os objetos substitutivos, compulsão em direção aos “objetos duvidosos graças aos quais é afastado o momento de acesso ao objeto derradeiro, que seria o fim no sentido pleno da palavra, isto é, a perda do sujeito” (LACAN, 2005, p. 347), sujeito do

³⁴ Conforme vamos referir adiante, Freud (1981t) a definiu em *Inibição, sintoma e angústia*, como inibição da função.

³⁵ Incluir aqui a angústia nos interessa, pois mais adiante trabalharemos a noção de “economia” da angústia que opera o adolescente.

desejo, poderíamos acrescentar, na medida em que este seria o caminho de retorno ao objeto primordial, motivo de surgimento cada vez maior da angústia.

O obsessivo alcançou o nível fálico, mas sabemos que, no nível do desejo genital, o resto subjetivo no plano do encontro sexual é o furo central, de onde o desejo do sujeito situa-se como “suplência do que é impossível suprir em outro lugar” (LACAN, 2005, p. 348): daquilo que, na ordem da união sexual, não para de não se inscrever.

Desta forma, vemos a incidência de um outro desejo que desempenha, em relação ao primeiro (desejo sexual, genital), um papel de defesa. Ou seja, no obsessivo,

[...] seu desejo nunca é autorizado a se manifestar como ato. Seu desejo sustenta-se por contornar todas as possibilidades que determinam o impossível no nível fálico e genital. Quando digo que o obsessivo sustenta seu desejo como impossível, quero dizer que ele sustenta seu desejo no nível das impossibilidades do desejo. (LACAN, 2005, p. 351).

Vimos, então, que o desejo na fase anal é o desejo de reter o objeto valioso. Na neurose obsessiva, trata-se de que o sujeito fica realmente impedido de se ater a seu desejo de reter, e é isto que se manifesta como compulsão: ele não pode conter-se, não pode impedir-se, não pode exercer o controle. Pensando desta forma, faria mais sentido pensar na compulsão ao consumo como fazendo parte mais do quadro das inibições do que do sintoma.

3.2.1 Inibição

Freud (1981t) enuncia no artigo *Inibição, sintoma e angústia* que a inibição e o sintoma pertencem a campos distintos, sendo que a primeira refere-se a uma inibição da função e não significa necessariamente algo patológico. Por outro lado, pareceria que o autor coloca em ambos apenas uma diferença de grau na intensidade da alteração da função. Porém, para a inibição reserva-se o uso aos casos em que ocorre uma verdadeira renúncia a uma função e a suspensão de uma moção pulsional em seu “estado nascente”.

A análise da inibição inclui as perturbações da função sexual, a nutrição, a locomoção e o trabalho profissional e, para examiná-las, Freud (1981t) descreve três categorias: na primeira categoria, “o eu renunciaria a determinadas funções, para não ter de empreender um novo recalçamento” (CHEMAMA, 1995, p. 109) e, assim, não entrar em conflito com o isso; na segunda categoria a inibição estaria a serviço da autopunição, por exemplo, a renúncia a um sucesso profissional, tendo em vista o rigor do super-eu; uma terceira categoria de

inibição viria em lugar do enfrentamento de situações ansiogênicas, quando o sujeito procuraria evitar aquilo que o confrontaria com sua angústia.

Interessa-nos chamar a atenção para esta terceira categoria, segundo a qual muitas inibições estariam associadas à economia da angústia; ou seja, a renúncia seria o modo de evitação da angústia que ocorreria no processo de realização da moção pulsional. A respeito disso, Cabistani (2009) lembra ser esta uma questão presente em nosso tempo, tendo em vista a frequência do surgimento da angústia na adolescência, um período marcado pela transitoriedade e incertezas com relação ao futuro. O jovem é deixado, por exemplo, à solidão da escolha de um projeto futuro, inserido num mercado caracterizado pela competição e excelência, em que a sociedade lança promessas que ela própria não consegue cumprir: os bons certamente terão sucesso, fama e dinheiro. A resultante disso é que o jovem pode se entregar a uma moratória, a uma espera sem fim, na expectativa de que este ideal se realize um dia, fazendo a economia da angústia necessária, porém, para libertar-se e enfrentar a responsabilidade que seu futuro implica. Estes elementos remetem imediatamente ao sofrimento enfrentado por Lucas diante do imperativo do ideal: ele se recolhe numa intensa inibição (não consegue namorar, não tem amigos e só sai de casa para ir à faculdade). “Não consigo fazer mais do que isto.”

O imperativo do ideal – se os adolescentes têm tudo, eles devem ser tudo – proposto pelo laço social joga-os na evitação do sofrimento e, ao mesmo tempo, na inibição; “faz barreira aos caminhos que o desejo precisa para se articular” (CABISTANI, 2009, p. 88), pois, para desejar, é necessário que estejam privados de algo. Já falamos anteriormente acerca do complexo do desmame (tópico 2.6). Talvez um segundo desmame – guardando as devidas proporções com relação à infância – precisasse ocorrer, para que o adolescente pudesse desejar algo mais do que o aconchego quentinho do lar materno e paterno, “ato necessário, no caminho da autonomia possível, que a passagem adolescente requer.” (CABISTANI, p. 91).

A diminuição do desejo de trabalhar ou mesmo de estudar – tão característico da adolescência – pode se apresentar sob a forma sintomática de fadiga, vertigens, paralisias, desconcentração, distração, repetições, agitação. Ou seja, as inibições em geral diriam sempre respeito ao uma “restrição funcional do eu” (FREUD, 1981t, p. 2835), restrição esta que pode obedecer a diferentes causas. O autor fala, porém, em inibições específicas, que atenderiam a uma intensíssima erotização dos órgãos que intervêm em tal função, através de um ato substitutivo simbólico e como se ao executar tal ato se realizasse o ato “proibido”. O eu renunciaria a tal função para não ter de se haver com uma nova repressão, para evitar um conflito com o id. (FREUD, 1981t, p. 2835).

Outras inibições estariam a serviço de um auto-castigo, o que ocorre frequentemente no campo profissional, pois o eu renunciaria a determinadas coisas, já que junto com elas poderia advir gratificação e êxito (severidade do supereu). A renúncia diz respeito à evitação de entrar em conflito com o supereu, e as inibições de ordem mais geral estariam associadas a um trabalho psíquico que absorveria o eu (por exemplo, o luto) ou com a tarefa de manter escondidas as fantasias insistentes. Tal trabalho empobrece o eu, restringe o gasto de energia e pode manter o sujeito imobilizado.

Goldenberg (2009), retomando o texto freudiano *Inibição, sintoma e angústia*, relembra que a inibição não é francamente um conceito, assim como talvez o sejam o sintoma e a angústia. De origem jurídica, o termo refere-se, mais especificamente, à “interferência sobre um processo em estado nascente que termina sendo abortado.” (GOLDENBERG, 2009, p. 139). Para diferenciá-la do sintoma, o autor sugere que a inibição impediria um ato, enquanto que o sintoma possibilitaria executá-lo com sofrimento. Neste sentido, “o sintoma recebe caracterização positiva, a inibição, negativa.” (GOLDENBERG, 2009, p.139).

Conforme sugerimos anteriormente, tende-se a pensar que o consumo seria mais da ordem da inibição do que do sintoma, no sentido de que o adolescente se entrega a uma moratória alienante, lançando sua vida para o futuro, atendendo ao imperativo de que nada pode faltar, obturando a via do desejo e, desta forma, operando a economia da angústia e evitando o sofrimento. Tomando a questão do consumo como uma inibição do pulsional, poderíamos dizer que se opera uma falta de liberdade pulsional, ou melhor, a pulsão fixada a um único destino – a aderência excitatória aos objetos do consumo.

Entregar-se à construção de um projeto próprio, singular, havendo-se com o sofrimento aí implicado, orientá-lo-ia na direção do desejo. Ao contrário vencido pela inibição e atendendo a valores sociais instituídos, impelido por ideais totalizantes, o sujeito dedica-se a estratégias pseudo-tranquilizadoras, revelando uma capacidade desejante bastante fragilizada.

Conforme já afirmamos acima, o sintoma ofereceria algum tipo de satisfação, mesmo que substitutiva, secundária e disfarçada; já a inibição não traria satisfação. Disto poderíamos evocar uma característica da adesão ao consumo como algo que nunca tem parada, os objetos alinham-se um após o outro, sem constituir nenhuma articulação entre si e são imediatamente substituídos, assim que um novo é lançado. Pareceria mesmo que a possibilidade de desfrutar do objeto não está contida nesta serialização.

3.2.2 Sintoma

Freud (1981n) referia-se ao sintoma como uma *Bilderschrift*³⁶: uma mensagem cifrada, uma escritura ideográfica, uma pictografia, um hieróglifo ou, literalmente traduzido, uma “escritura de imagem”. Referia-se, então, à forma como as histéricas davam a ver um corpo em sofrimento, que ele propõe, porém, não seria para ser visto, mas para ser escutado. Chama a atenção que, de alguma forma, ao utilizar esta expressão o autor já fazia supor que a imagem é para ser “lida” e não somente vista.

No texto *Vias de formação de sintomas*, Freud (1981n) dá lugar à fantasia na constituição do sintoma e da neurose. Lembra que o sintoma é uma parte da enfermidade; portanto ele poderá desaparecer, mas a enfermidade não, o que resultará simplesmente na constituição de novos sintomas. Por outro lado, acrescenta que todas as pessoas apresentam as condições de formação de sintomas e, portanto, a neurose é característica de todo o humano.

O sintoma neurótico é o resultado de um conflito surgido em torno de um *novo* modo de satisfação da libido. Novo, pois o primeiro objeto foi substituído, através de regressão, inclusive por outros objetos frutos de fixação, já abandonados e dos quais o sujeito foi frustrado. Quando o eu não aceita estas regressões, surge o conflito. Estas fixações são relativas a “atividades e acontecidos” da sexualidade infantil, “tendências parciais abandonadas” e “primitivos objetos infantis”.

As representações nas quais a libido investe sua energia para formação de sintomas são inconscientes, utilizando-se inclusive dos processos de condensação e deslocamento, o que faz com que se assemelhe aos processos de formação de sonhos. O sintoma, assim como o sonho, é um produto “*deformado* de uma realização de desejos libidinosos inconscientes, *produto equívoco* que apresenta dois sentidos totalmente contraditórios.” (FREUD, 1981n, p. 2347).

Sobre a constituição da neurose, resume o autor: a causa da neurose está na disposição por fixação da libido na primeira infância, somada aos acontecimentos acidentais do adulto (traumáticos). Dentre as disposições por fixação da libido estão a constituição sexual (acontecimentos pré-históricos) e os acontecimentos infantis.

A tese freudiana sobre a causação da neurose inclui a noção de posterioridade, ou seja, acontecimentos da vida adulta é que elegem e ressignificam os acontecidos da vida infantil

³⁶ Esta expressão aparece nos *Estudos sobre a histeria* (1895) e na *Interpretação dos sonhos* (1900). Agradeço ao colega Luiz Fernando Lofrano de Oliveira o esclarecimento sobre a tradução: *Bilderschrift* refere-se melhor à “escrito de imagem”, ou “escritura de imagem”. “*Bild*” para imagem e “*Schrift*” para escrito. Neste termo seria excessivo ler “pela” imagem.

que até então não tinham significação alguma, mas que, de alguma forma, exercem atração. Neste sentido é que os acontecimentos atuais tornar-se-iam traumáticos. A tese inclui também a ideia de que as condições determinantes da neurose “são muito mais complicadas e não dependem de um único fator.” (FREUD, 1981n, p. 2350).

O sintoma cria uma substituição de uma satisfação denegada por meio do retrocesso da libido, circunstância que traz consigo o retorno aos objetos ou à organização, característicos de fases anteriores. O neurótico permanece ligado a esta fase anterior, na qual a libido não se achava privada de satisfação. O sintoma reproduzirá então, de uma forma qualquer, a “infantil satisfação libidínica”, ainda que deformada pela censura, produto do conflito. O sintoma, porém, não é de todo satisfatório e provoca mal-estar, desconforto ou, até mesmo, repugnância.

Partindo do sintoma, chegar-se-á aos acontecimentos da vida infantil, aos quais a libido se encontra fixada. Porém, estas “cenas infantis não são sempre verdadeiras”: são uma mistura de verdade e ficção (FREUD, 1981n, p. 2351-2). Atribuímos o sintoma a fatos acontecidos realmente ou à fantasia, pois

[...] vimos, com efeito, que determinadas recordações infantis, que os homens conservam sempre em sua consciência, [...] podiam também demonstrar-se como inexatas ou, pelo menos, como uma mescla de mentira e realidade. (FREUD, 1981n, p. 2352).

Estes acontecimentos imaginários são como “lembranças encobridoras” que encobrem ou desvelam, para o próprio indivíduo, a história de sua infância, da mesma forma como todos os povos, diz Freud, que “constituem com lendas a história de seu esquecido passado.” (FREUD, 1981n, p.2352). O autor coloca, assim, no mesmo plano, realidade e fantasia, e não manifesta preocupação se os episódios relatados pertencem a um ou outros destes planos, porque

[...] estas fantasias possuem, pois, uma realidade psíquica em contraste com a realidade material, e pouco a pouco vamos chegando a compreender que no mundo das neuroses a realidade que desempenha o papel predominante é a realidade psíquica. (FREUD, 1981n, p. 2352-3).

Entre os acontecimentos que figuram em quase todas as construções imaginárias dos sujeitos estão aquelas que Freud (1981n) denominou de “fantasias primitivas”, quais sejam, a cena do coito parental, a sedução por uma pessoa (adulta ou menor) e a ameaça de castração. Estas cenas que dão conta da interrogação sobre a origem, o desejo e a diferença sexual respectivamente. Como causa do fantasiar, Freud (1981n) situa a necessidade de renúncia a

objetos de prazer, por força de adaptação à realidade, para o que o homem busca alguma compensação, gozando de liberdade, driblando a censura, sem ter de atender à “prova da realidade”.

O papel da fantasia na formação do sintoma é o de que o sujeito não abandona totalmente os objetos dos quais foi frustrado, objetos estes que passam a persistir com “certa intensidade nas representações da fantasia”. As fantasias, quando reprováveis pelo eu, passam pelo processo de repressão da mesma forma que as satisfações pulsionais proibidas passaram, constituindo-se assim também como fontes inconscientes de formação de sintomas da mesma forma que os “prazeres proibidos”. “Estas fantasias tornadas inconscientes são o ponto de apoio que utiliza a libido para remontar-se até suas origens no inconsciente; isto é, até seus próprios pontos de fixação.” (FREUD, 1981n, p. 2356). Para este processo, Freud, juntamente com Jung, utilizou a expressão *introversão*. Um introvertido não é necessariamente um neurótico, porém manifesta, da mesma forma, sintomas neuróticos. Chamo a atenção para o fato de que a introversão é um sintoma bastante frequente na adolescência.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1981t) volta a reafirmar o que já havia definido no texto sobre o *Recalque* (1981m), quando diz que o sintoma é um signo e um substitutivo de uma expectativa de satisfação de uma pulsão, como resultado do processo da repressão. Este substituto é sempre diminuído, deslocado e inibido, sendo difícil reconhecer tal substituição como satisfação da pulsão objeto da repressão, embora ela ofereça algum tipo de satisfação (secundária), tomando um caráter compulsivo. A repressão se exerce sobre moções pulsionais “indesejáveis” ao eu, e repressões primitivas exerceriam poder de atração sobre novas situações conflitivas.

3.3 LUGAR DO DINHEIRO NA SUBJETIVIDADE

Chama a atenção, no caso de Lucas, mas também de muitos outros adolescentes, o quanto os seus interesses são orientados pelo dinheiro. Frequentemente a definição de uma escolha profissional se dá pelo critério: “porque dá dinheiro”. O projeto profissional superdimensionado de Lucas está determinado por este imperativo: “ficar rico”.

No texto *O caráter e o erotismo anal* Freud (1981e) ilustra a noção – reforçada por Lacan nos *Seminários 8 e 10* – do produto excrementício como aquele ao mesmo tempo valioso e desprezado. A mãe demanda que o filho lhe entregue o presente precioso, mas, ao

mesmo tempo, joga-o na privada³⁷. Fixa-se, desta forma, na relação à demanda do Outro materno, no mesmo objeto, a ambivalência valor-dejeto.

Neste sentido, o autor encontra também correlação entre o produto da defecação e o dinheiro. Para falar desta correlação, Freud, no artigo citado, argumenta da seguinte forma:

Realmente em todos aqueles casos nos quais dominam ou perduram as formas arcaicas de pensamento, nas civilizações antigas, os mitos, as fábulas, a superstição, o pensamento inconsciente, o sonho e a neurose, aparece o dinheiro estreitamente relacionado com a imundície. [...] No pensamento da neurose conjuga-se ainda talvez a tal identificação outra circunstância. Como já sabemos, **o interesse primitivamente erótico dedicado à defecação se encontra destinado a desaparecer em anos posteriores. Nestes anos surge, como novo interesse inexistente na infância, o inspirado pelo dinheiro, e esta circunstância facilita que a tendência anterior, a ponto de perder seu fim, se transfira ao novo fim emergente.** (FREUD, 1981e, p. 1356-57, grifo meu).

Com isto, o autor lança a tese de que “os traços permanentes de caráter são continuidades **invariadas** das pulsões primitivas, sublimações das mesmas ou reações contra elas.” (FREUD, 1981c, p. 1357, grifo meu).

De acordo com o que já referimos anteriormente, Freud (1981) definiu, para cada fase do desenvolvimento da libido, a constituição de um objeto (oral-seio; anal-fezes; fálica-falo). Lacan (2005) acrescenta ainda outras duas (escópica-olhar; invocante-voz). Vemos assim que aquilo para o que se dá o nome de “zonas erógenas” é relativo às bordas do corpo. A respeito da constituição do objeto, conforme salientamos acima, acrescenta ainda Lacan (2005) no *Seminário Angústia*³⁸, uma constituição circular do mesmo: o que é da ordem oral e anal vai ser ressignificado pelo falo. Neste nível, o objeto falta, “a função do *a* é representada por uma falta, ou seja, a falta do falo como constitutiva da disjunção que une o desejo ao gozo.” (LACAN, 2005, p. 321). E o destaque mais importante: a constituição do objeto coincide com a constituição do sujeito e se dá na relação com o Outro, que é o que nos interessa aqui, na medida em que nos ocupamos do objeto anal e suas derivações para outros representantes; neste caso, o lugar do dinheiro na subjetividade. Particularmente na lição de 19/06/1963, do *Seminário 10, Angústia*, é onde Lacan (2005) vai trabalhar a noção de que em cada momento, em cada “fase” da libido, o objeto é uma **manifestação** do objeto pequeno *a* e não a sua encarnação. Neste sentido, defende novamente o objeto *a* na função de causa, causa de um desejo, isto é, algo “essencialmente não efetuado.” (LACAN, 2005, p. 322).

³⁷ Este duplo valor que o outro originário atribui ao objeto, Lacan (1992) denomina de os dois tempos da demanda na constituição do objeto anal, já referido em item anterior.

³⁸ Discordando de Abraham, que liga o objeto e suas mutações a fases atribuindo-lhe assim um ordenamento linear.

Acrescenta ainda o autor que, na análise de pacientes obsessivos, “o objeto *a* subsiste sob modalidades diversas.” (LACAN, 2005, p.322). Estas modalidades já as vimos definidas por Freud, conforme citado acima. Alerta porém Lacan (2005) que, para além das determinações anatômicas que poderiam conduzir a pensar que para cada borda haveria um objeto natural, há que se levar em conta que, na relação mãe-bebê imiscui-se a função do significante³⁹.

Aos acidentes do desenvolvimento [...], às particularidades anatômicas de que se trata no homem, junta-se sempre o efeito de um significante cuja transcendência, por conseguinte, é evidente em relação ao citado desenvolvimento. (LACAN, 2005, p. 323).

Lacan (2005) defende que o objeto anal entra na subjetividade, não por fixação nas fezes, mas por ser ambíguo: ele concentra em si valor e dejetivo; e por incluir a demanda do Outro sob forma de educação: pede-se à criança que retenha e depois que solte. Quando a solicitação é de que solte, o objeto toma a característica de presente precioso. Porém, no minuto seguinte, é rebaixado à condição de dejetivo e jogado na privada. Configuram-se assim os dois tempos da demanda na relação ao Outro e a ligação demanda-desejo.

É no nível anal que se dá pela primeira vez a possibilidade de o sujeito se reconhecer num objeto, na medida em que este objeto apresenta-se como destacável. O seio ainda não se destaca, pois não se operou a separação eu/outro. Neste sentido, o objeto anal permite ao sujeito lançar-se numa “investidura” com relação àquilo que é desejado e renegado ao mesmo tempo. Dada a condição circular e não linear que Lacan (2005) atribui à constituição do objeto, é no nível fálico que o objeto anal assumirá toda a sua importância como imagem da perda do falo.

No capítulo 4, extrairemos maiores consequências a respeito das modalidades que o adolescente encontra para operar com a falta do falo materno. Podemos adiantar, contudo, que, nas meninas, parece insistir a modalidade de construir a completude através de uma imagem, garantida pelo objeto fetiche, enquanto que, para os meninos, conforme podemos ver no caso de Lucas, pareceria insistir a imagem do acúmulo de dinheiro, ou de “ficar rico”. Neste sentido, vejamos como se opera a constituição do objeto na fantasia.

³⁹ No tópico a seguir abordo com mais detalhe a forma como o objeto metamorfoseia-se em significante.

3.4 METAMORFOSES DO OBJETO

A origem da relação do sujeito com o objeto está para sempre perdida e, embora fundante, é inacessível ao sujeito. A relação ao objeto no brincar, além de dar suporte à fantasia, é também uma prática significativa que implica uma produção relativa à constituição libidinal do próprio corpo. A respeito disto, Rodolfo (1990) refere “a necessidade de extrair materiais para fabricar o corpo, materiais que devem ser “arrancados” do corpo do Outro. As primeiras funções do brincar, tão fundamentais, são esse mesmo processo. Pode-se dizer que, a partir do brincar, a criança se presenteia um corpo.” (RODULFO, 1990, p. 92). O outro originário “empresta” significantes para que a criança possa ir recobrando seu próprio corpo, retirando-o, desta forma, do lugar de puro objeto. Este procedimento contribuirá para a posterior operação de separação eu/Outro. No primeiro ano de vida ocorre então a edificação do corpo subjetivo, processo no qual o pequeno *infans* extrai – com os olhos, a boca e, depois, com as mãos – materiais do corpo materno e de seu universo circundante que irão compor o seu.

Por outro lado, a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade da criança de desprender-se do corpo materno ou de seus substitutos interfere em suas possibilidades lúdicas. Assim, o brincar nos traz notícias precisas sobre o estado de desenvolvimento simbólico da criança a partir das condições de operar este desprendimento. Essa dificuldade intervém em sua capacidade de brincar e nas condições de aceitar situações de separação.

O primeiro grande trabalho da criança será, então, o de extrair significantes do mito familiar que são também os mitos que constituem o corpo materno para elevar-se à ordem simbólica. O meio no qual o bebê vive deve poder oferecer significantes variados e abundantes que farão parte da constituição da imago corporal.

O caso do Pequeno Hans é o primeiro texto clínico onde Freud (1981g) utiliza o método da observação das diferentes atividades lúdicas da criança. Depois, em *Mais além do princípio do prazer*, descreve o jogo do *fort/da*, na experiência de seu neto brincando com o aparecimento e desaparecimento de um objeto, ensinando assim que a palavra é o que pode dar suporte à ausência. Nesta brincadeira, a criança joga um carretel amarrado com um barbante para fora da borda do berço, fazendo-o desaparecer e puxando-o de volta até que reapareça. Durante o processo, ele dá, ao ato de jogar o carretel e puxá-lo, um suporte fônico, dizendo – ooo (*fort*, em alemão = embora ou fora) e aaa (*da*, em alemão = aqui). Na brincadeira completa então (embora/aqui), o menino encena, recria a presença/ausência da mãe, primeiro objeto.

Desta forma, o *fort/da* nada mais é do que a possibilidade de recobrir com palavra, a ausência do outro materno. Esta brincadeira, então, caracteriza-se, principalmente, como a simbolização da ausência da mãe, ao mesmo tempo em que introduz uma distância entre a criança e o Outro. O jogo auxilia a fazer a operação de separação: insere significantes numa experiência vivida, transformando-a em brincar. Brincar, assim, permite fazer novas experiências e prescindir da presença do outro. Neste sentido, brincar é um novo significante incluído no universo simbólico da criança. Ao mesmo tempo – e os analistas de crianças sabem muito bem disso –, o conteúdo deste brincar, os significantes “escolhidos” para compor o brincar, são oriundos do mito familiar no qual esta criança está inserida e que são o arquivo⁴⁰ que ela vai acessar e que está operando desde antes de seu nascimento.

Conforme afirmamos acima, o corpo materno é o arquivo primeiro, o lugar matricial de onde serão retirados os significantes míticos. Segundo Rodolfo (1990), referindo-se à Klein, prova disto é quando o bebê começa a ter algum domínio motor sobre o uso das mãos e passa a ocupar-se de qualquer orifício do corpo do outro (orelha, boca, nariz, olhos), bem como dos objetos a seu alcance (brincos, colares, etc.). A criança “mete-se” no corpo materno para extrair material com o qual constituir-se e construir novas imagens.

O autor sugere, inclusive, a equação: corpo da mãe = mito familiar, pois os contatos corporais da mãe com o bebê, sua atitude, tensão, postura, olhar, voz, carícias, enfim, uma série de traços “da escritura disseminada do mito”, por repetição, transformam-se em significantes. (RODULFO, 1990, p. 56). Daí podemos supor que a incapacidade de brincar na infância denota um empobrecimento do universo simbólico da criança.

No decorrer da constituição subjetiva ocorre a metamorfose (transformação) do brincar em outra coisa: estudar na latência; estudar e trabalhar na adolescência. Que não se confunda, porém, a transformação do brincar em estudar e trabalhar, com a oposição entre lúdico/sério, ou prazer/desprazer, confusão esta que acarretaria num empobrecimento, além de retirar do estudo e do trabalho importante fonte de satisfação. Não haveria razão sugere Rodolfo (1990) para operar disjunção entre brincar e trabalhar .

Transformações na função do brincar ocorrem em diferentes momentos da estruturação subjetiva. Interessa-nos aqui dar alguma visibilidade a estas transformações no decorrer da passagem adolescente. “Onde era o brincar, o trabalho deverá advir”, é uma paráfrase utilizada por Rodolfo (1990) para designar que se o trabalho do brincar não foi realizado na infância, compromete-se, na adolescência, tudo o que for da ordem da

⁴⁰ Expressão utilizada por Rodolfo (1990) e que remete a Foucault em *A arqueologia do saber*.

sublimação, mormente a sublimação necessária para a inserção em um trabalho profissional, por que

[...] em maior ou menor grau, as formações de desejo, longamente desdobradas e desenvolvidas no campo do brincar infantil e adolescente, passam, cedem grande parte de sua força e de seu poder intrínseco para o trabalho, como atividade central da existência adulta, outorgando-lhe assim uma base pulsional decisiva [...]. Sem esta base, o trabalho ou não pode se constituir, ou se pseudoconstitui, como uma fachada talvez socialmente muito produtiva, mas subjetivamente vazia de significação. (RODULFO, 1990, p. 158).

Segue o autor referindo que, em contrapartida, podem ocorrer inúmeras dificuldades em operar a metamorfose do brincar em trabalhar na adolescência que poderiam sugerir algo de uma insistência do objeto primeiro. A este respeito, lembramos dos casos de dois adolescentes já aqui mencionados: Lucas e Gustavo.

No caso de Lucas o estágio voluntário, embora socialmente reconhecido, ocupava o lugar do trabalho profissional e remunerado que ele não conseguia constituir. Mantinha-se assim “atarefado”, numa “brincadeira” agradável e prazerosa com meninos⁴¹, economizando-se da angústia de construir um projeto que lhe proporcionasse independência financeira da família. O trabalho toma um caráter somente lúdico e não propriamente profissional.

Para Gustavo, eram também os estágios acadêmicos que tomavam um caráter profissional. Frequentemente encontrava dificuldade de relacionamento com superiores hierárquicos, pois considerava-se um “excelente profissional”, conforme suas próprias palavras, o que o levava a fazer reivindicações “salariais” diferentes daquelas de um estagiário.

Rodulfo (1990) também afirma que o devaneio constitui-se, para muitos adultos, como a única forma do brincar remanescente da infância que não cedeu lugar ao trabalho profícuo. Nisto encontramos também outros elementos que remetem ao caso de Lucas, quando cria um logotipo para roupas de surf⁴² e sonha para si um futuro muito promissor com o projeto da marca guardado na gaveta da escrivaninha.

“Brincar de trabalhar” é a expressão que melhor definiria a ocupação de Lucas. Ao mesmo tempo, esta é a única atividade que conquistou por esforço próprio, pois, diante da

⁴¹ Era o estagiário (não remunerado) de fisioterapia nas categorias de base de um time de futebol.

⁴² Inspirado no criador da marca *Mormaii*, cuja história o fascina, pois trata-se de um médico que, logo ao formar-se, abandona a profissão, lança a marca e consegue fazer fortuna e manter-se morando à beira do mar tendo como atividade principal a prática do surf.

impossibilidade de ser o ideal, como o irmão, acabava sempre sendo sua versão negativa e, para não sê-lo, fantasia uma vida profissional que mistura brincar e trabalhar: ser o estagiário-fisioterapeuta dos meninos que jogam bola num time famoso, ou enriquecer surfando.

Os mesmos elementos de análise encontram-se no caso de Gustavo que escolheu seu primeiro curso superior – analista de sistemas – porque sempre fora “muito fera” com o computador. A segunda faculdade foi designer gráfico, que se constituía como uma continuação da primeira. Alcança muito prazer e satisfação trabalhando no computador criando e projetando objetos, porém tem muita dificuldade em transformar uma ou outra em atividade profissional. O caso oferece elementos para situar um ponto de fracasso desta metamorfose do brincar em trabalhar, que impede o investimento no campo profissional, pois a atividade lúdica acaba prevalecendo e impedindo o deslocamento de um *quantum* libidinal de um campo a outro.

“Há coisas que devem cair no brincar infantil para que o trabalho advenha como possibilidade.” (RODULFO, 1990, p.170). A respeito desta afirmação do autor, uma outra característica chama a atenção no caso de Gustavo: não conseguia permanecer por muito tempo num mesmo local de estágio, sempre era dispensado precocemente. Alegava que os trabalhos que lhe eram destinados executar eram muito primários (“Sei fazer muito mais e melhor do que aquilo”) e, de fato, suas produções eram de potencial elevado, tendo sido premiado várias vezes com objetos por ele criados. Também adotava um jeito próprio de executar os projetos, o que acabava sempre por desagradar seus empregadores. Neste sentido, não conseguia adaptar-se às regras dos locais de trabalho; em casa, executava os projetos do seu jeito e no seu tempo, isto é, com as regras “inventadas” por ele próprio.

O brincar infantil coletivo implica obedecer regras estabelecidas conjuntamente. Chama a atenção que Gustavo pareceria ter dificuldade em aderir às normas impostas pelo outro e “fazer passar suas qualidades por um certo código e aceitar entrar em contato com procedimentos e saberes já instituídos.” (RODULFO, 1990, p.170). Parecia instalar-se numa onipotência infantil que dificultava o giro necessário para transformar o brincar em trabalhar e, portanto, poder aderir às regras que o Outro institui.

Por outro lado, brincar tem um código privado, que não necessariamente é compartilhado com uma comunidade, pois a criança pode fazê-lo sozinha. Neste sentido, o brincar guarda uma semelhança com o sonho e, por isso, precisa ser “decifrado”. Portanto, para que o brinquedo entre no circuito do trabalho ele necessita entrar num âmbito mais amplo, compartilhado e com outras regras. Esta é a primeira e essencial transformação do brinquedo em trabalho. “Brincar com outra coleção de significantes” (RODULFO, 1990,

p.172) é a expressão que o autor utiliza para melhor definir a passagem do brincar ao trabalhar.

Por que trago aqui as funções do brincar na infância? Porque o brincar é o suporte da fantasia e por que tanto esta como aquelas se redimensionam na adolescência, se reestruturam. A primeira importante função do brincar na infância diz respeito à possibilidade da construção de uma superfície corporal relacionada à fase do espelho, responsável pela constituição eu/Outro. Na adolescência, conforme já vimos na introdução desta tese, ocorre a reconstituição da fase do espelho diante da necessidade de reapropriação da imagem corporal que a puberdade fez vacilar. O brincar toma aí uma importância fundamental. Veja-se, a exemplo disto, o quanto a prática de esportes lúdicos é bem vinda para o adolescente, como uma forma de operar a contenção deste corpo que transborda.

Conforme vimos acima com o *fort/da*, outra função do jogo na infância, é de auxiliar a operar a simbolização da presença/ausência da mãe; na adolescência este jogo se reconstitui com o objetivo de operar a separação familiar/social. As viagens “experimentais” dos adolescentes, desacompanhados da família, frequentemente para fora do país, sob a forma de intercâmbios estudantis, cumprem a função de exercitá-los neste estranho (estrangeiro) ao familiar.

Ainda outra função do brincar na infância é auxiliar no acesso ao corpo do Outro, através dos jogos sexuais, para daí extrair material para a constituição de sua própria imago corporal, desestabilizada pelo *boom* pubertário. Se, na infância, esta operação dava-se a partir do “esburacamento⁴³” do corpo materno, na adolescência passa a se operar com o “manuseio” do corpo do outro que inclui o reconhecimento da existência de outro sexo e a correlativa iniciação na atividade sexual.

*

* *

Para retomar a relação objeto-palavra-significante, podemos afirmar que a voz, enquanto suporte da articulação significativa, supõe a busca pelo ouvido do Outro (pulsão invocante) e traduz, de forma privilegiada, a relação do objeto com a palavra, ou da pulsão ao significativo. A voz do Outro é um objeto essencial e, no *Seminário 10*, Lacan (2005) lembra do instrumento da tradição judaica – que representa a voz de Deus – para auxiliar a pensar

⁴³ Expressão originalmente utilizada por Melanie Klein.

como a voz pode dispensar a linguagem e aparecer no sopro do Chofar. Outro exemplo importante, já bastante conhecido, é o trabalho de Lasnik Penot a respeito da função de convocação que pode ser exercida pela musicalidade da voz materna, no manhês.

Pommier (2004), assim como Rodolfo (1990), também nomeia de “metamorfose do objeto pulsional” o processo em que o objeto torna-se significante passando pela letra. Uma letra unida a outra letra para nomear (invocar, chamar) o objeto faz com que este perca sua característica de puro objeto em causa da formação do significante. As letras acrescentam ao seu som um sentido, recobrando os objetos e atribuindo-lhes nitidez passível de leitura. Assim, o objeto passa de visível a legível, pois as palavras podem transformar a voz em letra passível também de ser escrita no corpo.

Segundo esta definição do autor, tal procedimento inclui então três termos: objeto, letra, significante. Contudo, destaca ainda um quarto elemento – a significação, pois “a primeira significação depende do desejo do Outro.” (POMMIER, 2004, p.121). Ser o objeto do Outro é o impossível-necessário para o nascimento do sujeito: o bebê necessita ser aquilo que a mãe quer – o falo –, embora seja impossível sê-lo totalmente.

Segue Pommier afirmando que a voz se “dobra” para formar uma fala: opera-se uma passagem do objeto voz ao estatuto de significante. Ao mesmo tempo o sujeito é ator e produto de sua fala: um sujeito se produz falando e, assim, cessa “de ser um objeto tomado no desejo do Outro.” O sujeito, ao tomar a palavra em nome próprio, “recalca sua posição de objeto do Outro.” (POMMIER, 2004, p.120). Antes de acessar o código da linguagem o pequeno *infans* está à mercê do desejo da mãe: está na dependência da forma como ela, a partir de sua demanda, supõe interpretar aquilo que o bebê quer. Ao tomar a palavra, o sujeito produz uma distância necessária da posição de objeto do Outro originário.

Necessário aqui fazer referência ao conceito de alíngua que Lacan (1985) desenvolve no Seminário *Mais, Ainda*: a linguagem, como código compartilhado, não seria dada de origem. Alíngua seria efeito do encontro com a língua materna enquanto objeto, constituindo uma experiência anterior à fala articulada. Em termos de constituição do sujeito, alíngua, como traço significante, não deixa de ser aquilo que cai do Outro, mas não de um Outro que existe *a priori* organizado estruturalmente pela linguagem, mas de um Outro caótico, portador de uma fala que vale pelas ressonâncias que provoca no corpo do pequeno sujeito. Alíngua, portanto, é aquilo que, advindo da língua materna, vai se depositar nesse corpo que é puro pulsional, inscrevendo-o na cadeia significante.

Para resumir este processo, podemos dizer que o objeto é perpassado pelo significante com o auxílio da letra. A voz e o olhar maternos “recobrem” o bebê com uma “segunda pele”,

tecida de significantes, a partir dos ditos e dos olhares que a mãe dirige a ele. Temos, então, o real da pulsão saída do corpo (o choro do bebê – a pulsão invocante) que é escutado e conjugado com o acervo significativo oferecido através da voz, do olhar e do gestual maternos numa reciprocidade que é fundamental para a criança. Desta forma advém o sujeito pulsional: da captura de um agente pulsional numa relação significativa.

Esta precoce operação, necessária para a constituição do sujeito, conforme já afirmamos, se refaz na adolescência sob a forma da reconstituição do recalque originário e da ratificação da instância paterna, pois o recalque não é um processo consumado de uma vez para sempre na infância. Ao contrário, ele se refaz a cada vez que o sujeito tomar para si a palavra e passar da posição de objeto a sujeito.

O texto freudiano *O poeta e os sonhos diurnos* também auxilia a pensar nesta ligação entre o objeto e a palavra. Neste escrito de 1908, Freud situa na criança as primeiras marcas da atividade poética, da criação literária. A ocupação favorita da criança é brincar, e ela toma bastante a sério este jogo, alcançando com ele muitos efeitos. “Toda criança que joga se conduz como um poeta, criando-se um mundo próprio, ou, mais exatamente, situando as coisas de seu mundo em uma nova ordem, prazerosa para ele.” (FREUD, 1981d, p. 1343).

Renunciar ao prazer do jogo e do brinquedo não é tarefa fácil. Na realidade, diz Freud (1981d), não conseguimos renunciar a nada, o que fazemos de fato é trocar, substituir umas coisas por outras. Os pais frequentemente precisam auxiliar os filhos a se desvencilharem dos objetos infantis, utilizando-se para isto de diversas “manobras”. O homem adulto, em lugar de brincar, fantasia, produz sonhos e devaneios. Com a diferença que o fantasiar dos adultos não é perceptível como o brinquedo e o jogo infantis. O adulto se envergonha e esconde dos demais as suas fantasias, supõe-se único nesta atividade e não as confessa a ninguém, por julgá-las pueris e ilícitas. Porém, é certo que a atividade infantil de brincar e jogar fazem uma continuação na vida adulta, sob a forma de fantasiar.

As insatisfações, diz o autor, são a força impulsora das fantasias, e cada fantasia é uma satisfação de desejo. Uma fantasia flutua entre três tempos: um determinado acontecimento marcante no **presente** desperta no sujeito algum grande desejo; apreende regressivamente a recordação de um acontecimento **passado**, quase sempre infantil, no qual ficou satisfeito o desejo; e cria então uma situação referida ao **futuro** e apresenta como satisfação de tal desejo uma fantasia ou sonho diurno, o qual carrega então as marcas de sua procedência – da ocasião e da recordação. Desta forma, o passado, o presente e o futuro aparecem enganchados no buraco do desejo, o desejo flui através dos mesmos. A fantasia cria assim substituições, objetos substitutos no presente, daqueles que foram, no passado, fonte de inclinação amorosa.

Desta forma, tanto sonhos noturnos como sonhos diurnos – o fantasiar – são realizações de desejos.

Freud (1981d), neste texto, além de apresentar o fantasiar como realização de desejo, também situa o poeta e suas produções literárias, suas narrativas, como aquilo que pode dar encaminhamento, andamento, deslizamento ao desejo insatisfeito, pois a poesia, assim como o sonho diurno, é a continuação e o substitutivo de jogos infantis. Situa desta forma o objeto perdido como ligado à palavra, à possibilidade de produção narrativa. Assim como a criança brinca para apropriar-se do universo e atribuir significantes a partir da ausência do objeto primeiro (a mãe), o adulto cria fantasias, geradas por uma insatisfação, nas quais o desejo está contido. Desta forma, vincula-se o objeto à palavra ou, dito de outra forma, a possibilidade de articulação do desejo através da narrativa.

Em contrapartida, poderíamos pensar no fenômeno pós-guerra, situado por Walter Benjamin (1994) em seu texto *O Narrador*⁴⁴, que fala do esvaziamento das narrativas e o surgimento, em paralelo a este fato, com grande sucesso no mercado, de narrativas aut centradas, autorreferidas e biografias de ícones. Junto com o silêncio dos narradores haveria a proliferação de oráculos, lugares de verdade absoluta que têm uma só face. O fim da narrativa tradicional ou a crescente incapacidade de contar preocupa Benjamin, porém ele não faz apologia de um “enraizamento secular” perdido. Contudo, de modo um tanto nostálgico, ele propõe, no texto *Experiência e Pobreza*, que a experiência não é mais transmitida de uma geração para outra, os provérbios soam ociosos, as histórias se esgotam.

Que função desempenham as narrativas contemporâneas amplamente difundidas entre o público infanto-juvenil, a exemplo de *Harry Potter*? Elas são vazios objetos de consumo de massa ou operam alguma forma de transmissão? Quais elementos elas fornecem?

A sobrevivência dos contos de fadas ao longo dos anos deve-se ao seu poder de dar simbolização, encaminhamento ou, até mesmo, “resolver” conflitos psíquicos inconscientes que não deixam de ser os mesmos nas crianças de ontem e de hoje. Na tradição, a transmissão oral das narrativas infantis levou séculos; nas últimas décadas, a comunicação globalizada transmite as mesmas histórias, em segundos, ao mundo inteiro. Pelo fato de ter havido

⁴⁴ Segundo o autor, a figura do narrador estaria cada vez mais distante e rara nestes tempos modernos. O pós-guerra teria produzido gerações que não têm mais histórias para contar e que se confrontam com uma sensação de desamparo. Sujeitos silentes e desarraigados, diferentes dos narradores tradicionais que construíam as suas histórias a partir da experiência transmitida oralmente pelas figuras de saber e autoridade. O narrador retira da sua experiência ou daquela que ouve de outros aquilo que conta em sua história e assim a transmite aos seus leitores, aos seus ouvintes, juntando ficção e verdade.

mudança no tempo e na modalidade de transmissão, pode-se afirmar que não há mais transmissão e que se operou uma queda na produção de narrativas?

Os livros da série *Harry Potter* amenizaram o imaginário social de que crianças e adolescentes da era virtual não se interessam pela letra escrita e impressa. Em grande parte, seu sucesso de público deve-se ao fato de que vieram preencher uma lacuna temática em que a magia é o aspecto central e que tem jovens aventureiros como protagonistas.

Diana e Mário Corso, no livro *Fadas no Divã* (2006), afirmam que, para o ouvinte infantil, não faz muita diferença se a história é antiga ou moderna, pois a criança está sempre aberta às múltiplas possibilidades de identificação como os personagens mais exóticos e extravagantes. Também interessa aos pequenos leitores qualquer tipo de linguagem que possa lhes oferecer mediação para acessar os enigmas do mundo e do desejo. Neste sentido, as narrativas contemporâneas – amplamente difundidas no mundo inteiro pela competente indústria do *marketing* – não são meros objetos de consumo, mas operam uma função importante, na medida em que oferecem elementos de simbolização para os mais diversos conflitos do universo infantil e adolescente, que vão desde o mito de origem, às fantasias sexuais e agressivas, até a relação com o Outro originário e com o outro rival. Por tratarem de temas que ocupam a vida e o pensamento das crianças e jovens de nosso tempo, tais histórias transformaram-se em sucesso mundial.

Estas narrativas atuais também respondem a novas necessidades subjetivas da vida de nossas crianças e adolescentes. Mas que novidades são estas, perguntam os autores? A saga de *Harry Potter* situa respostas para uma questão bastante importante que aflige os jovens da atualidade, qual seja, a inversão do lugar de saber. Já salientamos, no decorrer desta pesquisa, o quanto o adolescente de hoje foi guindado a uma posição de modelo ideal e como os adultos, siderados por esse modismo, pareceriam ter pouco a ensinar à geração que chega. Na escola, em *Harry Potter*, a tradição ainda tem seu peso e é representada por professores mais velhos, mas nem por isso ultrapassados. Nela, o passado ainda é fonte de sabedoria e tira o peso das costas dos adolescentes assustados e, muitas vezes, paralisados diante das expectativas dos adultos sobre eles.

Esta narrativa infanto-juvenil permite uma crítica ao lugar majestoso que algumas famílias contemporâneas reservam às crianças e também dá destaque ao exercício da tolerância, empreendido pelo seu personagem principal. Não é excessivo lembrar o quanto a intolerância ao outro é tema central diário da televisão, jornais e revistas.

A série mostra ainda a passagem do protagonista pela puberdade e depois pela adolescência, e dá margem ao universo da fantasia, magia e aventura dos personagens, que

contrastam com a realidade entristecida que muitas vezes acompanha a vida dos púberes e adolescentes, atormentados pelas incômodas mudanças que a maturidade do corpo impõe. Os adolescentes da saga encarnam ideais subjetivos de todo jovem em temas como obediência ou rebeldia, ambição, egoísmo, covardia, bem e mal e apresenta jovens com opiniões próprias.

A história de *Harry Potter* revela a disputa entre trouxas de caráter democrático, pacifista e justo – às vezes também um tanto alienados; e os bruxos autoritários, beligerantes e inescrupulosos que não poupam nada nem ninguém para atingir seus objetivos, ou seja, dois modos de funcionamento comuns em nossos dias. Digamos que este é um tema bastante contemporâneo na educação das crianças. Qual é o pai que hoje não se pergunta para qual tipo de mundo preparar seus filhos?

A novela juvenil inglesa coloca em relevo a escola como o espaço de transição da família para o social, portanto, da infância para a adolescência: o tempo da puberdade. Na trama, reproduz-se o lugar que a escola ocupa como responsável pela principal experiência social da criança fora da família, espaço de socialização e de convívio mais amplo, em que ela aprende a dividir, compartilhar e esperar sua vez, experiências estas que a criança não vivencia dentro de uma família muitas vezes restrita a ela, pai e mãe. A escola, em *Harry Potter*, é também aquela que dá subsídios à grande tarefa de atravessar a adolescência e que transmite as formas e contingências do liame social. Deixa espaço para a curiosidade e criatividade, ao invés de preencher tudo com um saber tecnicista; enfim é uma escola que “mais se parece com a vida”, conforme enunciam os autores. (CORSO, 2006, p.257).

Poderíamos afirmar, assim, que o sucesso da série não se deve somente à crítica positiva da mídia, mas ao aceitação geral pelos jovens leitores, pois junta temas de interesse caros às crianças e adolescentes do mundo atual. Enfim, assistimos a uma renovação das histórias infanto-juvenis, que passam a abordar questões que não estavam centralmente tomadas nos contos de fadas tradicionais. Não estamos aqui propondo uma substituição das narrativas tradicionais pelas contemporâneas, mas chamando a atenção para a inclusão, nas narrativas atuais, de tantos outros conflitos adolescentes que a modernidade passou a apresentar. As ficções de hoje surgem como somatório aos contos tradicionais, agregando a eles tantos outros temas de interesse dos jovens da atualidade.

Harry Potter é um menino triste e melancólico, e um dos eixos da história é a assimilação sofrida da morte dos pais e, sobre essa realidade, não há magia que possa operar. Em contraposição à ideia do esvaziamento das possibilidades narrativas proposta por Benjamin, poderíamos argumentar que a saga de Rowling oferece elementos ficcionais e reais para os personagens se haverem com a perda do objeto.

Para retomar o tema do objeto, lembremos que Benjamin em seu artigo *O colecionador*, afirma que

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade... (BENJAMIN, 2006, p. 239).

Neste universo em que o objeto é incluído de uma outra forma, ele mantém a história, a origem, embora não a função utilitária. “E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. [...] Colecionar é uma forma de recordação prática.” (BENJAMIN, 2006, p. 239). E acrescenta o “quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também todo o passado deste...” (BENJAMIN, 2006, p. 241).

O autor chama a atenção para o fato de que o colecionador liberta o objeto da servidão utilitária; e apresenta uma citação de Marx para dizer que “a propriedade privada tornou-nos tão tolos e inertes que um objeto é nosso apenas quando o possuímos, portanto, quando existe para nós como capital ou quando é... *utilizado* por nós.” (BENJAMIN, 2006, p. 243).

Para falar do estatuto do objeto de coleção, Lacan (1988) no *Seminário 7*, lembra da visita à casa de um amigo – o escritor Jacques Prévert –, em que caixas de fósforos vazias, todas iguais, entreabertas, encaixadas umas às outras, formando uma fita, estavam dispostas perfazendo o contorno da lareira, da porta. “Na análise o objeto é um ponto de fixação imaginário dando, em qualquer registro que seja, satisfação a uma pulsão. O objeto da coleção é totalmente outra coisa.” (BENJAMIN, 2006, p. 143).

Vimos, com o objeto da coleção, que este está para além do belo e do utilitário e tampouco exige reconhecimento social; e a imagem desenhada pelo agrupamento destina-se tão somente a tornar-se **sensível aos olhos**. O objeto da coleção eleva-se a uma dignidade que não tinha antes, fora da série; todavia, nem por isso é, de modo algum, a Coisa, pois é necessário que ela não se afirme, mas que se apresente de forma **velada**, “se ela ocupa esse lugar na constituição psíquica [...] é que ela é, essa Coisa, o que do real [...], do real primordial, diremos, **padece do significante**.” (LACAN, 1988, p. 149, grifos meus). A novidade é fazer aparecer, na coleção, o “caráter completamente gratuito proliferante e supérfluo, quase absurdo”: sua coisidade de objeto de coleção. “O que quer que se faça, não se encontra isso indiferentemente em qualquer objeto.” Pois bem, afirma o autor, a

experiência do colecionador que revela a Coisa para além do objeto, mostra “uma das formas, a mais inocente, da sublimação.” (LACAN, 1988, p.144).

Assim como o colecionador tradicional dispensa a função utilitária do objeto e também seu valor social, atribuindo-lhe, porém, um caráter de tesouro insubstituível e considerando sempre a história que o cerca e as peripécias para sua aquisição, o adolescente pareceria ser um “coleccionador às avessas”⁴⁵: ao ser adquirido, o enfraquecimento do valor do objeto é tão imediato quanto imediata é sua substituição por outro mais novo, recém lançado no mercado. A mercadoria perde o brilho fetichista assim que é retirada da vitrine do *shopping* e acumulada no guarda-roupa. Os objetos frequentemente não guardam uma história, como também não fazem história entre si, não se alinham como o objeto da coleção e, utilizados ou não, são guardados sem que sobre eles recaia lembrança ou recordação. Diferente do objeto da coleção, ele precisa de reconhecimento social para ser adquirido, precisa ser de marca famosa, caro e conhecido. Desta forma ele adquire uma função outra que o objeto da coleção, embora ambos necessitem ser sensíveis aos olhos. Aos olhos de quem, poderíamos perguntar?

Por conseguinte, a articulação do objeto ao significante e a consequente constituição de um discurso, de uma narrativa, poderia se oferecer como uma forma de expressão do desejo. Uma certa dificuldade na constituição de algumas narrativas familiares, uma certa dificuldade na construção de um mito familiar, pode provocar a insistência do objeto ou mesmo sua fixidez. Da mesma forma, os objetos de consumo, na sua insistência, são destituídos de significação, não auxiliando, assim, o jovem na elaboração de uma novela em que possam ser incluídos, pois eles não constituem história entre si, apenas justapõem-se uns aos outros.

3.5 O OBJETO FETICHE

Uma forma muito particular de constituição do objeto diz respeito ao seu caráter de fetiche, que tem como intuito o encobrimento de uma falta intolerável ao sujeito – a castração materna. Dos autores que se ocuparam deste tema interessa aqui ressaltar a forma como Freud (1981v) se ocupou do objeto fetiche enquanto precursor nessa forma de tomar a negação da falta do falo na mãe; também interessa incluir as posições de autores contemporâneos acerca da utilização, nos dias de hoje, dos objetos fetiche, como aqueles que poderiam disfarçar a

⁴⁵ Expressão cunhada por Beatriz Sarlo em seu livro *Cenas da Vida Pós-Moderna*. RJ: Ed. UFRJ, 1997.

falta, e também auxiliar a suportar a desestabilização da imagem identitária na presença do outro.

O objeto fetiche foi definido por Freud (1981v), em um artigo escrito no ano de 1927, como aquele objeto que apaga a diferença sexual. Ele se origina da “eleição” da criança, cujo olhar extasiado escorrega do recém-descoberto corpo faltante da mãe e vai se fixar no primeiro objeto que brilhe suficientemente e “consiga” ofuscar essa ausência. Para o neurótico ele é a negação do saber sobre essa falta; para o perverso a elevação deste substituto ao estatuto de objeto mesmo.

Esta conceitualização freudiana já está contida, todavia, em seu texto de 1910, quando escreve um ensaio sobre a vida e obra de Leonardo da Vinci⁴⁶. O tema do fetichismo situa-se a propósito de uma recordação de sua infância precoce: o artista descreve, em um de seus diários, a lembrança de estar no berço, quando se aproxima um pássaro abutre/milhafre⁴⁷ que abriu-lhe a boca com sua cauda/rabo e golpeou com ela, repetidas vezes, entre/dentro⁴⁸ dos lábios. Freud (1981i) salienta, no entanto, poder tratar-se mais de uma fantasia ulterior, transferida para o período da lactância⁴⁹, do que propriamente uma recordação infantil, o que não altera em nada suas conclusões acerca do episódio. Lembra, também, que o artista dedicou grande tempo de suas investigações científicas, quando adulto, ao estudo e compreensão do voo dos pássaros.

A tradução de tal fantasia mostra uma orientação erótica, porque a cauda, segundo Freud (1981i), é um dos mais significativos substitutivos para pênis em muitas línguas, e não somente para o italiano (língua de origem de Leonardo da Vinci). A recordação faria referência à mãe, pois os egípcios⁵⁰ associavam o abutre à maternidade, tendo como verdade que todos os abutres são fêmeas e se reproduzem sem necessidade da participação do macho, dado este que se refere à história do artista, por ter sido filho ilegítimo, “filho de abutre”, pois

⁴⁶ O ensaio tem como título “*Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*”.

⁴⁷ Abutre é como Freud lê na tradução alemã. Strachey; porém, afirma que, no original em italiano, tratar-se-ia do milhafre.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ A mãe que amamenta o filho é transformada em uma ave que introduz sua cauda na boca da criança.

⁵⁰ A divindade egípcia *Mut* tinha cabeça de abutre e aparecia portando um falo.

Leonardo passou os primeiros anos de sua vida sem o conhecimento e sem a companhia do pai, viveu apenas com a mãe⁵¹.

O artista, na infância, assim como toda criança pequena, passa por um momento de intensa investigação acerca dos genitais humanos⁵². Faz parte das teorias sexuais infantis a suposição de que todos são portadores de pênis. A eleição de um objeto fetiche – sapato, meia, etc. – ocorre justamente diante da “descoberta” frustrante de que alguns deles não o têm e é a forma de negar a castração feminina, na tentativa de recompor o corpo materno. Esse objeto é um “símbolo substitutivo do membro da mulher.” (FREUD, 1981i, p.1596).

O objeto fetiche é de caráter imaginário, por meio do qual uma perda e uma falta intoleráveis são ocultadas. Trata-se de um objeto mágico de satisfação que se utiliza do mecanismo da denegação, para exprimir a impossibilidade de lidar com a ausência e com a alteridade, e diz respeito à impossibilidade de passar da imagem ao símbolo.

Por sua vez, Maria Rita Kehl (2009), apoiando-se nas teorizações do psicanalista francês Jean-Jacques Rassial, propõe formulações bastante interessantes, utilizando-se da conceitualização do objeto fetiche em Freud (1981v) que, acredito, poderão contribuir para a análise das relações do sujeito adolescente com os objetos em geral e com os objetos de consumo em particular. Apresento-as a seguir.

Trata-se de um fenômeno psíquico o fato de que, no contato com o Outro, seja ele exótico, estrangeiro ou familiar, opera-se uma imediata desestabilização da imagem identitária, “ofuscada pela presença da imagem do outro.” (KEHL, 2009, p.130). Todorov (1993) já afirmava que cada encontro opera um enfraquecimento e que a identidade vacila na proximidade com o estrangeiro. Para o autor, esse é um paradoxo que pesa sobre o gênero humano: no processo mesmo do expansionismo e do estabelecimento de relações, a identidade sempre se vê ameaçada.

Diante da vacilação imaginária que sentimos na presença do Outro, imediatamente tendemos a nos identificar com esta imagem “brilhante” que se nos apresenta, para rapidamente recuperarmos nosso narcisismo abalado. É a operação de identificação, tanto mais facilitada quanto maior for a pregnância deste objeto-imagem. “Se isso ocorre na relação

⁵¹ É necessário aqui chamar novamente a atenção para a troca do nome da ave, quando o texto original de Leonardo da Vinci em italiano é vertido para o alemão por Freud, pois na espécie dos milhafres existem os machos e as fêmeas, e a reprodução se dá por acasalamento. Tendo em vista esta troca, é necessário interrogar a associação com a deusa egípcia *Mut*. De qualquer modo, este lapso de tradução não invalida aquilo que é a questão central desta análise, ou seja, o falo enquanto falta na mulher e as formas como a criança lida ao ser confrontada com isto na relação dual com sua mãe.

⁵² Freud (1981g) trabalhou intensamente esta questão em *Análise da fobia de um menino de cinco anos*, o caso do Pequeno Hans.

cotidiana com nossos semelhantes, que dizer da relação com as imagens fulgurantes produzidas pela indústria cultural?” (KEHL, 2009, p. 130), pergunta Kehl.

Portanto, a desestabilização identitária no contato com o Outro é um processo psíquico comum a todos, inclusive comum às sociedades, aos povos e às culturas no processo de colonização, por exemplo, conforme analisa Todorov (1993). Na adolescência, porém, esta vacilação é mais avassaladora, pois a explosão pubertária⁵³ faz surgir um “novo” corpo e o sujeito necessita operar o trabalho psíquico de assunção dessa nova imagem⁵⁴. O adolescente se vê, de um instante para outro, com um corpo que excede nas proporções, como também excede na capacidade de reapropriação. Neste momento é que ele pode lançar mão dos objetos-fetichê que o auxiliem na contenção deste “novo” corpo e buscar o reconhecimento, não mais do lado do olhar materno e paterno, mas do olhar dos pares. Qualquer objeto pode fazer esta função, inclusive aqueles de marcas reconhecidas pelo semelhante que, pelo fato mesmo de serem amplamente ratificados pelo social, mais facilmente se oferecem neste lugar. Isto nos fornece elementos para melhor compreender o lugar privilegiado que o adolescente ocupa como consumidor e também o tratamento especialíssimo que a ele é destinado pela indústria do *marketing*, como também a forma particular e franca com que adere aos objetos.

A este respeito refiro um singelo exemplo clínico: *Adriana tem 15 anos e começa a se exercitar nos rituais de passagem, frequentando bailes de debutantes. Para isso, usa vestidos que sua mãe confecciona, “vestidos de mulher”, segundo suas palavras. O fato de ser a mãe quem cria e confecciona os vestidos, porém, nunca pode ser revelado; ao contrário, a menina-mulher sempre mente que foram feitos por um estilista famoso, disputado por todas as adolescentes da cidade.*

O artifício da pequena mentira utilizado pela adolescente revela uma ambiguidade interessante: ao mesmo tempo em que traz um terceiro elemento – o estilista – para relativizar a pregnância da imago materna, também atribui intenso valor fálico à mãe, pois seus vestidos podem se confundir com os do estilista. Isto sugere pensar que a relação do adolescente com os objetos de consumo está perpassada pela questão de o quê fazer com a falta do falo materno, ou de como fazer o deslocamento desta questão. Tal relação é intensa em ambiguidade pois, como vimos com este exemplo de Adriana, o objeto fetichê é e não é o substituto do falo materno, é a presentificação ao mesmo tempo em que a negação dele. Esta

⁵³ As ideias abaixo estão mais amplamente trabalhadas no artigo *Patricinha ou Largada: as identificações na adolescência*, Revista da APPOA, nº 23, Dezembro de 2002.

⁵⁴ Já trabalhamos, na introdução desta tese, a questão da constituição da imagem corporal na fase do espelho, que se opera na infância e se reconstitui na adolescência.

báscula coloca em causa uma operação necessária: a de produzir o deslocamento da preocupação e ocupação com o falo materno.

O extrato clínico, ao mesmo tempo em que nos mostra que um objeto-fetichê pode ocupar o lugar privilegiado de substituto e de presentificação do falo materno, também pode fazer função de suporte da passagem e do luto do corpo infantil para o corpo adulto.

Na adolescência, a atualização fantasmática do objeto se dá em torno daquele que o consumo tenta escrever. Porque este processo é tão mais pregnante na adolescência? Já apontamos, no tópico “A função dos rituais de passagem”, um elemento importante como tentativa de resposta a esta interrogação: o processo de luto, operado pela adolescência, por todos os objetos que faziam parte da infância, inclui também o luto do corpo infantil. A puberdade provoca a desestabilização da imago corporal e a adesão a objetos compartilhados socialmente com os semelhantes podem operar a ilusão da reapropriação.

A vacilação da identidade corporal que a puberdade impõe traz consigo (conforme vimos no tópico 1.4) a reativação da relação ao espelho. A relação ao outro, agora operada não mais pelas figuras parentais, mas sim pelos pares, traz junto o compartilhamento dos objetos que oferecem uma identidade ortopédica e a possibilidade de reassuramento do controle do corpo. A fantasia de descontrole intensifica-se, pois as moções pulsionais reativadas pela reedição do complexo de Édipo precisam sofrer “nova” interdição (castração simbólica), pois agora, na adolescência, aparecem reforçadas pela capacidade instrumental do exercício da sexualidade. A aderência ao objeto-fetichê pode se oferecer como possibilidade de trânsito em torno da operação de castração.

Cito novamente aqui o caso da adolescente-mãe, Laura, para lembrar que o estranhamento com relação ao próprio corpo que se dá na puberdade, pode ser reativado quando da experiência da maternidade. Trabalharemos adiante, com mais detalhes, a questão da ratificação da castração simbólica operada na adolescência e que o caso de Laura mostra de forma privilegiada.

3.6 OBJETO POSITIVADO E INIBIÇÃO

No livro *Goza! Capitalismo, globalização, psicanálise*, Goldenberg (1997) chama a atenção para o paradoxo que se coloca quando, depois de muito esforço, o indivíduo consegue adquirir todos os objetos que animavam seus sonhos e, “para seu espanto e consternação, porém, descobre que não consegue desfrutar de nada do que tanto desejara e com tanto esforço obtivera.” (GOLDENBERG, 1997, p. 9). Compara a ter a mulher tão desejada e não

conseguir homenageá-la à altura – impotência banal na clínica cotidiana dos psicanalistas. Causa, portanto, interrogação ao autor que os “sonhos de consumo” produzam tal efeito inibitório no usuário.

Goldenberg enumera alguns exemplos desta montagem: os *yuppies*, da década de 80, produzem muito dinheiro, que não necessariamente se reflete em melhora da qualidade de vida; os *workaholics* satisfazem-se com o trabalho e não necessariamente com seu resultado financeiro; para eles, o que importa mais é a eficácia e a excelência. E se a equação neoliberal nos diz: “tem valor porque se vende!”, sobre esta problemática, não é o caso de adotar-se uma posição nostálgica, reivindicando “o retorno de valores simples, como a tradição, a família e a propriedade” (GOLDENBERG, 1997, p.10), como também não é o caso de armarmos uma cruzada contra o mal da *network*, do consumo, da tecnologia, da modernidade.

Freud (1981), no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, já apontava para a discórdia entre os valores libidinais e os valores do eu ou, falando de outra forma, o que movimenta a libido não leva em conta a relação custo/benefício, mesmo porque, àquilo que é da ordem do desejo inconsciente, não temos acesso consciente.

Muitos adolescentes – e talvez também os sujeitos dos quais Goldenberg (1997) fala acima – podem ter acesso a quase tudo que o dinheiro que juntam (ou que seus pais aportam) pode comprar. “E se você pode adquiri-los, por que não o faria”! Esta é a lógica coercitiva e sedutora do mercado. A oferta da mercadoria toma um caráter de imperativo que não contém a possibilidade de recusa. É a partir desta montagem que o autor sugere que os objetos podem adquirir caráter persecutório.

A respeito deste mecanismo, ainda um outro elemento: o que ocorre, muitas vezes, é que se opera aí uma injunção, traduzida por uma inibição. Ouço na clínica as queixas de alguns adolescentes apáticos que, num universo repleto dos mais variados *gadgets*, não encontram prazer na sua utilização como também não encontram satisfação em suas vidas cotidianas. Além da apatia, talvez pudéssemos acrescentar também: gozo. É como se passasse a operar a equação: se tudo, então nada! Neste sentido, pensamos que o consumo está mais do lado de uma inibição do que do lado de um sintoma ou de outra formação qualquer. Inibição de quê e por quê?

“A impossibilidade de gozar de um bem de que se dispõe indica antes seu alto valor libidinal que o contrário”. Não sou eu que o possuo, “ele é que me possui” afirma Goldenberg (GOLDENBERG, 1997, p. 12). O que impediria o gozo do objeto seria a ameaça da realização do falo. Precisaria, portanto, antes disso, desvalorizá-lo um pouco, defende o autor.

Freud (1981j) tratou deste tema no artigo *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*, acentuando, em primeiro lugar, que a maior dificuldade com relação a isto é fazer coincidir as motivações inconscientes (o desejo e a libido, que são da ordem do inconsciente) e as motivações da realidade. E aponta – dentre as precondições do acesso ao objeto – que ele precisa, de alguma forma, estar decaído, para que o acesso se torne possível.

Vimos anteriormente que a inibição se produz quando infiltra-se numa determinada função um desejo diferente daquele que a função satisfaz normalmente. Temos como consequência o seguinte paradoxo: na inibição é também onde o desejo se exerce. Voltemos a pensar na função que estamos analisando nesta tese – acesso compulsivo aos objetos: imiscui-se na função do consumo compulsivo um desejo outro que não aquele relativo à simples satisfação da necessidade obtida com o objeto. Um desejo outro, inibido, retorna oculto na compulsão. Desta forma, ocorre uma inusitada conjunção: um desejo oculto por detrás da vontade de consumo deixa esta última superinvestida, assim como supervalorizado o objeto a ela ligado.

Reza a lenda grega que Midas era um rei muito ambicioso pois queria tornar-se cada vez mais rico. Conhecendo o Deus Dionísio disse a ele que seria o homem mais feliz do mundo se tudo que tocasse imediatamente se transformasse em ouro. Seu desejo logo tornou-se realidade e tudo em que ele tocava transforma-se em ouro. Ficou muito feliz e deu uma festa para comemorar. Contudo, ao tentar comer não conseguiu, pois assim que tocava a comida logo se transformava em ouro. O mesmo acontecia com a bebida e tudo mais que ele tocasse. Sua filha foi falar com ele e antes que pudesse impedi-la ela tinha se transformado numa estátua de ouro. Chorou desesperadamente ao perceber que ter todo o ouro do mundo lhe impediria de viver e ser feliz. O Deus Dionísio percebeu que o Rei estava arrependido e fez com que tudo voltasse ao normal. Moral da história: dourar o objeto é, ao mesmo tempo, impedir-se do acesso a ele.

Da história do Rei Midas depreendemos: para que o acesso ao objeto torne-se possível, é necessário extrair-lhe o brilho dourado, é preciso que opere certa desidealização, desvalorização, conforme também vimos acima com Freud no texto de 1910. Qual seria uma das possibilidades de fazer com que o objeto superinvestido decaia? Lançamos como hipótese que atribuir-lhe um valor monetário, tornando-o passível de ser comprado, é uma forma de depreciação – lógica da prostituta – que, ao mesmo tempo, permite o acesso a ele.

Conforme vimos na introdução desta tese, a depreciação também está presente na lógica da sociedade de consumo que traz embutida na promessa de satisfação o seu não cumprimento. A propaganda deve ser enganosa ou exagerada para que, desta forma, o

mercado mantenha-se em constante funcionamento, desvalorizando os produtos assim que são vendidos e consumidos, pois eles devem deixar lugar para os novos lançamentos.

Vemos assim coincidir uma modalidade de funcionamento psíquico que necessita que o objeto perca o brilho para possibilitar o acesso a ele, com uma modalidade de funcionamento da lógica do mercado de consumo que deprecia seu objeto assim que é lançado, para que um novo objeto possa ser oferecido. São, portanto, formas de funcionamento, um individual e outro coletivo, que reforçam-se mutuamente.

No ano de 2009 a rede de cartões de crédito *Mastercard* lançou uma grande campanha publicitária que explorava a duplicidade contida na depreciação-monetarização. As diferentes inserções lembravam que tudo que está monetarizado pode ser comprado. No entanto, “Não tem preço!” era a frase que fechava todas as diferentes chamadas, lembrando que, se não tem preço, tem muito valor, mas não pode ser comprado.

Uma questão é o rebaixamento necessário ao objeto para que o acesso a ele seja possível; outra questão é seu caráter persecutório. Se atentarmos para o grande valor atribuído aos objetos pelo discurso social, seria quase impossível que este certo desinvestimento se operasse. No entanto, o que Goldenberg (1997) ressalta e que nos interessa aqui é o alto valor libidinal investido no objeto, que o torna persecutório, inibindo a satisfação, na medida em que ele representa a presentificação do falo.

Por vezes, o caráter persecutório também se revela nos rituais – procurar o mesmo objeto em todas as lojas, comparar preços, fazer verdadeiras “romarias” a todos os *shoppings*, saber tudo a respeito dele, para no final não adquiri-lo – que acabam por impedir o acesso. A aproximação hesitante ao objeto, por ter-se tornado persecutório, acaba redundando na impossibilidade de gozar. Por outro lado, o acesso a ele marcaria um lugar de inscrição-inclusão no laço e no discurso social: “Agora tenho, sou um deles”. Por outro lado, a exclusão é o lugar que o objeto vem a delimitar no imaginário do adolescente pois revela, ao mesmo tempo, a potência destrutiva do desejo e portanto do sujeito, na medida em que imaja a realização do falo, excluindo a falta.

Para a psicanálise, como para uma série de outros campos do saber, por definição, há no lugar do objeto uma positividade-negatividade: é menos um lugar referido ao preenchimento do que à falta. Lacan foi quem, ao longo de sua obra, acentuou o esvaziamento do lugar do objeto que já estava contido em Freud (1981u), no texto da *Negação*, por exemplo. A palavra, elemento de excelência da psicanálise, para que seja efetiva, supõe a intermediação significativa entre o sujeito e o objeto. A existência mesma da linguagem presume este intervalo: para que o sujeito refira o objeto, é necessário que este não esteja

presente. Se não, por que haveria necessidade de nomeá-lo, estando ele presente? Isto nos sugere pensar nas psicopatologias infantis de inacessibilidade ao universo da linguagem, porém fugiria aos propósitos deste texto.

Então, no intervalo necessário entre o sujeito e o objeto, a eficácia simbólica da palavra mostra seus efeitos curativos. Contudo, o efeito que se opera, quando a palavra passa a estar colada ao objeto e, enquanto positivada, como detentora da verdade, perde o poder de amortecimento dos efeitos imaginários da perda (negativização) do objeto. Dando ênfase à questão que nos interessa neste estudo, coloca-se como signo do objeto materno, portanto, entre o saber que a palavra contém e o objeto não há nenhuma separação. Nesse sentido, assistimos a um preenchimento imaginário – com o objeto fetiche – desse lugar onde a psicanálise situa o objeto como faltante.

3.7 LACAN E O OBJETO CAUSA DO DESEJO⁵⁵

Qual é o objeto que está em questão no consumo adolescente? Seria o objeto do desejo, o da intencionalidade, o falo, o objeto pulsional?

É no *Seminário 10, Angústia*, lição VIII, que Lacan (2005) vai trabalhar, mais especificamente, o conceito de objeto ligado à noção de causa. Para ele, o objeto não está adiante, **à frente**, como aquilo que o sujeito pretenderia alcançar, e que talvez fosse a tradução mais próxima do objeto da intencionalidade, ou do consumo. O objeto é sempre causa do desejo e, neste sentido, ele está **por trás**. Não há função de intencionalidade ligada ao objeto *a*, causa do desejo. No consumo, há um pensamento ligado a alguma coisa a ser adquirida, porém o objeto do desejo não é concebido dessa forma, ligado à intencionalidade de uma noese. Diz ele: “Na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. Para retomar minha metáfora de há pouco, o objeto está **atrás** do desejo.” (LACAN, 2005, p.115, grifo meu).

Percebemos aqui uma certa oscilação (por conta das diferentes traduções do francês para o português, como também da versão autorizada e das versões não oficiais), no uso dos termos **adiante, à frente, por trás, atrás**. Porém, a ideia que queremos passar aqui não é a de uma localização espacial ou de uma localização em fases ou etapas. O objeto como algo a ser

⁵⁵ Uma versão ampliada desta seção foi publicada no Correio da APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre (BACKES, Carmen. *O estatuto do objeto*. Porto Alegre, nº 162, ano XIV, p. 8-14, out. 2007). Aqui o texto sofreu algumas modificações.

alcançado é uma miragem, vinculada ao eu ideal, e inclui a noção de intencionalidade. Já o objeto como algo simbólico está atrás e permite ao sujeito a ele referir-se.

Conforme já escrevemos em outro trabalho:

Uma hipótese é pensar essa questão a partir dos conceitos de ideal de eu e de eu ideal, da seguinte forma: o ideal de eu é a função, o lugar a partir do qual, em nome do qual o sujeito pode agir ou falar, mas não numa perspectiva intencional. A questão é nunca chegar a tomar o lugar do pai, mas falar em nome dele. O ideal aqui conduz a uma função formal, e não final. O pai não é quem eu gostaria de ser, mas quem me autoriza a ser o que eu sou. Nesse sentido, o ideal do eu é o que “está para trás”, o que me autoriza a ir em frente e entrar na via do desejo; não é o que “está lá na frente” como meta. O eu ideal, por sua vez, estaria do lado da intencionalidade, da busca de uma adequação, numa projeção especular, obturando o desejo, reduzindo o agir do sujeito a um projeto a ser cumprido, a uma causa final. (BACKES, 2000, p. 43-4).

Lacan (2005) acrescenta que esta noção topológica estrutural do objeto é encontrada já em Freud (1981), quando ele caracteriza os conceitos de objeto e alvo da pulsão, dizendo que o objeto da pulsão furta-se à captação. Tentando encontrar o objeto, atingimos um alvo alhures que, por outro lado, não é qualquer.

Acerca disso Freud (1981) situa, na lição 32 das *Novas lições introdutórias à psicanálise*, a noção de exterior (*Ausseres*) e a noção de interior (*Inneres*), dizendo que o objeto deve ser situado no exterior e que a satisfação da tendência só consegue ser realizada na medida em que se liga a alguma coisa no interior do corpo, onde ela encontra sua satisfação. Isto se configura em um enigma, afirma Lacan (2005), que logo se utiliza da noção möebiana⁵⁶ de borda para dizer que “um exterior de antes de uma interiorização [...] antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular [...] forma esta que introduz [...] a distinção entre o eu e o não-eu.” (LACAN, 2005, p. 115). E acrescenta que “é a esse exterior, lugar do objeto, anterior a qualquer interiorização, que pertence a ideia de causa.” (LACAN, 2005, p. 116). Para ilustrar, Lacan (2005) se utiliza do objeto do fetiche, na medida em que é nele que se desvela a dimensão do objeto como causa do desejo.

O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encarnem o fetiche. **O fetiche causa o desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder.** Não é absolutamente necessário que seja naquela que calça o sapatinho; este pode estar em suas imediações. Sequer é necessário que seja ela a portadora do seio; o seio pode estar na cabeça. Mas todo o mundo sabe que, para o fetichista, é preciso que o fetiche esteja presente. **O fetiche é a condição mediante a qual se sustenta o desejo.** (LACAN, 2005, p. 116, grifos meus).

⁵⁶ A cinta ou fita de *Möebius* é aquela que, por efeito de uma torção, não apresenta borda ou descontinuidade entre o verso e o reverso, o que nos auxilia a alcançar a noção topológica de contiguidade entre o interior e exterior à qual Lacan aqui se refere.

De acordo com as formulações acima colocadas, o objeto perseguido pelo adolescente pareceria se colocar mais como algo a ser alcançado, cuja intenção é a sua posse. Contudo, se vimos que o objeto fetiche é o substituto do falo materno faltante e se o fetiche é o que sustenta sintomaticamente o desejo, retomamos a pergunta: é o desejo de quem?

3.8 OS OBJETOS DAS PULSÕES

A pulsão é um dos pilares metapsicológicos da psicanálise freudiana. Inserir o pulsional neste ponto do trabalho deve-se a vários motivos. Primeiramente, visa expor ao leitor o estabelecimento do campo pulsional na relação ao Outro, bem como de seus objetos correspondentes⁵⁷. Veremos que, na tenra infância, a constituição do campo pulsional e do campo do Outro ocorrem simultaneamente, e que a troca de objeto – a passagem de uma fase à outra – somente se opera a partir de uma reviravolta na demanda do Outro. Discorreremos sobre este processo que se opera no início da vida do sujeito, para dar visibilidade ao processo da incrementação pulsional na adolescência e da reativação do complexo de Édipo e, portanto, também da rivalização pelo objeto fálico. Não é novo afirmar que na passagem adolescente acontece uma verdadeira efusão pulsional, que se vê incentivada agora, pois o jovem está instrumentalizado para o exercício da sexualidade.

O objetivo deste tópico é demonstrar que o objeto pulsional se constitui na relação ao Outro e vai mudando através da reviravolta na demanda que se opera primeiro no campo do Outro materno. Tal intuito liga-se ao fato de que, no capítulo 4, vamos trabalhar em torno das modalidades do agir adolescente que podem se manifestar diante das dificuldades de operar com a falta do falo, primeiro na mãe e por conseguinte nos filhos.

Freud (1981c e 1981l) refere-se às pulsões em diferentes momentos de seu trabalho, a começar em *Três ensaios para uma teoria sexual*, em que considera que o infantil, juntamente com o perverso seriam as duas grandes áreas que poderiam melhor permitir observar o jogo pulsional. Em *As pulsões e suas vicissitudes* é o momento em que estabelece a definição, diferenciando-a da necessidade. A respeito do objeto da pulsão, no artigo sobre o *Fetichismo* ele traz um exemplo ilustrativo de como a pulsão pode fixar-se a um objeto que acaba por tornar-se necessário ao desejo sexual. No voyeurismo-exibicionismo, outro exemplo de fixação da pulsão ao objeto, depois de dirigir-se a um objeto estranho, voltar-se-ia para uma

⁵⁷ Os objetos descritos por Freud (1981l) para cada fase são: objeto oral-seio; objeto anal-fezes; objeto genital-falo. Lacan (1979) ainda inclui mais dois objetos, a saber, olhar e voz, para a pulsão escópica e invocante respectivamente.

parte do próprio corpo e só então seria incluído um novo sujeito. Isto é relativo aos três tempos da pulsão, que trabalharemos adiante.

O conceito de pulsão, que Freud (1981) estabelece no texto *As pulsões e suas vicissitudes* é um dos pilares conceituais da psicanálise e faz vacilar de forma definitiva a ideia de que para o homem tudo se determina desde o campo do instintual e do natural. O autor conceitualizou o que é da ordem do pulsional, situando-o entre o psíquico e o somático e distanciou o humano daquilo que seria da ordem de uma natureza exclusivamente instintual. Naquele momento, o autor trabalhava com a noção interno/externo, lembrando que, para aquilo que é de natureza externa, podemos empreender fuga; daquilo que provém do interior, caso das pulsões, não temos como fugir.

Quando descreve os quatro elementos da pulsão (*impulso ou força, fim, objeto e fonte*), caracteriza cada um a seu modo, dizendo que a *força* será sempre constante, e não tem, portanto, um ritmo – começo-satisfação-cessação – como a necessidade. Mais exato seria dizer que a pulsão tem estrutura de vaivém.

Seu *fim* é a satisfação, embora ele logo encontre que as pulsões podem ser inibidas ou desviadas em seu objetivo, caracterizando-as então como pulsões parciais (satisfação parcial). Se é justamente a restrição do pulsional, a operação da castração, que constitui o sujeito psíquico e social⁵⁸, não há como a pulsão encontrar satisfação total. Desta forma, a circulação pulsional e a constituição do sujeito operam conjuntamente⁵⁹.

Quanto ao *objeto*, o autor demonstra que, para o homem, ele não é natural, não está definido originalmente e pode ser o mais variável e substituído indefinidamente por outro. Se, para o animal, o objeto está definido instintualmente, para o homem ele se define para além da ordem da necessidade e se constitui na relação ao Outro, naquilo que Lacan (1979) caracterizou como a via de mão dupla da demanda (demanda do sujeito-demanda do Outro). É com esta noção que Lacan (1979) passa a dar um caráter *möebiano* ao campo pulsional, relativizando a linha divisória eu/outro, interno/externo. No *Seminário 11*, ele situa o objeto da pulsão como o objeto *a* que é sempre contornado e nunca apreendido. Define-se assim o objeto como causa que determina a circulação constante⁶⁰.

Quanto à *fonte* da excitação pulsional, Freud (1981) vai situá-la nas zonas erógenas do corpo e podemos acrescentar, desde um ponto de vista lacaniano, que se o pulsional

⁵⁸ Conforme Freud (1981x) deixa bem demonstrado no texto *O mal estar na cultura*, de 1929.

⁵⁹ Ver, a seguir, no decorrer do texto.

⁶⁰ Esta noção já foi trabalhada acima.

organiza-se na circulação pelo campo do Outro, o que cada sujeito vai fazer com as partes do seu corpo está determinado desde aquilo que denominamos acima, de uma dupla circulação de demandas. O Outro originário inscreve e marca aquilo que é primeiramente apenas alguns quilos de carne com significantes. Uma mãe trata de forma diferente o pênis e o dedo do pé de seu bebê, constituindo assim uma escritura em forma de demanda suposta, diante da qual ele vai tentar responder de alguma forma. O objeto que aquecerá ou apenas adornará cada uma destas partes será diferenciado.

Freud (1981) apresenta a atividade pulsional em três tempos, ou três vozes, a saber: para o par antitético sadismo-masochismo, ele apresenta o tempo ativo (atormentar), o tempo reflexivo (atormentar-se a si próprio) e o tempo passivo⁶¹ (ser atormentado); para o par voyeurismo-exibicionismo, o tempo ativo (olhar um objeto alheio), o tempo autoerótico (olhar o corpo como objeto) e o tempo passivo (ser contemplado por outrem).

Lacan (1979) observa que, na medida em que o circuito pulsional apresenta-se sob a forma de vaivém constante, a divisão em tempos ou vozes poderia propiciar confusões, pois o percurso circular de ir e voltar não se interrompe; portanto, não há um primeiro tempo, um segundo tempo e um terceiro tempo e sim uma circulação constante. De qualquer modo, interessa-nos apresentar aqui a compreensão deste movimento, para dele extrair a simultaneidade da constituição do sujeito pulsional e do campo do Outro.

Para falar sobre o tema, Freud (1981) elege a pulsão escópica e o sadismo-masochismo, por considerar que a perversão, assim como o infantil, são o campo fértil para apreender o vivo do funcionamento pulsional. De forma simplista, poderíamos apresentar o primeiro tempo como voyeurista/sádico – olhar/atormentar; o segundo tempo como exibicionista/masochista – ser olhado/ser atormentado; e um terceiro tempo, reflexivo ou de voltar-se para si mesmo, que Freud (1981) descreve como o aparecimento de um “novo sujeito”.

Como compreender esse “aparecimento de um novo sujeito”, incluindo a noção da reversão do circuito pulsional? Poderíamos representá-lo por uma seta que parte da borda da zona erógena em direção ao objeto (campo do Outro), a reversão e o retorno, contornando o alvo, para daí reiniciar novamente a circulação. “Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pode fechar seu curso circular.” (LACAN, 1979, p. 169) . É interessante atentar aqui como a constituição do sujeito e do Outro operam conjuntamente: o

⁶¹ Alertamos para o caráter sempre ativo da pulsão. Neste sentido, o tempo passivo não se refere ao oposto da atividade, senão a um movimento de fazer-se atormentar, fazer-se olhar, etc.

sujeito da pulsão somente se situa no atingimento do fecho, no retorno do circuito pulsional, tendo perpassado o campo do Outro.

É na medida mesma em que o Outro é incluído que se constitui o sujeito da pulsão. Então, esse “novo sujeito” refere-se tanto à inclusão do Outro como ao “surgimento” do sujeito mesmo da pulsão, no momento em que ela pode fechar seu circuito, passando pelo Outro. É através da circulação pulsional que o sujeito atinge, acede à dimensão do Outro.

Ressalte-se que os três tempos estão sempre presentes, são coexistentes, persistem um ao lado dos outros, e a constituição do sujeito pulsional confunde-se com a constituição do campo do Outro: o sujeito, determinado pela linguagem e pela fala “começa” no lugar do Outro, lugar do significante. “O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante.” (LACAN, 1979, p.187).

Podemos também articular a constituição do Outro em três tempos⁶²: o Outro é tomado como o campo da linguagem – confundindo-se com ela – que diz respeito, mais especificamente, ao lugar, espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo, realidade que lhe é “apresentada” sob a forma de discurso, de palavra. Esse espaço é constituído de elementos simbólicos e imaginários aos quais o sujeito estará ligado pela linguagem. Aqui se articula um primeiro tempo da construção do Outro, como um lugar desejável, anterior e exterior, ao qual o eu deve aceder. A instância imaginária do eu constitui-se em função do que o eu supõe ser uma falta no Outro, porque este apresenta-se como incompleto. O eu tenta responder à demanda do Outro, na medida em que este Outro é faltante e, portanto, desejante. Por outro lado, o sujeito constitui-se dos elementos inconscientes do discurso que estão primeiro no campo do Outro: a condição de sujeito “depende” do que se passa no Outro, do que “diz” o Outro. Aqui o Outro é totalmente constituído no campo do simbólico, que fará a intermediação na relação especular entre o eu e o outro do par imaginário – relação que se dá por identificação imaginária, identificação com a imagem do outro, fonte de agressividade e de amor, em que a alteridade se apaga – através da linguagem: o sujeito é, não o agente da linguagem, mas seu efeito, e a linguagem, por sua vez, é efeito do lugar do Outro. Situamos aqui o terceiro tempo, em que o sujeito e o Outro articulam-se, na medida em que ambos são desejantes. Se há uma articulação constituinte, então, no sujeito, o Outro não é o estranho. A demonstração através de três tempos facilita a visualização disso que é a constituição do Outro; contudo, pode apresentar o risco de dar uma ideia de fases, de desenvolvimento, que não é o caso, como também não é o caso da

⁶² Esta construção está originalmente inclusa, com pequenas variações, no livro BACKES, C. *O Que é Ser Brasileiro?* São Paulo, Escuta, 2000.

constituição do circuito pulsional.

Apresentamos acima, em três tempos e de forma resumida, a constituição do sujeito infantil na relação ao Outro. Podemos dizer que na adolescência ocorre a reinscrição deste processo, tendo em vista as mudanças corporais que a puberdade impõe, as mudanças nas relações e a mudança do lugar social do adolescente. Tal reinscrição opera com os mesmos elementos descritos acima, quais sejam:

- ocupação com a falta no Outro: a alienação ao desejo (falta) no Outro é elemento constitutivo do infantil e retorna na adolescência em forma de pergunta sobre o desejo. A operação adolescente fará o reendereçamento da interrogação, deslocando-a das figuras originárias e voltando-a para o sujeito. Já trabalhamos alguns elementos desta questão, a propósito do caso clínico que nomeamos de Adriana;

- a necessidade da alteridade: para o sujeito infantil, a mãe situa-se na posição de Outro; na adolescência, através do exercício da função paterna, opera-se a necessária relativização desta alienação ao desejo materno. Estes elementos foram situados, a propósito do caso Lucas;

- a ambiguidade na relação ao Outro que se reativa pela reedição da fase do espelho: a relação especular é fonte de amor e agressividade ao mesmo tempo, e a operação de separação do par imaginário na adolescência opera também a reativação destes afetos em forma de rebeldia e dependência, simultaneamente. Para extrair consequências, apresentamos o seguinte fragmento clínico, que coloca em relevo aspectos relativos à pulsão escópica e invocante:

Da mãe da adolescente de nome Vitória, ouço frequentemente a expressão “estou sem objeto”, numa referência a estar sozinha e sem interesse por nada. Também, a constatação em forma de queixa de que sua filha está particularmente entregue ao consumo, só fala nisso, compra compulsivamente roupas, brincos, objetos e adornos os mais variados. Ao mesmo tempo, a adolescente tenta, não sem atrapalhões, iniciar-se na vida sexual com o namorado, iniciação esta que a mãe acompanha de perto. Para conter os gastos da filha, a mãe esclarece reiteradamente que o dinheiro é fruto de seu trabalho e que tem se esforçado muito para consegui-lo e Vitória não dá valor para a quantidade que despense nas compras. Os adornos são adquiridos não necessariamente para uma circulação social, mas frequentemente são portados para “encher” os olhos da mãe, quando a adolescente veste, circula pela casa, mostra e depois guarda, para voltar a utilizar ou não. A mãe elogia a filha

com frequência: “tudo nela fica bem” e mostra certa dificuldade em não ceder aos apelos consumistas da filha, pois enxerga nela um viés depressivo.

Parece instalar-se na relação entre elas a alternância do objeto fálico imaginário: enquanto a mãe trata de lembrar sempre da posição profissional e intelectual reconhecidamente fálica que ocupa, a adolescente responde, ao seu modo, fazendo-se passar, com o auxílio dos objetos, pela jovem mascarada do falo, convocando assim o olhar materno sobre si, também como complemento materno. Em ambas pareceria trabalhar a preocupação com o buraco impossível de suportar. O falo imaginário é o objeto brilhante por excelência, aquele, como nenhum outro, capaz de “escamotear” a falta no Outro primordial – uma das figuras da recusa da falta do falo, conforme veremos melhor no capítulo 4. A reativação insistente do falo em sua versão imaginária é que necessita passar para a ordem do simbólico.

Às representações freudianas do objeto da pulsão – seio, fezes, falo – Lacan (1979) acrescentou o olhar (pulsão escópica) e a voz (pulsão invocante), que são de extrema importância na adolescência. Na infância, quando da experiência do espelho, a mãe, olhando a criança, antecipa discursivamente a imagem corporal, até então não constituída como totalidade, tendo em vista a prematuridade motora do bebê. A vacilação da identidade corporal que a puberdade operou faz com que o adolescente reconstitua o estágio do espelho, conforme vimos na Introdução deste trabalho.

A difícil operação que a adolescência exige é a apropriação imaginária destes objetos – olhar e voz – que funcionarão como instrumentos “para confirmar essa identidade através dessa experiência que ressitua o semelhante do outro sexo.” (RASSIAL, 1997, p. 148). No lugar da mãe, aos pares agora pode se endereçar a invocação do olhar e de seu dizer, para o reconhecimento identitário e uma nova sustentação da imagem corporal. Vitória parece ter dificuldade de operar o redirecionamento da invocação de um olhar sobre si, insistindo em demandá-lo da mãe, ao “encher seus olhos”. Esta expressão, que ambas utilizam frequentemente chama a atenção, pois remete àquele objeto que caberia exatamente na borda materna.

Na menina, dar o corpo a ver toma o eixo central, associado ao crescimento dos seios, à mudança na silhueta e à visibilidade da menarca. Enquanto, para o menino, a mudança no timbre da voz e a profusão do discurso elevam-se sobre o demais. As adolescentes querem ser vistas e os adolescentes querem ser escutados; ao mesmo tempo, elas ensurdecem e eles não enxergam.

Para retomar o campo da pulsão, abordaremos agora outros elementos que dizem respeito à circulação pulsional e às condições de possibilidade de se operar a passagem de uma fase à outra. Para que o filhote humano possa largar o seio, é necessário que a mãe queira também. Desta forma, a “migração da libido” sobre as zonas erógenas, a passagem de uma pulsão (oral, anal, fálica) a outra não está dada pelo amadurecimento, desenvolvimento ou ultrapassamento de fases, mas sim por uma reviravolta dupla na demanda, um “reviramento da demanda do Outro.” (LACAN, 1979, p.171). Portanto, é necessário que se opere um reviramento na demanda do Outro originário, para que se opere o conseqüente reviramento na demanda do sujeito. Ou seja, o objeto vai se constituir, se ressignificar e mudar ou não, na relação à demanda do Outro.

A ideia de ultrapassamento de fases⁶³, de uma linearidade na constituição do campo pulsional que estaria “inscrita no organismo”, força o pensamento de que, superada uma fase, ela não deverá mais se apresentar. Lacan (2005), no *Seminário 10*, rompe com esta linearidade propondo em contrapartida uma circularidade. Ali ele afirma que o ingresso no complexo de Édipo, a circulação pela castração, faz ressignificar a oralidade e a analidade, as ditas pulsões pré-edípicas. De fato, é somente quando a mãe é interdita, na fase fálica, que o seio entra num tempo verbal até então inexistente: o que é do campo pré-edípico (oral, anal), vai ser ressignificado pelo falo, em sua ausência.

A partir do que afirmamos, desde Lacan (1992), sobre o fato de que a passagem de um objeto pulsional a outro não se dá por maturação, mas por um reviramento na demanda do Outro, podemos interrogar: o que é necessário que se opere do lado do Outro e do lado do sujeito para que este reviramento aconteça?

Quando falamos em “demanda”, imediatamente poderemos supor que se trata de um pedido, algo que fica explicitado na relação ao outro. Porém, Lacan (1992) – logo no início do capítulo XIV do *Seminário 8*, que versa sobre “Demanda e desejo nas fases oral e anal” – trata de esclarecer que, no entanto, “a demanda não é explícita. Ela é, mesmo, muito mais que implícita, ela é oculta para o sujeito, ela é como algo que deve ser interpretado. E é aí que reside a ambigüidade.” (LACAN, 1992, p.198). E acrescenta ainda que as necessidades do sujeito passam “pelos desfiladeiros da demanda”. A novidade que ele propõe, então, para argumentar com as teorias “naturalizantes”, é a de que “tudo aquilo que é, no sujeito que fala, tendência natural, tem que se situar num mais-além e num aquém da demanda.” (LACAN, 1992, p. 199).

⁶³ Crítica que Lacan (1979) faz ao modo como Melanie Klein e Anna Freud tomam o pulsional de Freud, contida no *Seminário 11*, p. 170.

A demanda de ser alimentado que se dirige a um Outro que a espera, Lacan (1992) define como sendo a demanda oral. À demanda de ser alimentado responde, no lugar do Outro, a demanda de se deixar alimentar, isto é, demanda de que a criança demande. Neste sentido são duas demandas complementares. “O que existe que responda melhor, aparentemente, à demanda de ser alimentado do que a de deixar-se alimentar”, pergunta Lacan, (LACAN, 1992, p. 201).

Esta relação mãe-criança “parece ser feita para se fechar de maneira estritamente complementar”. Porém, sabemos “que é no próprio modo de confronto entre as duas demandas que jaz este ínfimo *gap*, esta hiância, este rasgão, em que se insinua de uma maneira normal a discordância, o fracasso pré-formado do encontro. Este fracasso consiste, justamente, em não ser encontro de tendências, mas encontro de demandas.” (LACAN, 1992, p. 201-202).

Poderíamos acrescentar que é sempre muito bem vindo, por paradoxal que isto possa parecer, que não ocorra esta perfeita complementaridade. Os conflitos que surgem no processo de alimentação, por exemplo, na amamentação, manifestam que esta demanda é “transbordada por um desejo”. Fazendo recusa à complementaridade é que o sujeito não permite que se dê a “extinção ou o esmagamento da demanda na satisfação”, mantendo justamente a brecha do desejo. (LACAN, 1992, p. 202).

A ambivalência primeira, própria a toda a demanda, é que, em toda demanda, é igualmente implicado que o sujeito não quer que ela seja satisfeita. O sujeito visa em si a salvaguarda do desejo, e testemunha a presença do desejo inominado e cego. (LACAN, 1992, p. 202).

Lacan (1992) inclui, acerca da demanda oral, que ela contém em si duas características, que indicam a especificidade da dimensão do desejo: está ligada à boa vontade do outro; e está ligada à possibilidade da negação (“Isso não! Aquilo”, “Tenho fome de chocolate”). Se se trata de um cruzamento de demandas (diálogo fictício em que há pedido e resposta), demanda de ser alimentado *versus* demanda de se deixar alimentar, é possível que se produza toda a espécie de equívocos, como também a possibilidade de sujeição. As psicopatologias alimentares nos dão notícias disso.

Já a demanda anal acrescenta outras especificidades: primeiramente se coloca o pedido de que o sujeito retenha o objeto, associado ao pedido de que o expulse no momento indicado. Inclui-se nesta fase a função do educador e também funda-se o desejo de expulsar, com a ressalva de que a expulsão é exigida numa certa hora caracterizando-se pela completa

reversão da iniciativa em benefício do Outro: o desejo é o desejo do Outro. No caso da disciplina, a demanda é exterior, está no nível do Outro e é

[...] o ponto onde nasce o objeto de dom enquanto tal. Nessa metáfora, o que o sujeito pode dar está exatamente ligado àquilo que ele pode reter, a saber, seu próprio dejetivo, seu excremento. É impossível não se ver aí algo de exemplar, indispensável de se designar como o ponto radical onde se decide a projeção do desejo do sujeito no Outro. (LACAN, 1992, p.216).

O desejo está no Outro, o sujeito quer o que o Outro quer. Assim, é demandado que o sujeito dê alguma coisa que satisfaça o educador materno. A complexidade desta demanda merece atenção, pois é essencial, trata-se da disciplina da necessidade, elemento importante na teorização das pulsões e que Freud (1981x) coloca em relevo no texto *O mal-estar na cultura*, de 1929. Porém, logo que o Outro obtém o presente, joga-o na privada. Neste ponto situa-se o viés melancólico da neurose obsessiva, na medida em que o sujeito se “designa no objeto evacuado.” (LACAN, 1992, p. 217). Isto poderia dar uma indicação da tristeza que a mãe de Vitória enxerga no olhar da filha.

A fase anal inclui então dois tempos da demanda e duplicidade na constituição do objeto: o cíbalo, demandado como dom, presente precioso e logo transformado em dejetivo. Isto faz lembrar o modo como Vitória lida com os objetos que lhe são muito importantes, ela não pode não adquiri-los, para logo em seguida ficarem esquecidos no fundo do armário.

A necessidade é o dom à mãe, cujo produto obterá a aprovação desta (“Tudo nela fica bem!”), mas imediatamente lançado à condição de dejetivo e se vai, esgoto abaixo. O sujeito satisfaz uma necessidade para satisfação do Outro materno, ele está apenso à necessidade do Outro e, ao mesmo tempo, identificado ao abjeto excrementício.

Aquele pedaço que o sujeito tem um certo receio de perder, afinal, vê-se reconhecido por um instante a partir de então. É elevado a um valor muito especial, é pelo menos valorizado por satisfazer a demanda do Outro. (LACAN, 2005, p. 327).

Fantasia e oralidade: na fase fálica, o olhar da mãe dirige-se para além do seu rebento, a criança não é mais tudo aquilo que ela quer. Instala-se assim a operação que traduz a mãe como faltante, desejante, e o bebê desloca-se do lugar de ser tudo para a mãe. A equação pênis = falo faz retornar a fantasística do corpo despedaçado e a identificação aos objetos do desejo do Outro (parte do corpo = pênis = falo). A tríade: imagem-fascínio-alienação (morte), fantasia encarnada da devoração, de gozo do Outro às expensas do sujeito, com o órgão do sujeito (o Outro quer aquela parte do corpo) – auxiliado pelo diferente

tratamento que a mãe confere às diferentes partes do corpo do bebê – objeto parcial que provoca a identificação recíproca entre o sujeito e o objeto do desejo oral, experiência do despedaçamento constitutivo, tal é a especificidade do desejo humano na fase oral, ressignificado pela circulação fálica. Se, na fase fálica, a mãe se apresenta como faltante, desejante de algo, ela gosta mais desse objeto do que daquele. No campo do desejo do Outro, o sujeito encontra-se com “ocupantes identificáveis” ao preço e à medida dos quais o sujeito vai se “avaliar e se pesar.” (LACAN, 1992, p.215).

Aí está, pois, definida a fase oral. É somente no interior da demanda que o Outro se constitui como reflexo da fome do sujeito. O Outro, portanto, não é de modo algum apenas fome do sujeito, mas fome articulada, fome que demanda. E o sujeito está, dessa maneira, aberto para se tornar objeto, mas, se posso dizer, de uma fome que ele escolhe. (LACAN, 1992, p. 215).

Fantasia e anialidade: a oblatividade – oferta piedosa – “tudo para o outro”, faz parte da fantasística obsessiva⁶⁴, fantasia de que o outro espera o sofrimento. “Estando na perpétua vertigem da destruição do outro, ele nunca faz o bastante para que o outro se mantenha na existência.” (LACAN, 1992, p. 204). Qual o lugar do sujeito, lugar do desejo, nesta montagem? “O desejo, literalmente, vai à merda”, diz o autor (LACAN, 1992, p. 204), sendo a simbolização do sujeito como aquilo que vai junto na água da privada. Aqui Lacan fala em “desejo suprimido”, eliminado, suspenso à satisfação do outro⁶⁵.

Ressignificação do objeto anal: com o valor que a mãe atribui ao produto excrementício, ele facilmente assume a função, segundo Lacan (2005), de *ágalma*. “O *ágalma* só é concebível em sua relação com o falo, com a ausência dele, com a angústia fálica como tal. Em outras palavras, foi como simbolizador da castração que o *a* excrementício chegou ao âmbito de nossa atenção.” (LACAN, 2005, p. 328). Vemos, assim, a forma como o falo ressignifica o cíbalo.

Dito de outro modo, para o sujeito, a relação ao desejo não é natural, pois está mediado pelo *Che vuoi?*, expressão adotada por Lacan (1992) para fazer menção à tentativa operada pelo sujeito de identificar no Outro aquilo que ele quer de mim. Na fase fálica – nomeada desta forma, pois opera a mediação do falo, que, por definição, falta

⁶⁴ Veremos a seguir que a passagem pela fase fálica funda o objeto como faltante – o falo está alhures – ressignificando a fantasia obsessiva da oblatividade.

⁶⁵ Neste sentido, a análise do obsessivo aponta na direção de restituir o lugar do desejo, ou seja, descolar do objeto excrementício que satisfaria sacrificialmente a demanda do outro e restituir o lugar do desejo, eis todo o trabalho de análise do obsessivo.

sistematicamente à mãe – o pequeno bebê já não é mais tudo para o Outro materno que agora quer algo alhures, para além e para aquém do sujeito. A equação pênis = falo = filho, coloca o órgão masculino como objeto privilegiado e a ambivalência que se apresentava na fase anal com relação ao objeto excrementício (“Que lindo!”, mas esgoto abaixo com ele), retorna agora sobre o pênis = falo: “Tu prometes, porém agora és ainda muito pequeno!”, lançando, desta forma, para o futuro uma promessa. Uma divisão se instaura: por um lado o objeto se torna marca de um interesse privilegiado; por outro lado, uma depreciação do sujeito no momento em que ele é lançado numa promessa, pois se ele virá a ser, ele ainda não é. Então, o sujeito “é apreciado como objeto, e depreciado como desejo.” (LACAN, 1992, p. 218).

Ressignificação do objeto oral: “Com efeito, não é da fome primitiva que o valor erótico desse objeto privilegiado ganha aqui sua substância. O *érôs* que o habita vem *nachträglich*, por retroação, e não apenas só depois.” (LACAN, 1992, p. 211). Conforme já afirmamos acima, o que Lacan (1992) está nos dizendo com isto é que o valor erótico do seio vem *a posteriori*, na circulação fálica, quando a mãe é interditada. Isto que o autor antecipa aqui no *Seminário 8*, ele reforça depois, no *Seminário 10*, quando afirma que a fase fálica ressignifica as outras, atribuindo então ao movimento pulsional uma circularidade e não uma linearidade como alguns pós-freudianos quiseram sugerir.

Qual é a dimensão nova que institui a entrada no drama fálico para o sujeito?, pergunta Lacan (1992). “Ele não tem mais nada a não ser uma promissória para o futuro. Ele institui o ato no campo do projeto.” (LACAN, 1992, p. 218). A promissória lança o futuro adolescente num projeto a ser cumprido: “eu desejarei” no futuro. Ao mesmo tempo instaura o sujeito na dimensão da dívida: “honrarás a aposta que teu pai e tua mãe fizeram a teu respeito”. Lucas fantasia para seu futuro um projeto superdimensionado, assim como inflada é a expectativa que recai sobre ele. Na inibição do ato, tenta pagar com devaneios a dívida que não comporta conversão para nenhuma moeda.

Ressignificação do olhar e da voz: a escópica e a invocante situam-se do lado das pulsões pré-edípicas, mais especificamente associadas por Lacan (1984) ao estádio do espelho. Tal experiência revela que é a mãe quem atribui – através de seu olhar e de seu discurso – identidade corporal ao pequeno *infans*. Na circulação pelo complexo de Édipo, o reconhecimento é buscado no genitor do sexo oposto e, na adolescência, retornará do lado do jovem buscando ser escutado e do lado da jovem buscando ser vista.

Demos destaque, no decorrer deste capítulo aos elementos relativos à pulsão escópica e invocante, através dos casos clínicos de Lucas, Adriana e Vitória. Lucas quer ser escutado, sua voz agora é de homem. Queixava-se de não obter reconhecimento de seus projetos –

embora superdimensionados –, no interior da família nem tampouco das ideias e pequenas argumentações cotidianas; nem sequer paravam para ouvi-lo. Esta “surdez familiar” fazia com que adotasse atitudes tais como colar bilhetes em diferentes objetos, por toda a casa, inclusive dentro da geladeira, com o seu nome, indicando que estes lhe pertenciam. Ou, então, num ato extremado, cantar o hino do Rio Grande, de madrugada, numa lanchonete *fast food*, a plenos pulmões. Passado o ímpeto, o que lhe causa estranheza, no entanto, não é sua atitude, mas o fato de todos terem parado para escutá-lo.

Este “se fazer”⁶⁶ ver e escutar aparecia também deslocado no extrato do cartão de crédito, na conta do telefone fixo, na conta do celular e outras tantas. Lucas queixava-se das reclamações que o pai, a mãe e o irmão faziam das suas compras e gastos: “Aí sim eu apareço” ou “Aí sim eles vêm perguntar o que eu acho”, parecendo denotar que somente assim era visto, nos objetos que adquiria ou no dinheiro que gastava.

Já nos casos de Adriana e de Vitória, vimos o funcionamento da pulsão escópica na composição da imagem da menina. Adriana, diante do expressivo trabalho que a puberdade impõe, de operar a reapropriação do corpo que se transforma agora de infantil para adulto, faz imediata identificação à imagem glamourizada do estilista favorito por dez entre dez adolescentes. Com isto ela quer também garantir a possibilidade de “se fazer” ver, convocar o olhar para o seu corpo de mulher, não mais de menina.

O pedido de reconhecimento agora é endereçado ao outro (não familiar), ao contrário da infância, quando eram os olhares materno e paterno que cumpriam esta função. Relembramos aqui também o valor atribuído à mãe quando a adolescente faz passar seus vestidos pelos do estilista, revelando muito mais uma exaltação à mãe do que sua destituição, denotando assim uma preocupação com a manutenção do lugar fálico da mãe. Neste caso, o objeto fetiche pareceria auxiliar a adolescente a fazer o trânsito pela operação de castração – sua e do Outro materno.

Vitória, ao contrário, pareceria ainda estar circunscrita ao reconhecimento materno adquirindo e fazendo uso dos objetos que cumprem o papel de rolha⁶⁷ imaginária do falo faltante que “enchem os olhos” da mãe. Insiste ainda a invocação do olhar desta, dificultando o deslocamento para os outros.

No capítulo 4, para concluir esta tese, daremos andamento à análise da relação do adolescente com o falo materno, na medida em que principalmente os três últimos casos

⁶⁶ Utilizo esta expressão numa referência direta ao “se fazer” da pulsão.

⁶⁷ Expressão cunhada por Lacan (1985) no *Seminário 20*.

clínicos trabalhados dizem respeito ao consumir-se adolescente com esta questão. Conforme já indicamos, os objetos de consumo pareceriam colocar-se de forma privilegiada no lugar de auxiliares no encobrimento da falta do falo. A partir destes três casos, acompanharemos a forma como opera o mecanismo da recusa da ausência do falo materno na constituição de uma modalidade do objeto-fetice. No entanto, não tomaremos a recusa da realidade, como na psicose e na perversão, mas sim do modo como um tipo de funcionamento fetichista se imiscui na neurose.

4 A RECUSA ADOLESCENTE

A segunda metade do século passado presenciou um movimento incessante de inúmeros fatos acontecendo ao mesmo tempo acompanhados de uma sensação de excesso. E o final daquele milênio assiste desalentado aos jovens vivendo um “presente contínuo”, empenhados no consumo imediato em busca de soluções fáceis e rápidas para sua vida amorosa e profissional, o que acabou por determinar um modo de agir e pensar típicos da adolescência em que a economia de angústia, pensamento e trabalho psíquico são a tônica.

É também neste último século que vemos surgir a adolescência marcadamente separada da infância e da idade adulta. Os efeitos corporais e psíquicos que a puberdade impõe são, enfim, acolhidos dentro de um tempo e de um conceito antes não reconhecido. Podemos assim afirmar que a adolescência é um produto do século XX que surge conjuntamente com a indústria do consumo.

O abandono da posição infantil obriga o adolescente a operar o luto por todos os objetos, incluindo aí também as redes sociais que o sustentavam na infância. O dilema de ter abandonado o lugar infantil sem, no entanto, ainda ser considerado um adulto provoca no adolescente aquilo que costumamos nomear de “crise da adolescência”. Tal fenômeno exige dele lançar mão de uma série de recursos que, conforme vimos no decorrer desta tese, colocam-no numa posição particular com relação ao objeto. Vimos que o adolescente passa a adotar novas redes delineadas também pelo consumo. Se o desejo de inclusão é um fenômeno psíquico constitutivo de qualquer indivíduo, quanto mais para o adolescente que acaba de “perder” seu pertencimento ao grupo dos infantis.

Vamos ver, ainda neste capítulo e a título de conclusão, que os recursos alcançados, bem como as montagens que o adolescente produz para haver-se com esta questão, incluirão tanto ele como o Outro, mais especificamente o Outro originário.

Embora a indústria do *marketing* e seus produtores forcem o pensamento de que as avançadas estratégias de propaganda associadas às bem conduzidas pesquisas de mercado causam o consumo supérfluo, desnecessário e excessivo, tentamos comprovar que este processo não se dá de forma tão linear e que outros fatores poderiam aí intervir, mormente, como vamos ver aqui, o trânsito do adolescente em torno da falta do falo.

Neste sentido, a “boa educação” para o consumo é ultrapassada por questões de ordem inconsciente e implica a relação ao significante, principalmente ao falo, significante da falta. As dúvidas que os pais demonstram acerca de suas falhas na educação dos filhos são, portanto, perpassadas por questões outras que não dizem respeito diretamente e puramente ao

aspecto pedagógico. Vimos que aquilo que se transmite não necessariamente coincide com aquilo que se ensina.

O senso comum acusa a indústria da propaganda como a grande responsável pelo incentivo ao consumo desenfreado. Na tentativa de ultrapassar esta dicotomia, analisamos a ligação do sujeito ao objeto passando pela sua constituição na relação com o Outro originário. Os consultórios dos psicanalistas são fartos em exemplos do mal-estar que assola os sujeitos diante do dilema “dever *versus* desejo”. Frequentemente é necessário abrir mão da satisfação plena das moções pulsionais em nome do “bem estar social”, isto é, faz-se necessário desprender-se de alguns objetos de estimação.

No decorrer desta tese, lançamos alguma luz sobre a relação do sujeito adolescente com seus objetos e interrogamos a ideia de uma causa única atribuída ao consumo exagerado. Ao abordar o conceito de objeto *a*, destituímos a esperança de que haveria no horizonte “O objeto” da satisfação total, passível de efetivar a completude.

Vimos que a vinculação com a mãe como matriz das relações subsequentes é o componente primordial na constituição do objeto. Estas primeiras impressões não se perdem e permanecem armazenadas na memória inconsciente como traços de experiência, vindo a fornecer inúmeros subsídios que comporão as formações mais ou menos sintomáticas do sujeito no futuro. Estas asserções permitiram dar visibilidade à forma como os elementos da experiência precoce virão a integrar a constituição dos objetos para o adolescente. A atração sem freios aos objetos de consumo pareceria fazer parte de um mecanismo em que o componente fetichista cumpriria papel importante na recusa da castração.

Desta forma, o objeto pulsional se constitui na relação ao Outro originário e vai sendo substituído ou não na dependência da demanda materna primeiramente e depois na relação ao Outro social. Se o objeto resiste à substituição, esta resistência se opera primeiro no campo do Outro e conseqüentemente no campo do sujeito. Neste sentido, sugerimos que a insistência num objeto representativo (o do consumo) seria mais da ordem da inibição do que do sintoma, propriamente falando, de uma inibição do pulsional. A pulsão fixada a um único destino gera falta de liberdade pulsional e aderência aos objetos do consumo.

O objeto psíquico mostra-se bastante variável em sua função imaginária de materialização. Na tentativa de dar satisfação à pulsão, qualquer objeto da realidade pode servir de suporte para a consecução de tal objetivo. A partir desta premissa, analisamos a vinculação do adolescente com os objetos enquanto índices de sua relação com o falo imaginário, um dos objetos pulsionais, aquele que ressignifica os outros.

Vimos anteriormente que o mecanismo da sublimação é fundamental para que o sujeito adolescente possa dar destino às moções pulsionais reativadas pela explosão da puberdade. No entanto, o adolescente está pouco envolvido ou mesmo distanciado do campo das produções artísticas, culturais e intelectuais. A cultura do consumo não incentiva a sublimação, ao contrário, estimula a satisfação imediata e rápida através da oferta e invenção de objetos. Tal funcionamento incrementa o processo inibitório pelo qual passa o adolescente na medida em que fragiliza as possibilidades sublimatórias, condenando-o à circulação sem fim em torno dos objetos fetiche.

Os rituais de passagem tradicionalmente auxiliam o sujeito a: operar a transição de um lugar social a outro; abandonar a posição infantil e assumir um lugar junto aos adultos; e efetuar o luto pelos objetos e por tudo aquilo que ficou para trás. Dentre os objetos a serem abandonados está também o corpo infantil transformado pelo efeito das modificações da puberdade. Este luto inclui o subsequente trabalho de apropriação de um novo corpo e a assunção de uma nova imagem.

Vimos que, na modernidade, por terem perdido seu caráter, os ritos, não cumprem mais ou cumprem de forma insuficiente, a função de auxiliar esta transição. Se não há mais expressamente um ritual que seja apontado socialmente como aquele que faria esta função de auxiliar a sustentar a passagem de um lugar a outro, o adolescente necessita lançar mão de outros artifícios.

O processo de luto implica elaborar a perda do objeto. A constituição do mecanismo fetichista indica a dificuldade de operar com a falta e tomou lugar de destaque em nossa análise da relação do adolescente com os objetos de consumo. O processo de luto por todos aqueles objetos da infância, que a passagem adolescente opera e que inclui também o luto pelo corpo infantil incentiva a adesão aos objetos compartilhados com os pares, tendo em vista o processo de desestabilização da imago corporal na puberdade. A saída fetichista pode operar a ilusão da reapropriação deste corpo, que precisa ser reescrito a partir das insígnias fálicas.

Os objetos fetiche colocam-se assim como aqueles que poderiam disfarçar a falta, e também auxiliar a suportar a desestabilização da imagem identitária na presença do outro. Se o fetiche, conforme vimos, é o objeto capaz de imaginariamente ocupar o lugar privilegiado de substituto e de presentificação do falo materno, também pode fazer função de suporte da passagem e do luto do corpo infantil para o corpo adulto.

A partir daqui e, para concluir, extrairemos maiores consequências a respeito dos mecanismos que o adolescente encontra para operar com a falta do falo materno.

Acrescentaremos às ponderações até aqui consideradas que a aderência ao objeto-fetichismo pode se oferecer como possibilidade de trânsito em torno da fragilidade da operação de castração e da recusa da falta do falo materno.

Conforme já salientei na introdução desta tese, esclareço que optei deliberadamente pela ambiguidade da expressão “consume”, no caso do adolescente, na medida em que já abordei sua posição de consumidor e também sua posição de consumido. Contudo, queremos ainda extrair consequências a partir de uma outra posição: a forma como ele se consome e consome objetos (os ditos objetos do desejo) na tentativa de encobrimento da castração materna.

O desejo, por desconhecer seu objeto, é facilmente mobilizado pelo artifício que vela, no corpo, o que de fato não está lá. Nem lá, nem em lugar nenhum. Esta é a definição lacaniana do falo. O falo, significante da falta, seria a presença de uma ausência – daí decorre sua íntima relação com todas as dimensões da imagem. O que mobiliza o desejo em sua expressão mais candente, a sexual, é exatamente uma imagem capaz de sugerir a presença do objeto *a*, designação do objeto (perdido) do desejo, cujo representante é o falo imaginário. (KEHL, 2009, p. 10).

Porém, adiantamos que o falo imaginário é justamente aquele que desmobiliza o desejo, segue afirmando a autora. Por outro lado, o que excita o desejo é da ordem do mistério, do não situável e suas justificações inconscientes – falta, castração, incesto, cena primária – e estão para além ou aquém do falo em suas versões imaginárias.

4.1 O ENCONTRO COM O FEMININO

Para acrescentar ainda outro elemento à discussão sobre o que consome o adolescente, é necessário antes situar como se opera, na infância precoce, o reconhecimento de que metade dos humanos é portadora de pênis, e a outra metade não. Freud refere-se a este tema em três principais artigos: *A novela familiar do neurótico* (1908), *O caso Hans* (1909) e *A organização genital infantil* (1923).

Já referimos anteriormente que, na infância, os pais são a única autoridade considerada e diante da qual a criança não tem ainda condições de lançar crítica alguma. Na medida de seu crescimento, certas desconformidades convocam-na a empreender interrogações ao casal parental, principalmente ao rival sexual. Juntam-se a este particular momento psíquico, fantasias de rejeição, menosprezo e, inclusive, a ideia de não ser filho legítimo. Entretanto, neste momento a criança ainda ignora as condições sexuais da procriação, sendo esta então uma fase assexual do universo da fantasia. A todo este movimento anímico, consciente e

inconsciente, Freud (1981f) denominou de *Novela familiar do neurótico*, que se estende até a puberdade e vida adulta.

Chegada a puberdade, quando a criança começa a ter alguma compreensão da vinculação sexual entre os pais, entende que “*pater semper incertus est*” (FREUD, 1981f, p. 1362), enquanto que a mãe é, de qualquer modo, certa. Naquela barriga aumentada algo deve ter entrado de alguma forma e depois saído, o que faz com que seja objeto da mais intensa curiosidade sexual. No momento em que o pequeno sujeito adquire algum conhecimento dos processos sexuais, estes dão conteúdo, a partir deste momento, a fantasias eróticas que colocam a mãe em situações amorosas fictícias, pois, se o pai é incerto, a mãe pode ter sido infiel.

O combustível para tais fantasias advém daquilo que Freud (1981f) nomeou de “Lei do Talião”: a mesma criança que fora, na infância, repreendida pelos pais por conta de suas brincadeiras e jogos sexuais, agora vingava-se deles, construindo tais fantasias. Neste desdobramento do casal parental inclui-se a mãe, pela primeira vez, como portadora de vagina e como alguém que tem atividade sexual. Trata-se de um cenário fantasístico imaginário que envolve a curiosidade e o reconhecimento do corpo feminino. O autor enfatiza a fantasia infantil relacionada ao primeiro registro da representação psíquica da vagina e, ao mesmo tempo, da erotização da figura materna. Vemos assim o modo como se processa a duplicação do casal parental e a conseqüente polarização sexual que de masculino ou castrado passa para masculino ou feminino.

Freud (1981g) ilustra este processo no caso clínico denominado, “Pequeno Hans”, quando dá destaque à intensa curiosidade e interesse do menino dedicado aos genitais⁶⁸, principalmente ao pênis. Torna-se, a partir daí, um tenaz investigador para tentar dar andamento à interrogação sobre quem é portador do membro viril e quem não é, pois, até então, a criança não admite senão um único órgão genital, o masculino, para ambos os sexos. Portanto, a primazia genital é, mais precisamente, a primazia do falo.

No decorrer das investigações, a criança descobre que o pênis não é atributo de todos os seres. A primeira reação é de negação, pois ela resiste em perceber a diferença entre os sexos e atribui, assim, a todos os seres animados, homens e mulheres, um pênis. Também acredita que, se é faltante no momento, deverá crescer ou, então, foi retirado pelos adultos por conta de alguma punição grave. Decorre disso um intenso desprezo, rebaixamento e até horror à mulher, por sua carência de pênis. Esta dedução não é rapidamente generalizada pois,

⁶⁸ Daí originando-se o nome: fase genital da libido.

segundo as fantasias infantis, somente algumas mulheres, indignas, culpáveis, de maus hábitos, foram destituídas dos genitais. As mulheres respeitáveis, como a mãe, conservariam seu membro. Neste momento, a feminilidade não coincide ainda com a falta de pênis. Somente mais tarde, quando a criança adquire conhecimento sobre a concepção e o nascimento dos bebês e descobre que apenas as mulheres podem dar à luz é que deixa de atribuir um membro à mãe, e constrói a teoria do pênis em troca de um filho. Aí se constitui a já conhecida equação freudiana: pênis = filho = falo.

Disto, que Freud trabalha nos três artigos citados, destacam-se os seguintes elementos:

- a intensa curiosidade dedicada aos genitais, que transforma o pequeno sujeito em um grande investigador em torno da questão de quem tem e quem não tem pênis;
- o acesso a informações sobre a origem dos bebês, que inclui a duplicação do casal parental e a existência de atividades sexuais entre eles;
- a curiosidade sobre o sexo e a sexualidade da mãe;
- o encontro com o feminino destituído do atributo fálico;
- o rebaixamento que supõe dano narcísico à mulher, por não ser portadora do objeto genital que oferece a imago para a primazia do falo.

As elaborações fantasísticas e montagens imaginárias na infância em torno destas constatações perduram até a puberdade e podem estender-se para a adolescência. Estes são os elementos que vamos analisar nos casos clínicos a seguir.

As animadas investigações e construções teóricas na infância atestam a dificuldade de aceitação da ausência do pênis na mãe. Tal dificuldade fornece subsídios e argumentos para o que pretendemos propor a seguir: a insistência da recusa da falta do falo na mulher e conseqüentemente na mãe produz formações clínicas específicas na adolescência, envolvendo sua relação com os objetos de consumo. A destituição fálica da mulher coloca em cena um jogo de rebaixamento mútuo no casal parental, bem como outras tantas montagens, elementos estes que encontramos nos cinco casos dos adolescentes aqui citados, conforme veremos a seguir.

4.2 TRÂNSITO EM TORNO DO FALO MATERNO

A seguir, retomo os recortes clínicos apresentados neste trabalho para incluir um novo elemento de discussão. Sugiro pensar que em todos eles se apresenta a questão da circulação

em torno do falo materno, circulação esta que redundava, por vezes, num tangenciamento ao mecanismo da recusa. Esta é uma possibilidade de leitura das questões interpretativas da adolescência na relação com o objeto que se apresentam nos casos clínicos, contudo, já de início, fazendo a ressalva de que não se trata de recusas psicóticas ou fetichistas, mas de uma possível montagem fetichista dentro da neurose. Este esclarecimento é importante, pois a definição original que Freud (1981v) apresenta sobre o fenômeno da recusa – enquanto recusa de uma realidade traumatizante e essencialmente referindo-se à ausência de pênis na mulher – ele o faz principalmente para explicar o fetichismo e a psicose.

Para iniciar, podemos dizer que a recusa, na sua concepção clássica, se distingue do recalçamento. Freud (1981v) sugere, no texto sobre *Fetichismo* que o recalçamento age sobre o afeto, enquanto que a recusa age sobre a representação da pulsão. Penot⁶⁹ (1992) concorda com Freud, ao acrescentar que “o recalçamento não suprime mais o afeto (somente deslocado) do que a recusa a representação (reduzida à não significância), mas tanto um quanto a outra sofrem um tratamento particular, que visa abolir seus efeitos na economia psíquica.” (PENOT, 1992, p. 25). De toda forma, a recusa objetiva fazer a economia, de algum modo, do preço a pagar pela castração (luto edípiano) e pelo conseqüente acesso à instância simbólica. Assim, ao mesmo tempo em que testemunha certo fracasso do recalçamento, a problemática da recusa constitui uma invalidação da própria negação; com efeito, ela está mais do lado de um não decidido. Acrescentemos a isto que a recusa se apresenta como recusa da realidade psíquica e não propriamente da “realidade exterior”. Assim como Freud (1981v) refere-se à psicose e ao fetichismo, através do mecanismo da recusa, Lacan (1985) utiliza a expressão ‘forclusão’ para referir-se ao dispositivo presente na psicose e ‘desmentido’ para aquele presente no fetichismo.

Nos extratos clínicos que aqui analisaremos, não se trata do desconhecimento da ausência do falo na mulher, mas da percepção desta ausência e da conseqüente dificuldade em lidar com ela. O caráter do objeto que tencionaria obturar esta falta, porém, é que se diferencia, não tomando um viés totalmente fetichista. Trata-se mais da ilusão da completude, de um engodo ao mesmo tempo insistente e transitório, na medida em que o objeto insiste, mas também substitui-se sistematicamente. Não há, propriamente, a eleição de um único objeto fetiche, mas de vários que vão se alternando indiferenciadamente. Aí talvez situe-se a principal diferença entre o fetichismo e a formação clínica que aqui caracterizei como uma

⁶⁹ O psicanalista Bernard Penot aborda a dificuldade de aceitação da castração (ausência de falo no Outro), através do conceito de recusa em duas principais obras: *Figuras da Recusa*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992 e *A paixão do sujeito freudiano*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

montagem fetichista na neurose. Mais do que buscar um termo adequado para designar a operação (recusa, desmentido, negação, renegação, forclusão), trata-se aqui de apresentá-la e oferecer elementos para a discussão, através de recortes clínicos.

Desta forma, o que queremos salientar é que, se o objeto precisa ser positivado, recuperado, através de possíveis representantes, é porque sua ausência foi constatada, mas não necessariamente aceita. Toda a operação talvez pudesse ser traduzida por: “Eu compreendo, mas não consigo, não tenho meios suficientes para lidar com a falta”, que se traduz por teimosia, insistência, rebeldia, atitudes estas tão francamente presentes no adolescente. Proponho chamar a atenção para esta modalidade de recusa, que não diz respeito exatamente a uma recusa da realidade, como nos casos de psicose, e também não necessariamente se coloca do lado de um funcionamento francamente perverso, mas, talvez, diga respeito ao modo como um funcionamento fetichista se imiscui na neurose.

A inconformidade com a realidade corporal (ausência do pênis-falo), talvez esteja mais do lado das jovens adolescentes que submetem seus corpos a esforços extremados, em busca de uma perfeição nunca alcançada, pois sempre haverá algo que não está bem. Ademais, chama a atenção o fato de esta inconformidade frequentemente dirigir-se à figura materna, numa modalidade reivindicatória que comportaria uma queixa do tipo “por que tu me fizeste assim tão incompleta”. Desta forma, pareceria haver algo de recusa em aceitar a incompletude materna, que redundaria na dificuldade em aceitar a incompletude do corpo próprio, incompletude esta que o recurso a diferentes objetos pode disfarçar.

Toda criança passa por um período de recusa da ausência de pênis na mulher, e a capacidade de superar a presença/ausência do pênis tem sua primeira matriz na maneira como é simbolizada pela criança a presença/ausência de sua própria mãe – jogo este que foi muito bem ilustrado na obra de Freud (1981q) pelo brinquedo de seu neto, o *fort-da*. O reconhecimento da ausência da mãe, como também da falta do órgão na metade dos humanos, é fonte de desprazer que a recusa tenta evitar. São as formas de superação deste impasse que vão determinar ou não o acesso à genitalidade – à fase fálica. Tanto o menino como a menina, primeiro, imaginam a mãe como detentora do falo, e é esta representação que compõe os elementos estáveis da descoberta freudiana do inconsciente que o autor nomeou de “representações de Coisa”. O falo, acrescenta Lacan (1985), é convocado a desempenhar, no inconsciente, o papel de um significante – o significante da falta⁷⁰. Essencialmente, a criança reconhece que aquilo que a mãe deseja é o que lhe falta e são as tentativas de resolução deste

⁷⁰ Ou seja, as representações de Coisa têm vocação para funcionar como significantes.

impasse que colocarão o pequeno sujeito a “trabalhar” e a determinar as diferentes modalidades sintomáticas. Sobre estas possíveis saídas sintomáticas, Freud (1981g) brindou-nos com o exemplo da fobia do pequeno Hans, conforme já indicamos. Porém, acrescentemos que tanto as saídas homossexuais como fetichistas ancoram-se também na necessidade de obter a decepção diante do corpo materno faltante.

A recusa, na adolescência, está relacionada à dificuldade de se defrontar com a redescoberta da falta no campo do Outro. Cai a onipotência das instâncias ligadas às figuras parentais que tudo sabem e tudo respondem. Defrontar-se com a falta no Outro provoca angústia, desamparo e vazio no adolescente, que buscará desvencilhar-se destes sentimentos das formas que lhe forem possíveis. Ele poderá operar as mais diversas manobras para fazer a economia da angústia e do sentimento de vazio depressivo. Por outro lado, ele pode também adotar uma postura de arrogância reivindicativa diante desta constatação, como uma outra forma de recusa que as versões imaginárias do falo (objetos do consumo), como pequenas rolhas fariam a tentativa de tamponar. Sustentáculos imaginários externos que lhe permitam manter-se circulando no laço social.

4.3 MODALIDADES DA RECUSA

O bebê humano, em seus primeiros contatos com o universo da linguagem, depara-se com dois níveis de discurso: aquele veiculado pela relação especular com o outro originário e o discurso veiculado pelo entorno social mais amplo, incluindo a figura do pai, discursos estes que nem sempre estão em consonância.

O acesso à fala por parte da criança não está ligado a uma geração espontânea, algo dado pela prontidão orgânica, pois ela é, antes de mais nada, tomada por uma matriz e, antes mesmo que ela pudesse emitir uma palavra, foi envolvida por um discurso⁷¹, apanhada num campo de significações que será determinante da sua relação com a realidade. Caracteriza-se, desta forma, o que podemos chamar de “antecedência do discurso parental”.

A diferença que se coloca entre as representações operadas pelo discurso materno e o discurso social – entre a imagem especular e a simbólica do discurso – pode operar vivências de estranheza com o próprio corpo. Nos casos mais graves, estas vivências podem resultar em recusa da realidade corporal. Também podem ocorrer experiências de estranheza passageiras, marcadamente em circunstâncias especiais da vida. Neste sentido, lembremos do caso de

⁷¹ Discurso aqui refere-se não somente às manifestações verbais, mas a todo um conjunto de significações que situam o pequeno *infans* primeiro no seio familiar e, depois, no meio social mais amplo.

Laura (citado na Introdução) que, diante da primeira experiência da maternidade, vive um episódio de estranhamento, ao vestir sistematicamente as roupas da mãe.

O interesse desta pesquisa não se dirige para os casos de estranheza psicótica; antes, para uma modalidade de funcionamento, em que o trânsito em torno de certa recusa da ausência do falo materno parece convocar o adolescente a fazer uma tentativa de positivação, através de objetos de escolha e compartilhamento coletivo. Isto estaria numa relação direta com a dificuldade de inscrição simbólica da diferença dos sexos, ou seja, da operação de castração e da aceitação da ausência do falo. Lembremos que, em tempos de narcisismos exacerbados, a lógica do falo onipresente é essencialmente de ordem narcísica.

A seguir, relaciono “figuras”, conforme nomeia Penot (1992), ou modalidades de aparição da recusa familiar que se traduz, num funcionamento mental compartilhado, como a não admissão ou o não reconhecimento de algum elemento da história, relativa àquele grupo social mais próximo ou mais amplo. Dou destaque àquelas figuras que se relacionam com os casos clínicos apresentados nesta tese.

A primeira modalidade à qual faço referência é a recusa em função da incoerência das mensagens advindas das figuras parentais: do lado do pai, advém uma mensagem, enquanto que, do lado da mãe, advém a mensagem oposta, ou vice-versa. Este modo de apresentação da recusa remete a um elemento comum da história de duas adolescentes, Adriana e Vitória, cujas mães “modernas” mantiveram, por um longo período, casamentos com homens que eram inferiores a elas em seu papel e reconhecimento sociais. Este era um assunto não falado nas famílias e que supostamente as mães aceitavam com “naturalidade” pouco disfarçada, pois o desvalor de seus maridos se fazia notar no tratamento doméstico que a eles destinavam: elas se dedicavam exclusivamente ao trabalho público, enquanto eles se ocupavam principalmente dos cuidados com a casa, filhos e alimentação. Desta forma, operava-se uma desigualdade que estas mães aceitavam em tese – serem casadas com maridos inferiores economicamente –, mas para o quê não demonstravam aceitação real; isso se manifestava, por exemplo, na desvalorização da palavra paterna, ou seja, trata-se do caso em que a figura materna “não admite” o lugar, a palavra, o desejo do pai. Enfim, não o reconhece.

Este é também um elemento encontrado no caso da adolescente Laura, cuja mãe exercia uma atividade profissional de reconhecimento nacional, enquanto o pai “desaparecia em sua sombra” e só comparecia com o nome que a mãe utilizava, para ser identificada publicamente. A tarefa paterna, neste caso, era a de oferecer as condições (a infraestrutura) para que a mãe dispusesse de maior desenvoltura a fim de desempenhar suas atividades profissionais; afora isto, sua ocupação era estritamente intelectual. A adolescente faz, a

princípio um movimento identificatório ao pai, buscando dedicar-se a estudos universitários bastante intelectualizados. Não leva muito tempo, depois de formada, para que abandone este projeto e vá auxiliar a mãe, no lugar do pai, na medida em que este havia se separado dela e, portanto, abandonado suas tarefas de auxiliar.

Nos três casos acima, opera, do lado da mãe (por coincidência, pois poderia ser do lado do pai), uma não admissão ou destituição dos valores do outro lado, por serem pais advindos de origem mais humilde. Isto se associa com um elemento da realidade atual, pois a mãe passa a ocupar um lugar mais valorizado social e financeiramente do que o pai. O efeito de estranheza da puérpera Laura se opera quando, diante do espelho, veste as roupas da mãe e quando percebe a agradável sonoridade das iniciais do nome de seu filho – nome que junta os sobrenomes de seu pai e de seu marido; ou seja, no exato momento em que cai o nome da mãe e ela nomeia um pai⁷².

A dupla mensagem de uma das figuras parentais que provoca efeito injuntivo para a geração dos filhos também pode aparecer sob outras formas. A mãe de Lucas, por exemplo, diz tratar os dois filhos da mesma forma, assim como os ama igualmente. Fica, desta forma, denegada a sua predileção pelo filho social e financeiramente melhor sucedido, que se desvela no sonho que ela refere. Lucas se apresenta como que se afogando diante da demanda materna, por não poder cumpri-la e, por outro lado, por não obter reconhecimento daquilo que ele conquista em nome próprio. Isto se associa a um elemento da história familiar da mãe que teve de empreender muitos esforços, para conquistar um lugar na família, pois não era uma filha em quem os pais apostassem muito. Pairava sobre ela uma desconfiança de fracasso. Com muito empenho consegue “ultrapassar” as irmãs depois de ter feito concurso para trabalhar em uma instituição financeira e nela haver construído uma carreira sólida. Associa-se também o fato de o pai de Lucas ter escolhido o mesmo destino profissional e não ter tido, porém, o mesmo sucesso da esposa. A comparação-diferença que se atualiza na dupla de filhos, numa projeção familiar que passa de uma geração a outra, pode ser verbalizada por ela não sem imediatamente ser remetida a sua história familiar e conjugal: colocação em discurso do imaginário familiar e da posição narcísica da mãe, que promove no filho um sentimento de fracasso, ao não corresponder ao ideal materno.

Em casos mais extremos, a onipotência inabalável de uma das figuras parentais ao não revelar algum fato que possa “denegrir” ou desvalorizar seu passado familiar ou pessoal, tal como uma falha inconfessável, provoca uma não integração psíquica de uma parte da herança

⁷² Esclarecemos que Laura não havia adotado o sobrenome do marido, por ocasião do casamento. Este sobrenome só aparece no momento do registro do primeiro filho.

histórica, por não admissão desses elementos. Por vezes, uma tradição familiar repetida inadvertidamente, ou um pensamento anterior já em funcionamento e sobre o qual não há interrogação – como, por exemplo, decidir a respeito da educação dos filhos, segundo critérios de praticidade e objetividade em detrimento de outros –, pode produzir sujeitos refêns de “uma outra cena” familiar (psicose).

Em todas estas modalidades de funcionamento familiar pareceria haver uma carência de pensamento e de discurso da família sobre si mesma. Conforme trabalhamos anteriormente, a dificuldade da família de constituição de uma narrativa própria, ou a obstrução deste processo, a incapacidade de contar – como refere Benjamin no texto *O narrador*, de 1994 –, lança a geração dos filhos numa insistência em torno do objeto. Vimos que as narrativas contemporâneas podem oferecer elementos que ajudam os jovens a dar estofa a uma história familiar, por vezes empobrecida de elementos simbólicos necessários para a constituição do mito familiar de cada sujeito.

De um modo mais amplo, o que esta lógica do encobrimento exclui da vida do sujeito e da vida social? A falta, a interrogação, a dúvida, o enigma, enfim, o campo simbólico – que são exatamente os elementos e as condições necessárias ao pensamento. Os meios de comunicação apresentam tudo já explicado, chapado, tornando o pensamento dispensável. O redundante é que isto não propicia alívio ao mal-estar existencial, aparta, porém, os sujeitos de sua essência.

O psicanalista Bernard Penot (2005) sugere que só poderia ser traumático para uma criança aquilo que é traumático para os pais, ou seja, aquilo que excede a sua capacidade de pensar e, portanto, não encontra representação simbólica possível. É a capacidade de construção de um mito familiar que se encontra comprometida. O sujeito em sofrimento é mantido impedido de ter acesso à compreensão de elementos de sua história através de um discurso intergeracional, pois as “fontes referenciais significativas” não estão colocadas a sua disposição. A dinâmica familiar provoca uma recusa persistente, que invalida a simbolização de certos acontecimentos de sua vida.

Para todas estas modalidades ou “figuras da recusa”, Penot (1992) sugere pensar em “carência fantasmática” o que, aliás, parece bastante oportuno, na medida em que é próprio da adolescência o franco processo de constituição do fantasma, que pode redundar até mesmo no seu inacabamento. Nos casos que aqui analisei, a deficiência na constituição fantasmática se enlaça a uma dificuldade familiar de restituição de uma verdade mítica; a família opera a rejeição de uma realidade histórica anterior que não pode ou não quer se reconhecida. Assim, frequentemente, as dificuldades desta ordem, no adolescente, remetem-se a prováveis

deficiências no seu entorno originário. Rodolfo (1990) propõe pensar nos elementos do mito familiar velados para uma geração subsequente, como um “arquivo não aberto”: elementos “escondidos”, não reconhecidos da história que funcionam como arquivos fechados, inacessíveis, para retomar a expressão utilizada por Rodolfo. O conteúdo deste arquivo compõe-se de elementos esquecidos, negados, calados, transformados, como também de elementos ficcionais. Acessar estes elementos míticos, significantes indispensáveis para a constituição subjetiva, auxilia na construção de um espaço que distancia o sujeito do corpo do Outro materno como também na constituição de um lugar próprio e do corpo próprio⁷³ para distanciar-se da possibilidade de ocupar o lugar de falo materno.

Desta forma, o que referimos aqui por recusa, por parte do adolescente, refere-se, no mais das vezes, a uma “não admissão” na geração dos pais de algum elemento da história familiar que opera efeito na geração subsequente. Dizendo de outro modo, caberia às figuras da geração precedente a possibilidade de pensar sua própria falta: que se reconheça faltante e possa transmitir o desejo. Nos casos que analisamos trata-se da dificuldade destas mães de colocarem em ação sua própria falta e de torná-la simbolizável para seu filho, significa dizer, operar o luto da onipotência. A necessária operação de castração do Outro materno permite assim que ele seja relativizado, mas para isto é necessário o suporte numa figura terceira (paterna). Lacan (1979), no *Seminário 11*, formaliza esta operação com o matema: significante da falta no Outro S(A barrado). Com isto ele quer salientar a forma como está presente no discurso da mãe sua própria falta, quando esta não está escamoteada. O contrário reduziria a margem de liberdade de funcionamento do sujeito (filho).

Isto nos faz pensar novamente na manifestação do consumo na adolescência, e na insistência do objeto (fetiche), como sendo da ordem de uma falta de liberdade, de uma inibição portanto, mais do que de um sintoma, quando o objeto fetiche vem a cumprir uma função apenas ortopédica, obnubilando a falta materna. Esta operação, contudo, manifesta de forma ambivalente que a completude é claudicante, como todo equipamento ortopédico tende a mostrá-lo. E, justamente por falhar na sua intenção, necessita ser reiterada sistematicamente, assim como o objeto precisa ser substituído indefinidamente.

Tomamos assim as manifestações de consumo excessivo na adolescência mais do lado das patologias comportamentais do que do lado de manifestações psicóticas ou de outra ordem e sugerimos a condição de possibilidade de constituição de um fantasma como saída da adolescência, e das modalidades específicas de recusa que aqui analisamos.

⁷³ Trabalhamos intensamente na introdução desta tese sobre a constituição do corpo na infância, separado do Outro materno, como também do “novo” corpo advindo da pós-adolescência.

A adolescência comportaria então o trabalho exigido pelo encontro da posição feminina por parte de todo o sujeito, ou seja, da diferença entre os sexos. Assim, recoloca-se na adolescência a redescoberta do significante da falta no Outro. Por que falo em redescoberta? Porque uma das fantasias sexuais infantis, muito bem demonstrada por Freud (1981g) com o relato do caso pequeno Hans, é a de que todos os humanos são portadores do pênis-falo. A fantasia infantil de completude se atualiza na puberdade sob a forma de complementaridade dos sexos, da fantasia da realização da completude conjugal. No entanto, é no início da atividade sexual do adolescente que este se defronta com a incompletude que o encontro sexual não para de inscrever. O objeto de consumo pode se colocar como uma forma moderna da tentativa de velamento fetichista desse impossível. A adolescência comporta, portanto, a perlaboração, diante do desvelamento do feminino. Lesourd (2004) nomeia as saídas sintomáticas deste trabalho da adolescência como “figuras da incompletude” e a “cristalização da patologia adulta se construirá privilegiando as dificuldades subjetivas diante de uma das figuras da incompletude.” (LESOURD, 2004, p. 49).

Lembro que a dificuldade do reconhecimento da diferença entre os sexos pode produzir saídas variadas. A acentuação, pelo fenômeno pubertário, das características que marcam a diferenciação sexual – crescimento dos seios, dos pelos –, pode provocar a adoção, tanto por parte dos meninos como das meninas, de roupas *unissex*, resultando numa aparência andrógina.

Lesourd (2004) toma então a recusa mais como recusa do feminino e a concomitante manutenção de uma relação infantil com o objeto que preserva a mãe originária. A este respeito, lembremos do caso de Gustavo, que remete à manutenção da imago da mãe originária, na figura da mulher forte que insiste nos seus sonhos.

Contudo, outras modalidades de relação com a falta podem se apresentar no sacrifício do corpo na adolescência, principalmente por parte das meninas, seja na academia, seja na eterna insatisfação com a relação às roupas, com relação a um fio de cabelo fora do lugar, que podem associar-se à busca da ausência do defeito que reatualiza, a todo instante, a falta no próprio corpo e no Outro.

Uma questão que ainda resta: por que estas modalidades de recusa que sugerimos tomar como um funcionamento, em que o objeto fetiche toma um caráter particular, embora não se trate propriamente de um fetichismo, não derivaram para a psicose ou mesmo para a perversão?

Para a psicanálise, o período de latência, que ocorre depois da circulação pelo complexo de Édipo até a entrada na puberdade, coincide com uma renúncia temporária de

satisfação das moções pulsionais sexuais sob um modo direto. Pode-se dizer então que a latência coincide com a aquisição das capacidades sublimatórias, conforme refere Penot. (PENOT, 2005). A qualidade desta capacidade sublimatória do período de latência, dará indícios da “força do eu”, para suportar a desestabilização que a puberdade impõe com a nova avalanche de energias pulsionais. Trata-se de diferenciar se são “sublimações verdadeiras” em que o recalque não teria uma participação essencial ou se são defesas oriundas do recalque dos representantes pulsionais e, portanto, do retorno do recalcado em forma de sintoma.

É necessário destacar que Freud (1981) associa o processo sublimatório com as pulsões sexuais inibidas quanto ao seu objetivo, definindo-o como um processo que consiste numa mudança no modo de satisfação. É, portanto, uma via de satisfação importante para o adolescente, diante da efervescência pulsional que a puberdade impõe.

Neste sentido, pareceria que um “direcionamento” sublimatório, por parte das autoridades parentais, funcionaria melhor do que a recriminação superegoica. Lembremos aqui do caso Lucas, para salientar esta diferença entre um superego repressivo parental e aquilo que pode ser transmitido como um “saber gozar pulsional”⁷⁴ que o adolescente percebe como sendo acessível a ele, além de apreciado e recomendado pela autoridade parental. Neste sentido pareceria que “dar exemplo” ao adolescente, através de um saber-fazer com a realidade, funcionaria melhor em termos educativos para o consumo do que a repressão superegoica.

Na continuidade entre as gerações opera-se um jogo entre repetição e diferença. Os jovens inscrevem, com mais ou menos sofrimento, alguma diferença (que no caso de Lucas não é reconhecida) num mundo mais velho, ao mesmo tempo em que fazem outras tantas repetições (aí sim reconhecidas no caso de Lucas, mas como de autoria dele e, portanto, superegoicamente reprovadas).

Da mesma forma, a história de Vitória dá indícios sobre a maneira pela qual o outro parental terá sabido se “desfazer”, ceder de seus objetos como também se prestar à operação de simbolização de seu rebento. Neste caso, o investimento pulsional parental sobre seu “único” objeto parece não ter tido suficiente qualidade sublimatória, produzindo uma modalidade de recusa parental, que insiste na filha adolescente.

Quais soluções pulsionais o sujeito será capaz de colocar em operação diante do drama existencial que a adolescência implica? Certamente entrará em jogo a capacidade dos jovens de se entregar a atividades sublimatórias à sua disposição, e a tarefa dos adultos será de abrir e

⁷⁴ Expressão utilizada por Penot (2005).

incentivar o acesso a satisfações pulsionais em lugar de pura descarga, como, por exemplo, através do consumo alienado conjunto, excitatório, quase aditivo. A possibilidade do adolescente de se enganchar num projeto, seja ele profissional, amoroso ou intelectual, será diferente se nisto estiver incluído o reconhecimento pelo adulto parental e não somente pelo social. De qualquer modo, nunca é demasiado lembrar que, para o pulsional, não haverá satisfação integral.

Desta forma, em contraste com a inibição da pulsão, poderiam se abrir novas margens de “negociação”, permitindo ao jovem um ganho de liberdade e novos destinos que permitirão também um ganho subjetivo. Neste sentido, é necessário o cuidado de não incentivar as inibições, nem sufocar os “desvios” pulsionais – posições estas muito comuns diante da atividade do consumo – mas antes lançar interrogações e buscar arejar com análises desapaixonadas.

Lugar das significações primeiras, dentro das quais o sujeito poderá se orientar e adquirir consistência, este Grande Outro (familiar), junto com seu caráter compósito e sua coerência mais ou menos incerta, irá constituir a primeira ancoragem das inevitáveis dificuldades encontradas por todos, para se construir como um sistema simbólico de conjunto, e se organizar em uma fantasmática pessoal. (PENOT, 1992, p. 165).

Nos casos dos adolescentes aqui analisados, é esta possibilidade de orientação e aquisição de consistência, a partir das significações e dos referenciais oferecidos pelo Outro familiar, que parece estar evanescida ou não aceita. O jovem, por estar exatamente atravessando o processo de constituição fantasmática, encontra dificuldade dupla na consecução deste projeto: naquilo que ele necessita sistematicamente apoiar-se para fortalecer esta construção, sistematicamente insiste em não se oferecer à simbolização, por certa recusa de significação e de valor.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto cidadania, 2005.
- ALBERTI, Sônia. **Esse Sujeito Adolescente**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 1999.
- _____. **O Adolescente e o Outro**. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- APPOA. Deslocamentos das referências: o trabalho do apelo. In: **O Valor Simbólico do Trabalho**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 151-156.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BACKES, Carmen. **O Que é Ser Brasileiro?** São Paulo: Escuta, 2000.
- _____. O fóbico e seu acompanhante. **Revista da APPOA**: Psicopatologia do espaço e outras fronteiras. Porto Alegre, nº 22, p. 30-7, ago. 2002.
- _____. Patricinha ou largada: as identificações na adolescência. **Revista da APPOA**: Clínica da adolescência. Porto alegre, nº 23, p. 31-40, dez. 2002.
- _____. O que funda o sujeito. **Revista da APPOA**: Fundamentos da psicanálise. Porto Alegre, nº 31, p. 115-22, dez. 2006.
- _____. O estatuto do objeto. **Correio da APPOA**. Porto Alegre. nº 162, p. 8-14, out. 2007.
- _____. **A Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. **A Aventura Semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECKER, Ângela Langaro. POLI, Maria Cristina. Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother, (Org.). **Adolescência e Psicanálise**: intersecções possíveis. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, p. 133-146.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- _____. **Obras Escolhidas**. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1997. v. 2.
- _____. **Obras Escolhidas**. Charles Baudelaire – Um Lírico no Auge do Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. 3.

_____. **Passagens**. In: Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CABISTANI, Roseli Maria Olabariaga. **Sentidos da Função Paterna na Educação**. 125 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, Porto Alegre: 2007.

_____. A economia da angústia na adolescência. In: **Revista da APPOA: Clínica da angústia**. Porto Alegre, nº 36, p. 85-92, jan./jun.2009.

CALLIGARIS, Contardo. **Hipótese Sobre o Fantasma**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. **Crônicas do Individualismo Cotidiano**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, Simone. **No Shopping**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASTRO, Lúcia Rabello de. **Infância e Adolescência na Cultura de Consumo**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1998.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CORIAT, Elsa. **Psicanálise e Clínica de Bebês**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

CORSO, Diana e Mário. **Fadas no Divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006

COSTA, Ana. Obra de Elida Tessler – Doador (1999). In: HERNÁNDEZ, Andrés I. Martín; SOARES, Carolina (Coord.). **Catálogo do MAM: Obras comentadas da coleção do Museu de Arte Moderna de São Paulo**. São Paulo, fev. 2007.

_____. **A ficção do Si Mesmo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

_____. **Corpo e Escrit.**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Tatuagem e Marcas Corporais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. (Org.) et. al. **Adolescência e Experiências de Borda**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. Produções em psicanálise e seus impasses. In: **Revista da APPOA: Onde fala um analista**. Porto Alegre, nº 29, p. 140-147, dez. 2005.

DOR, Joël. **A-Cientificidade da Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DUFOUR, Dany-Robert. **A Arte de Reduzir as Cabeças**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FÈDIDA, Pierre. **Nome, Figura e Memória: a Linguagem na Situação Analítica**. São Paulo: Escuta, 1991.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em Discurso: mídia e produção de subjetividade**. 297 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, Porto Alegre: 1996,

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica, In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 209-276, 1981a, v.1.

_____. Análise fragmentária de uma histeria, In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 933-1002, 1981b, v.1.

_____. Três ensaios para uma teoria sexual. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1172-1237, 1981c. v.2.

_____. O poeta e os sonhos diurnos. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1343-1348, 1981d. v.2 .

_____. O caráter e o erotismo anal. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1354-1357, 1981e. v.2.

_____. A novela familiar do neurótico. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1361-1363, 1981f. v. 2 .

_____. Análise da fobia de um menino de cinco anos. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1365-1440, 1981g. v. 2

_____. Análise de um caso de neurose obsesiva. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1441-1486, 1981h. v. 2.

_____. Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1577-1619, 1981i. v. 2.

_____. Sobre um tipo especial de eleição de objeto no homem. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1625-1630, 1981j. v. 2.

_____. Tótem e tabú. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 1745-1850, 1981k. v. 2.

_____. As pulsões e seus destinos. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2039-2052, 1981l. v. 2.

_____. O recalque. In: **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2053-2060, 1981m. v. 2.

_____. Vias de formação de sintomas. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2345-2357, 1981n. v. 2 .

_____. Uma recordação infantil de Goethe em “Poesia e verdade”. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2437-2443, 1981o. v. 3.

_____. Bate-se numa criança. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2465-2480, 1981p. v. 3.

_____. Mais além do princípio do prazer. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2507-2541, 1981q. v. 3.

_____. Psicología das massas e análise do eu. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2563-2610, 1981r. v. 3.

_____. A organização genital infantil. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2698-2700, 1981s. v. 3.

_____. Inibição, sintoma e angústia. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2833-2883, 1981t. v. 3.

_____. A negação. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2884-2886, 1981u. v. 3.

_____. Fetichismo. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2993-2996, 1981v. v. 3.

_____. O mal estar na cultura. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 3017-3099, 1981x. v. 3.

_____. Novas lições introdutórias à psicanálise. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 3101-3206, 1981y. v. 3.

_____. O por que da guerra. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 3207-3217, 1981z. v. 3.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano? In: **Revista da USP**. São Paulo: nº 15, p. 44-47, set/nov. 1992.

_____. **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GOLDENBERG, Ricardo. (Org.). **Goza! Capitalismo, Globalização e Psicanálise**. Salvador: Ágalma, 1997.

_____. Notas sobre a inibição. In: **Revista da APPOA: Clínica da angústia**. Porto Alegre, nº 36, p. 139-41, jan./jun.2009.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos – O Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JERUSALINSKY, Alfredo. Papai não trabalha mais. In: APPOA. **O Valor Simbólico do Trabalho**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 35-49.

_____. **Seminários III**. Publicação da USP/Instituto de Psicologia/Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida. São Paulo, 2004.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás Teu Pai e Tua Mãe**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2000.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KEHL, Maria Rita. **A Fratria Órfã**. São Paulo: Olho d'Água, 2009. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br>> . Acesso em: 10/02/2010.

LACAN, Jacques. **O Mito Individual do Neurótico**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.

_____. El estadio del espejo. In: **Escritos**. México: Siglo Veintiuno Editores, p. 86-93, 1984. v.1.

_____. Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In: **Escritos**. México: Siglo Veintiuno Editores, p. 227-310. 1984. v. 1.

_____. Ciência e verdade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: p. 869-892, Zahar, 1998.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: p. 29-90, Zahar, 2003.

_____. **Seminário 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. **Seminário 3**: As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Seminário 4**: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **Seminário 7**: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **Seminário 8**: A transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. **Seminário 10**: Angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Seminário 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Seminário 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Seminário 20: Mais, ainda.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário da Psicanálise.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LESOURD, Serge. **A Construção Adolescente no Laço Social.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MARX, Karl. **O Capital.** O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Livro I, Volume 1.

MATHEUS, Tiago C. **Adolescência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MELMAN, Charles. **O Homem Sem Gravidade.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PENOT, Bernard. **A Paixão do Sujeito Freudiano: entre pulsionalidade e significância.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

_____. **Figuras da Recusa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PINHO, Gerson Smiech. Sobre a clínica psicanalítica com crianças. In: BACKES, Carmen (Org.). **A Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

POLI, Maria Cristina. **Clínica da Exclusão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. Construção da fantasia, constituição do fantasma. In: BACKES, Carmen (Org.). **A Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

_____. Família – uma quase resenha. **Correio da APPOA.** Porto Alegre. Nº 112, p. 51-63, abr. 2003.

POMMIER, Gerard. Da passagem literal do objeto ao moedor do significante. In: MELMAN, Charles. et al. **O Significante, a Letra e o Objeto.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004, p.119-126.

PORGE, Erik. **Transmitir la Clínica Psico-Analítica.** Buenos Aires: Nueva Vision, 2007.

RAMOS, Liz Nunes. Intercâmbio estudantil: uma nova tentativa de interdição. **Revista da APPOA: Angústia: vide bula.** Porto Alegre, nº 34, p. 42-50, jan./jun.2008.

RASSIAL, Jean-Jacques. **A Passagem Adolescente.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

_____. **O Adolescente e o Psicanalista.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RICKES, Simone Moschem. Entre a sujeição e o domínio, vibra a posição sujeito. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre: v. 19, nº 2, p. 15-24, mai./ago. 2007.

RODULFO, Ricardo. **O Brincar e o Significante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SENNETT, Richard. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUSA, Edson. A vida entre parênteses. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, nº 80, p. 13-23, jun. 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-Vindo ao Deserto do Real!** São Paulo: Boitempo, 2003.